Sexta-feira, 17 de julho de 2026 **I Série — Número 112**

DIÁRIO
da Assembleia da República

XVII LEGISLATURA 1.ª SESSÃO LEGISLATIVA (2025-2026)

REUNIÃO PLENÁRIA DE 16 DE JULHO DE 2026

Presidente: Ex.mo Sr. José Pedro Correia de Aguiar-Branco

Secretários: Ex.mos Srs. Francisco Maria Gonçalves Lopes Figueira
José António Ribeiro de Carvalho
Joana Fernanda Ferreira de Lima
Maria Germana de Sousa Rocha

S U M Á R I O

O Presidente declarou aberta a sessão às 15 horas e 29 minutos.

Foi aprovado um parecer da Comissão Eventual de Verificação de Poderes dos Deputados Eleitos relativo à assunção de mandato de um Deputado do PS.

Procedeu-se ao debate sobre o estado da Nação, tendo proferido a intervenção de abertura o Primeiro-Ministro (Luís Montenegro).

Seguiram-se no uso da palavra, a diverso título, além do Primeiro-Ministro, os Deputados André Ventura (CH), Hugo Soares (PSD), José Luís Carneiro (PS), Mariana Leitão (IL), Isabel Mendes Lopes (L), Paulo Raimundo (PCP), Paulo Núncio (CDS-PP), Fabian Figueiredo (BE), Inês de Sousa Real (PAN), Filipe Sousa (JPP), Pedro Pinto (CH), Mariana Vieira da Silva (PS), Joana Cordeiro (IL), Marta Martins da Silva (CH), Miguel Cabrita (PS), Rodrigo Saraiva (IL), Maria José Aguiar (CH), Sofia Pereira (PS), Eduardo Teixeira (CH), Catarina Louro (PS), Miguel Rangel (IL), Francisco Gomes (CH), Francisco César (PS), Vanessa Barata (CH), Carlos Guimarães Pinto (IL), Emanuel Câmara (PS), Patrícia Carvalho (CH), Paula Santos (PCP), Filipa Pinto (L), Ricardo Carvalho (PSD), Luís Graça (PS), Paulo Muacho (L), João Pinho de Almeida (CDS-PP), Jorge Miguel Teixeira (IL), Rita Matias (CH), Ana Gabriela Cabilhas (PSD), Jorge Pinto (L), Cristina Rodrigues (CH), Bárbara do Amaral Correia (PSD), Francisco Sousa Vieira (PSD), Eva Brás Pinho (PSD), Marco Claudino (PSD), Eurico Brilhante Dias (PS), Emídio Guerreiro, Cristóvão Norte e Alexandre Poço (PSD).

No encerramento do debate, interveio o Ministro da Economia e da Coesão Territorial (Manuel Castro Almeida).

O Presidente (Marcos Perestrello) encerrou a sessão eram 20 horas e 18 minutos.

O Sr. **Presidente**: — Boa tarde, Sr.as e Srs. Deputados.

Vamos dar início à nossa sessão de hoje.

Eram 15 horas e 29 minutos.

Peço às autoridades para abrirem as portas das galerias.

Peço ao Sr. Secretário da Mesa o favor de dar nota de uma informação.

O Sr. **Secretário** (Francisco Figueira): — Anuncio à Câmara que se encontram disponíveis, nos suportes institucionais da Assembleia da República, o conjunto de iniciativas que deram entrada nos serviços desde a nossa última sessão plenária.

Temos também um parecer da Comissão de Transparência e Estatuto dos Deputados no sentido da assunção de mandato por Hernâni Vítor Ferreira Loureiro, eleito pelo círculo eleitoral de Braga, que cumpre os requisitos legais e produz efeitos a partir do dia 12 de julho de 2026, inclusive, passando a ocupar, a título definitivo, o lugar deixado vago em virtude da renúncia ao mandato por parte do Deputado Pedro Miguel Pereira de Sousa.

É tudo, Sr. Presidente.

O Sr. **Presidente**: — Vamos então dar início aos nossos trabalhos, o debate sobre o estado da Nação.

Informo a Câmara que a primeira intervenção será feita pelo Sr. Primeiro-Ministro. Depois, haverá uma primeira ronda, em que serão feitas questões pela ordem que está expressa na ordem do dia, e uma segunda ronda, em função das inscrições feitas pelos Srs. Deputados. Está bem compreendido? A primeira ronda é pré-determinada e a segunda ronda é em função das inscrições e da ordem de inscrição.

Pedia atenção e dava a palavra, para a intervenção inicial, ao Sr. Primeiro-Ministro, quem cumprimento, bem como aos restantes membros do Governo.

O Sr. **Primeiro-Ministro** (Luís Montenegro): — Sr. Presidente, Sr.as e Srs. Deputados: O Governo está a cumprir o compromisso de trabalhar sempre mais para que, em cada debate do estado da Nação, o País esteja melhor do que estava no ano anterior. Foi o que aconteceu em 2024, foi o que aconteceu em 2025, é o que está a acontecer em 2026 e é o que vai acontecer nos próximos anos.

O Sr. **Bruno Ventura** (PSD): — Muito bem!

O Sr. **Primeiro-Ministro**: — Para prestarmos contas, é útil recordar o ponto de onde partimos, porque, neste caso, há quem não tenha direito ao esquecimento. Não tem direito ao esquecimento quem agora exige aos outros, e para ontem, o que ele próprio não foi capaz de fazer em oito anos.

Aplausos do PSD e do CDS-PP.

E também não tem direito ao esquecimento quem criticou as políticas do passado e agora vive de alianças descaradas nesta Assembleia com os protagonistas desse passado,…

Aplausos do PSD e do CDS-PP.

… desejando que, no essencial, nada mude e tudo fique na mesma.

Mas, apesar do oportunismo político desses esquecidos, o País está a mudar e não quer nem vai voltar ao que era antes.

O Sr. **Paulo Núncio** (CDS-PP): — Isso!

O Sr. **Primeiro-Ministro**: — Portugal não quer e não vai voltar a ser o País estagnado, cativado, avesso às reformas e capturado por agendas ideológicas imobilistas e estatizantes.

Vozes do PSD: — Muito bem!

O Sr. **Primeiro-Ministro**: — Portugal e os portugueses não querem voltar a ter um País em que o desinvestimento era a palavra de ordem: desinvestimento nas carreiras dos profissionais da educação, da saúde, da justiça ou das forças de segurança; desinvestimento nos serviços públicos que encontrámos em situação de pré-colapso; desinvestimento nas infraestruturas muitas vezes adiadas.

Portugal e os portugueses não querem o regresso de um Estado lento e burocrático. Portugal e os portugueses não querem que se repita a sangria de jovens para o estrangeiro, sem que o País invista para os reter, assim como também não querem que os nossos idosos fiquem mais fragilizados e tenham de escolher entre a mercearia e a farmácia.

Vozes do PSD: — Muito bem!

O Sr. **Primeiro-Ministro**: — Portugal e os portugueses não querem, com toda a clareza, o regresso da imigração descontrolada, desumanizada e sem preocupação de integração.

Aplausos do PSD e do CDS-PP.

E, definitivamente, Portugal e os portugueses não querem o regresso do aumento dos impostos que comprimiram o rendimento das famílias e das empresas.

Aplausos do PSD e do CDS-PP.

Este País que encontrámos há dois anos e três meses estava muito longe de ser o País que nos diziam.

Vozes do PS: — Estava melhor!

O Sr. **Primeiro-Ministro**: — O INE (Instituto Nacional de Estatística) publicou as estatísticas da população residente, revendo os anos de 2021 a 2024 e apurando o ano de 2025. Os números destaparam verdades escondidas dos Governos do Partido Socialista e permitem-nos tirar conclusões politicamente muito relevantes. O descontrolo migratório foi muito maior do que estava refletido nas estatísticas oficiais. Entre 2021 e 2024, a população estrangeira residente aumentou em cerca de 800 000 pessoas. Em apenas três anos, mais do que duplicou. Cresceu muito, cresceu muito depressa e cresceu sem controlo. E, pior do que isso, os Governos do Partido Socialista não prepararam o País, os serviços e as infraestruturas para servirem uma população que, neste momento, é de 11 400 000 pessoas.

É também por isso — não é só por isso, mas é também por isso — que o aumento de 354 000 utentes com médico de família não é suficiente;…

Vozes do PSD: — Muito bem!

O Sr. **Primeiro-Ministro**: — … que o aumento em 5300 profissionais que entraram no SNS (Serviço Nacional de Saúde) também não é suficiente; que os mais de 5000 professores que entraram no sistema de ensino público pela primeira vez também não é suficiente; que os mais de 300 mediadores culturais que colocámos nas escolas para a integração das crianças e migrantes também não são suficientes;…

Aplausos do PSD e do CDS-PP.

… que as 20 000 habitações públicas que já entregámos também não são suficientes.

A pressão acrescida que sentimos nas áreas da saúde, da habitação e da escola pública, só para citar estes três exemplos, é fruto da irresponsabilidade da governação que nos antecedeu.

Protestos do PS.

E, Sr. Deputado José Luís Carneiro, impõe-se perguntar: O Sr. Deputado sabia ou não sabia desta realidade?

Aplausos do PSD e do CDS-PP.

É que, durante os dois últimos anos, o Partido Socialista escondeu o jogo e veio aqui exigir resultados que tinha a noção que eram muito difíceis de atingir.

Protestos do PS.

Volto a perguntar: Todos os Srs. Deputados da bancada do Partido Socialista sabiam ou não sabiam?

Aplausos do PSD e do CDS-PP.

Estes números do INE destaparam outra realidade sobre os verdadeiros resultados económicos dos Governos que nos antecederam.

O Sr. **Miguel Cabrita** (PS): — Não temos Primeiro-Ministro! Portugal não tem Primeiro-Ministro!

O Sr. **Primeiro-Ministro**: — Afinal, nem a riqueza *per capita* cresceu tanto como nos diziam, nem as narrativas da recuperação pós-pandemia e da convergência com a Europa correspondiam totalmente à realidade e à verdade dos factos. Esta realidade escondida torna ainda mais estranha a cooperação da coligação negativa do Partido Socialista com o Chega neste Parlamento.

O Chega, que tanto criticava a vertigem socialista, lança-se agora — sem que se perceba se é por convicção, por imaturidade ou irresponsabilidade, ou se tudo isto em simultâneo — para os braços do Partido Socialista e com ele decide coligar-se para governar a partir da Assembleia da República em matérias como o IRS (imposto sobre o rendimento das pessoas singulares), as portagens, as propinas, o prémio salarial, as pensões, o IVA (imposto sobre o valor acrescentado) da eletricidade, e ainda tentam fazê-lo invadindo o poder executivo na área da segurança e da defesa.

Aplausos do PSD e do CDS-PP.

Protestos do CH.

Srs. Deputados, os Deputados José Luís Carneiro e André Ventura bem podem rivalizar na irresponsabilidade, mas seguem juntos também na velha tática socrática segundo a qual, mais do que avaliar a substância, é preciso criar uma narrativa. Vai daí, incapazes de contrapor políticas coerentes e consistentes, quais seguidores dessa escola, querem impor uma narrativa de forma repetida e estafada — «o Governo e o Primeiro-Ministro são insensíveis, são desumanos, não têm empatia», e esperam que a repetição, por mais infantil que seja, lhes dê vencimento de causa.

O Sr. **Bruno Ventura** (PSD): — Ora aí está!

O Sr. **Primeiro-Ministro**: — Mas não percebem, tal como sucedeu com o autor desta tática, que chumbam categoricamente no teste da realidade.

O Sr. **Eurico Brilhante Dias** (PS): — Chumba!

O Sr. **Primeiro-Ministro**: — Onde estava o Deputado José Luís Carneiro quando os Governos do Partido Socialista limitavam o acesso ao complemento solidário para idosos àqueles que tinham de contar com o rendimento dos seus filhos para poderem aceder a uma prestação dessa natureza?

Aplausos do PSD e do CDS-PP.

Protestos do PS.

Onde estavam os Deputados do Partido Socialista quando o IRS Jovem era apenas para licenciados e para quem tinha mestrados?

Aplausos do PSD e do CDS-PP.

Protestos do PS.

O Sr. **Primeiro-Ministro**: — Onde estavam os Deputados do Partido Socialista quando o passe social para andar nos transportes públicos era apenas para jovens estudantes e não para os jovens que trabalham?

Aplausos do PSD e do CDS-PP.

Protestos do PS.

E onde estava a empatia do Deputado André Ventura quando queria cortar prestações sociais não contributivas a viúvos ou a crianças só porque eram estrangeiros?

Aplausos do PSD e do CDS-PP.

A Sr.ª **Rita Matias** (CH): — E imigrantes!

O Sr. **Primeiro-Ministro**: — Ou quando queria descer a idade da reforma para alguns agora, quando isso podia significar cortar as pensões para todos no futuro?

Aplausos do PSD e do CDS-PP.

Protestos do CH.

Ou quando pôs todos os contribuintes portugueses a pagar as portagens daqueles que passam de forma indiscriminada nas autoestradas para onde decidiram isenções, em particular os contribuintes portugueses a pagar os automóveis estrangeiros e de cidadãos estrangeiros?

Aplausos do PSD e do CDS-PP.

Vozes do CH: — Vergonha!

O Sr. **Primeiro-Ministro**: — E onde está a sensibilidade social e a justiça social dos dois quando, em vez de nos acompanharem no reforço da ação social dos estudantes do ensino superior e defenderem connosco o alargamento do IRS Jovem para todos, querem duplicar o apoio para aqueles jovens que, já depois de terem a ação social e o IRS Jovem, também podem ter a devolução daquilo que pagaram das propinas?

Aplausos do PSD e do CDS-PP.

Srs. Deputados, estas duas forças políticas querem mesmo discutir a sensibilidade social com quem, como nós, atribuiu a comparticipação de medicamentos a 100 % para todos os idosos que têm dificuldade?!

Aplausos do PSD e do CDS-PP.

Para quem aumentou três vezes o complemento solidário para idosos?! Para quem decidiu a isenção de IMT (imposto municipal sobre as transmissões onerosas de imóveis) e de imposto do selo para jovens até aos 35 anos na compra da primeira habitação?!

Aplausos do PSD e do CDS-PP.

Para quem criou o passe ferroviário verde por 20 € mensais, para quem devolveu justiça no IRS Jovem ou nos passes sociais, só para citar alguns exemplos?!

O Sr. **Hugo Soares** (PSD): — Muito bem!

O Sr. **Primeiro-Ministro**: — Srs. Deputados, em matéria de sensibilidade social, humanidade e empatia, os resultados já foram publicados: PSD e CDS não apregoam, praticam; o Chega e o PS enchem a boca de proclamações, mas praticam a injustiça, a irresponsabilidade e a insensibilidade social.

Aplausos do PSD e do CDS-PP.

Srs. Deputados, o Governo trabalha todos os dias,…

O Sr. **Miguel Matos** (PS): — É uma canseira!

O Sr. **Fabian Figueiredo** (BE): — Nem dormem!

O Sr. **Hugo Soares** (PSD): — Oiçam, pá!

O Sr. **Primeiro-Ministro**: — … com os portugueses, para realizar o nosso potencial enquanto Nação.

Apesar da conjuntura internacional, temos hoje uma economia mais robusta, que cresce acima da média da União Europeia e da zona euro.

O Sr. **Eurico Brilhante Dias** (PS): — Oh!…

O Sr. **Primeiro-Ministro**: — Temos dois anos com excedente orçamental. Temos a dívida pública a descer abaixo de 90 % do nosso produto,…

O Sr. **Fabian Figueiredo** (BE): — E descer acima?!

O Sr. **Primeiro-Ministro**: — … o que acontece pela primeira vez em 16 anos. Temos o *rating* da República a melhorar a cada semestre. Temos taxas de emprego historicamente altas e de desemprego historicamente baixas. Os salários líquidos cresceram em dois anos quase 15 %, mais concretamente 14,9 %.

Aplausos do PSD e do CDS-PP.

O Sr. **André Ventura** (CH): — É uma loucura!

O Sr. **Pedro dos Santos Frazão** (CH): — Os vossos salários cresceram! Isso é verdade!

O Sr. **Primeiro-Ministro**: — O risco de pobreza, embora elevado, é o mais baixo em 20 anos.

Temos preservado a estabilidade económica, financeira e social, mesmo num mundo marcado pela instabilidade, pelos conflitos e pelas convulsões. Temos uma imigração regulada e humanista. Temos empresas mais internacionalizadas, temos universidades que formam talento reconhecido, temos capacidade científica, tecnológica e empresarial para competir com os melhores.

Vozes do PSD: — Muito bem!

O Sr. **Primeiro-Ministro**: — Tivemos, em 2025, um volume de captação de investimento estrangeiro equivalente àquele que tivemos há 30 anos com a instalação da Autoeuropa em Palmela.

O Sr. **Pedro Vaz** (PS): — Também foi este Governo?

O Sr. **Primeiro-Ministro**: — Temos gerações altamente qualificadas, sobretudo a dos jovens que agora se estão a lançar no mercado de trabalho.

O grande desafio do nosso tempo é, pois, transformar todo este potencial em prosperidade, em qualidade de vida para cada cidadão e para o País como um todo. E é por isso que estamos a transformar Portugal.

Estamos a transformar Portugal para aliviar a carga fiscal sobre as famílias e as empresas.

O Sr. **Eurico Brilhante Dias** (PS): — Às famílias não!

O Sr. **Primeiro-Ministro**: — Pela primeira vez em democracia, com equilíbrio e com redução da dívida,…

O Sr. **Miguel Matos** (PS): — Com o aumento do ISP (imposto sobre os produtos petrolíferos e energéticos)!

O Sr. **Primeiro-Ministro**: — … decidimos quatro reduções de IRS em dois anos, mais de 2 mil milhões de euros devolvidos aos contribuintes e às famílias portuguesas; decidimos a descida gradual do IRC (imposto sobre o rendimento das pessoas coletivas) até 2028 e aprovámos dois Orçamentos do Estado sem aumentar nem criar um único imposto — um único imposto!

Aplausos do PSD e do CDS-PP.

O Sr. **Miguel Matos** (PS): — E o ISP?!

O Sr. **Primeiro-Ministro**: — Estamos a transformar Portugal para libertar os portugueses do peso burocrático que lhes complica a vida e limita a sua capacidade empreendedora, tornando a sua relação com o Estado mais simples e mais próxima. É uma jornada quotidiana, permanente, mas que já tem alguns resultados.

A Sr.ª **Sofia Pereira** (PS): — Onde estão?

O Sr. **Primeiro-Ministro**: — A transformação digital na Segurança Social, para dar um exemplo, já retirou 3 milhões de atendimentos às filas nas respetivas repartições,…

Aplausos do PSD.

… a Carteira Digital da Empresa, o AMALIA (Assistente Multimodal Automático de Linguagem com Inteligência Artificial), o nosso modelo de inteligência artificial em português,…

O Sr. **Fabian Figueiredo** (BE): — É um sucesso!…

O Sr. **Primeiro-Ministro**: — … a nova lei do Tribunal de Contas; a revisão do Código dos Contratos Públicos, tudo medidas para simplificarem e melhorarem a relação das pessoas, das famílias e das empresas com a Administração Pública.

O Sr. **Pedro dos Santos Frazão** (CH): — Fale da saúde!

O Sr. **Primeiro-Ministro**: — Estamos a transformar Portugal para criar condições para uma maior produtividade, crescimento económico e criação de riqueza para que se possa pagar efetivamente melhores salários.

O Sr. **Pedro dos Santos Frazão** (CH): — Fale da saúde!

O Sr. **Primeiro-Ministro**: — Já conseguimos um dos maiores aumentos de rendimento líquido real das famílias em toda a OCDE (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico); o aumento do salário mínimo para 920 € em 2026, rumo aos 1100 € no final da legislatura; e a assinatura de 47 — são mesmo 47, talvez hoje o 48.º esteja a caminho — acordos de valorização salarial no âmbito da Administração Pública.

Estamos a transformar o País para termos uma Nação segura, onde a justiça funciona, com autonomia estratégica na defesa, na energia, nas comunicações, nas infraestruturas críticas, mas também com segurança alimentar e sustentabilidade ambiental.

A Agenda Anticorrupção, o mecanismo de perda alargada de bens,…

O Sr. **Daniel Teixeira** (CH): — Quais bens?

O Sr. **Primeiro-Ministro**: — … a revisão do Código de Processo Penal, o reforço do policiamento de proximidade e de videovigilância, o investimento em 2 % do nosso Produto na área da defesa, assumindo finalmente o cumprimento de um compromisso que datava de 2014, o programa Água que Une com as suas barragens e charcas.

Protestos do PS e do CH.

Sim, mais de 400 charcas servem o interesse dos territórios, das famílias que lutam em cada região para se manterem e para manterem a economia viva. É, Srs. Deputados.

Aplausos do PSD e do CDS-PP.

Não descurem, Srs. Deputados. Ainda ontem, foi publicado o concurso para a barragem de Girabolhos para resolver um problema estrutural da região centro e do rio Mondego,…

Aplausos do PSD e do CDS-PP.

… o reforço da transição energética e das redes de comunicação.

É, Srs. Deputados, é transformar Portugal para termos um país moderno, competitivo, conectado pelas vias digitais, mas também pela ferrovia, pela rodovia e pelas nossas capacidades portuárias e aeroportuárias.

O Sr. **Francisco César** (PS): — Que grande artista!

O Sr. **Primeiro-Ministro**: — O lançamento do novo aeroporto, da terceira travessia sobre o Tejo, a aquisição de 195 novos comboios, a Linha de Alta Velocidade, o Passe Ferroviário Verde e a privatização parcial da TAP (Transportes Aéreos Portugueses) é tudo aquilo que está a acontecer neste momento em Portugal.

Mas, Srs. Deputados, estamos a transformar o País para que seja mais solidário, mais justo, que combata a pobreza e a exclusão. Por isso, aumentámos o complemento solidário para idosos três vezes.

O Sr. **Fabian Figueiredo** (BE): — Outra vez?!

O Sr. **Primeiro-Ministro**: — Por isso, a comparticipação a 100 % dos medicamentos. Por isso, os suplementos extraordinários de pensões. Por isso, a aprovação da prestação social única.

Srs. Deputados, também estamos a transformar o País, é verdade, para garantir serviços essenciais com qualidade.

O Sr. **Fabian Figueiredo** (BE): — E os exames nacionais?

O Sr. **Primeiro-Ministro**: — Na saúde, com mais 5000 novos profissionais no SNS; com o aumento da oferta por via da complementaridade daqueles que são os equipamentos públicos com os equipamentos da área social e do setor privado; com a criação das urgências regionais; com a reforma e o reforço dos recursos do INEM (Instituto Nacional de Emergência Médica);…

O Sr. **Pedro Pinto** (CH): — Do INEM é melhor não falar!

O Sr. **Primeiro-Ministro**: — … com o aumento das respostas assistenciais e com mais prevenção.

Na educação,…

Vozes do PS: — Ah!

O Sr. **Primeiro-Ministro**: — … na valorização e na atração de professores para a escola pública, mais de 84 000 docentes neste momento tiveram condições para progredir nas carreiras, coisa que não estava salvaguardada no início dos nossos Governos.

Aplausos do PSD e do CDS-PP.

Hoje, 63 % dos professores estão ou no 7.º ou acima do 7.º escalão. É quase o dobro daquilo que era há dois anos.

A Sr.ª **Ana Gabriela Cabilhas** (PSD): — Muito bem!

O Sr. **Fabian Figueiredo** (BE): — Não havia as condições de agora!

O Sr. **Primeiro-Ministro**: — E apoiámos, pela primeira vez, os professores com uma verba quando estão deslocados da sua área de residência. Apostámos ainda na revisão dos conteúdos da disciplina de Cidadania…

O Sr. **Fabian Figueiredo** (BE): — Ah! E a mudança do logo? Foi uma mudança estrutural!…

O Sr. **Primeiro-Ministro** — … e na proibição do uso de telemóveis nas escolas; no novo Regime Jurídico das Instituições de Ensino Superior; na criação da Universidade de Leiria e Oeste e da Universidade Técnica do Porto; na criação da Agência para a Investigação e Inovação.

O Sr. **Hugo Soares** (PSD): — Muito bem!

O Sr. **Primeiro-Ministro** — E na habitação? Com o aumento da oferta pública, já há 20 000 habitações entregues no âmbito do programa Construir Portugal. E, com o aumento da oferta por via de uma política fiscal amiga do investimento, reduzimos o IVA para 6 % na construção, reduzimos o IRS no arrendamento e também

o aumento da dedução à coleta dos inquilinos. Quanto aos jovens, estão isentos de IMT e imposto do selo na compra da primeira casa, com o regime de garantia pública. Além disso, reforçámos o programa Porta 65.

Srs. Deputados, eu bem sei, esta é uma lista longa…

O Sr. **Fabian Figueiredo** (BE): — Porque a repetiu!

O Sr. **Primeiro-Ministro** — … e estou apenas a ser exemplificativo. Os Srs. Deputados reagem, mas isto foi aquilo que fizemos nestes dois anos, apenas nestes dois anos. Dois anos, de resto, em que tivemos eleições pelo meio, com fenómenos climáticos extremos, com instabilidade internacional e com a estagnação dos principais motores económicos da Europa. Dois anos em que temos encontrado, muitas vezes, obstáculos daqueles que são imobilistas ou populistas, que muitas vezes se aliam para travar este ímpeto reformista. É que, Srs. Deputados, muitos falam de reformas, mas poucos têm coragem de reformar.

Aplausos do PSD e do CDS-PP.

O Sr. **Rui Tavares** (L): — Está a falar de quem?

O Sr. **Primeiro-Ministro** — Este comportamento ficou bem patente a propósito da agenda para o trabalho, chumbada por falta de coragem nesta Câmara.

Disse e repito as vezes que forem necessárias: para o Governo, as pensões são mesmo sagradas…

O Sr. **Fabian Figueiredo** (BE): — Outra vez?

O Sr. **Primeiro-Ministro** — … e tudo o que as puser em causa é inegociável.

Aplausos do PSD e do CDS-PP.

Não posso deixar de referir um conjunto de circunstâncias e acontecimentos que impactaram e, em alguns casos, ainda impactam a sociedade portuguesa, a ação do Governo e a magnitude daquilo que aconteceu face àquilo que nos devemos preparar para ter, no futuro.

No ano passado, um inesperado apagão, com origem em Espanha, alastrou-se a Portugal.

O Sr. **Fabian Figueiredo** (BE): — Ah…!

Protestos do Deputado do PSD Bruno Ventura.

O Sr. **Primeiro-Ministro**: — Após um verão de incêndios persistentes e violentos, em janeiro e fevereiro deste ano, tempestades com ventos de velocidades históricas assolaram o País, causando danos sem precedentes. Fomos, como todo o mundo foi, afetados pela crise dos preços causada pelo conflito do Médio Oriente.

A todos estes embates respondemos com sentido de urgência, mas sempre com uma gestão prudente, com equilíbrio e, sobretudo, com sensibilidade social. No caso das tempestades, respondemos com urgência e serenidade, acorrendo de imediato às empresas e às famílias afetadas, e criámos apoios para os sectores da agricultura, das florestas, das pescas e da cultura.

Contudo, o Governo não quer que o País volte novamente à estaca zero e, por isso, lançou o PTRR (Portugal Transformação, Recuperação e Resiliência),…

O Sr. **Fabian Figueiredo** (BE): — Ah…!

O Sr. **Primeiro-Ministro**: — … constituído por investimentos que melhoram a resiliência e a competitividade do País no futuro, numa parceria muito estreita com os territórios, os municípios e as Comissões de Coordenação e Desenvolvimento Regional.

Protestos do Deputado do PS Pedro Vaz.

Quanto à crise geopolítica no Médio Oriente, Portugal foi dos primeiros países a tomar medidas, logo seis dias após o início do conflito.

O Sr. **Fabian Figueiredo** (BE): — A apoiar a guerra!

O Sr. **Primeiro-Ministro**: — Mantivemos o desconto temporário do ISP que existia e acrescentámos a devolução, em ISP, do adicional correspondente da receita do IVA, para que o Estado não lucrasse um cêntimo com o aumento dos preços; relançámos o programa da botija solidária,…

Protestos do Deputado do PCP Alfredo Maia.

… aumentando o apoio de 15 € para 25 € por garrafa de gás; avançámos com um mecanismo extraordinário de gasóleo profissional nos transportes públicos, de mercadorias e do agroalimentar; diferimos o pagamento das contribuições à Segurança Social a operadores de transporte; e atribuímos ainda apoios extraordinários às IPSS (Instituições Particulares de Solidariedade Social), às associações humanitárias de bombeiros e aos táxis.

Srs. Deputados, este é, como sabem também, o contexto internacional mais desafiante desde o fim da Guerra Fria.

O Sr. **André Ventura** (CH): — Ah, pensei que era desde a Segunda Guerra Mundial!

O Sr. **Primeiro-Ministro**: — Enfrentamos desafios externos, que nos trazem ameaças e incertezas: guerra na Europa, instabilidade no Médio Oriente,…

O Sr. **Pedro Pinto** (CH): — E o gasóleo?!

O Sr. **Primeiro-Ministro**: — … conflitos comerciais, ingerências externas, através da desinformação e de ataques cibernéticos, ameaças às infraestruturas críticas, criminalidade organizada e tráfico de droga. São muitos desafios, que impõem uma Nação unida nas suas convicções, nos seus princípios e nos seus valores; uma Nação coerente,…

Protestos do PS.

… confiável e consistente, que está onde sempre esteve, credora da sua vocação atlântica,…

O Sr. **Pedro Pinto** (CH): — Credora, não!

O Sr. **Primeiro-Ministro**: — … europeísta e universalista; uma Nação atuante na Europa, na NATO (North Atlantic Treaty Organization), na CPLP (Comunidade dos Países de Língua Portuguesa) ou nas Nações Unidas, na defesa do multilateralismo, da competitividade económica, mas também dos direitos humanos e da preservação do nosso planeta.

A justa posição de Portugal ficou bem patente na sua eleição como membro não permanente do Conselho de Segurança das Nações Unidas.

Aplausos do PSD.

Temos 900 anos de história e de memória. Sabemos quais são os nossos interesses estratégicos.

O Sr. **Jorge Miguel Teixeira** (IL): — Quais?!

O Sr. **Primeiro-Ministro**: — Sabemos quem são os nossos aliados. Sabemos quais são os vetores da nossa política externa.

Sr. Presidente, Sr.as e Srs. Deputados, o diálogo político também faz parte da identidade deste Governo. É essa capacidade de diálogo que permite que haja reformismo com estabilidade política.

Quando as oposições se conseguem desprender dos seus umbigos políticos e da arrogância e intransigência das suas posições, é possível estarmos juntos, a bem de Portugal, sem ninguém perder a sua identidade nem o valor da diferença democrática.

O Sr. **Hugo Soares** (PSD): — Muito bem!

O Sr. **Primeiro-Ministro**: — Aconteceu com o Partido Socialista, nos Orçamentos, no novo aeroporto, na reforma do Tribunal de Contas ou na Prestação Social Única. Aconteceu com o Chega, no IRC, na imigração, nos incentivos fiscais ao arrendamento. Isto é a democracia a funcionar.

O Sr. **Francisco César** (PS): — Afinal, a oposição é boa a funcionar!

O Sr. **Primeiro-Ministro**: — Isto é o exercício da responsabilidade política.

Protestos do BE.

Isto é a salvaguarda do interesse nacional, que devia nortear sempre todos os partidos políticos com representação nesta Câmara.

Vozes do PSD: — Muito bem!

O Sr. **Primeiro-Ministro**: — É certo que nos cabe a tarefa de governar. Fomos escolhidos pelo povo para governar e escolhemos, em nome do povo, cumprir o nosso compromisso.

Protestos da Deputada do PS Marina Gonçalves.

Governar significa olhar para além do momento.

Protestos de Deputados do PS.

Governar significa avançar sem intrigas, sem equívocos, sem distrações, sem politiquices. Governar significa pensar nas consequências das decisões de hoje, a curto, médio e longo prazos.

O Sr. **Fabian Figueiredo** (BE): — Ora, ora!

Protestos do Deputado do CH Pedro dos Santos Frazão.

O Sr. **Primeiro-Ministro**: — Governar significa reformar sem medo,…

O Sr. **Paulo Núncio** (CDS-PP): — Muito bem!

O Sr. **Primeiro-Ministro**: — … mas com a moderação e o sentido de responsabilidade que a mudança exige. Governar significa proteger o interesse nacional, mesmo quando a decisão não agrada a todos, mas constitui a melhor opção para o futuro.

É para governar pelos interesses do futuro de Portugal e dos portugueses que vamos continuar a trabalhar.

Aplausos do PSD e do CDS-PP, de pé.

O Sr. **Presidente**: — Temos agora a primeira ronda…

Protestos do BE e do Deputado do CH Pedro Pinto e contraprotestos do Deputado do PSD Maurício Marques.

Srs. Deputados, o debate é com o Governo. Temos agora a primeira ronda, de 5 minutos para cada grupo parlamentar, para fazerem as respetivas perguntas ao Governo, sendo que a primeira intervenção é do Sr. Deputado André Ventura, do Chega. Tem a palavra, Sr. Deputado.

O Sr. **André Ventura** (CH): — Sr. Presidente, Sr. Primeiro-Ministro, cumprimento-o a si e ao seu Governo, chegado este debate do estado da Nação.

Queria começar por lhe dizer o óbvio: é muito estranho e caricato que o Sr. Primeiro-Ministro consiga chegar ao estado da Nação sem dizer uma palavra sobre o que preocupa a Nação, sem dizer uma palavra sobre os assuntos que estão a preocupar e a prejudicar a Nação.

O Sr. **Pedro Pinto** (CH): — Muito bem!

Protestos de Deputados do PSD.

O Sr. **André Ventura** (CH): — Portanto, o seu discurso aqui hoje podia ter sido o de 2025, o de 2024, o de 2023, até francamente parecido com o do seu antecessor, António Costa,…

O Sr. **Pedro Pinto** (CH): — É verdade!

Protestos do PSD.

O Sr. **André Ventura** (CH): — … que vinha aqui, falava de tudo menos daquilo que estava a acontecer e saía daqui com aplausos da sua bancada, a saudá-lo pelo que não tinha feito e pelo que não estava a acontecer.

Aplausos do CH.

Protestos do Deputado do PSD Fernando Queiroga.

Ora, disse o Sr. Primeiro-Ministro, apontando para a bancada do Chega: «Muitos falam de reformas, mas poucos a querem fazer». Está enganado, Sr. Primeiro-Ministro!

O Sr. **Hugo Soares** (PSD): — Não está, não!

O Sr. **André Ventura** (CH): — Muitos falam de reformas, mas poucos a fazem tão mal como o Governo da AD (Aliança Democrática)! Poucos a fazem tão mal! Poucos!

Aplausos do CH.

Poucos primeiros-ministros conseguem, francamente, ausentar-se três vezes para ir ao campeonato mundial de futebol, nos Estados Unidos da América, enquanto…

Aplausos de Deputados do CH.

Protestos do PSD e contraprotestos do CH.

O Sr. **Presidente**: — Sr. Deputado,…

O Sr. **Pedro Pinto** (CH): — Têm de ouvir! Têm de ouvir! É verdade! Têm de ouvir!

O Sr. **Presidente**: — Srs. Deputados, vamos ouvir o Sr. Deputado fazer as suas perguntas. Tem estado muito barulho na Sala, Srs. Deputados. Também durante a intervenção do Sr. Primeiro-Ministro houve barulho na Sala.

Vozes do PSD: — Ah!

O Sr. **Presidente**: — Eu não interrompi, porque é sempre desagradável interromper o raciocínio do orador, mas temos de dar condições para que todos possam falar…

O Sr. **Hugo Soares** (PSD): — As mesmas que o Sr. Primeiro-Ministro teve!

O Sr. **Presidente**: — … e, portanto, agora é o Sr. Deputado André Ventura. Faça favor.

O Sr. **André Ventura** (CH): — Poucos primeiros-ministros — penso que é o único da Europa e do mundo — se deslocaram três vezes para o campeonato mundial de futebol, enquanto o país ardia.

Temos, ao dia de hoje, mais de 30 000 ha de área ardida, a maior desde 2017,…

Protestos de Deputados do PSD.

… e o Sr. Primeiro-Ministro colocou o País em alerta e viajou para os Estados Unidos, para ir ver o campeonato mundial de futebol.

Aplausos do CH.

O Primeiro-Ministro tinha os exames, de que, aliás, ignorou falar durante este debate, os professores e os alunos em caos e viajou para o campeonato mundial de futebol dos Estados Unidos.

O Sr. Primeiro-Ministro tinha uma crise brutal, gigantesca na Administração interna e viajou para os Estados Unidos.

Portanto, ó Sr. Primeiro-Ministro, eu não sei se foi o amuleto da Seleção Nacional ou não — é claro que não foi, porque fomos eliminados, mal pôs os pés nos Estados Unidos —, mas também deixe-me dizer-lhe que isto é prova de outra coisa: nós queremos um Primeiro-Ministro não para ir aos jogos da Seleção Nacional de futebol, é para trabalhar por Portugal! Para trabalhar por Portugal!

Aplausos do CH.

Protestos do PSD e do Deputado do L Paulo Muacho.

Em segundo lugar, os exames nacionais. O Sr. Primeiro-Ministro ignorou falar do óbvio.

Protestos do Deputado do PSD Joaquim Barbosa.

O Sr. Primeiro-Ministro disse que a culpa e as falhas eram dos professores. Algo inaceitável, quando teve o aviso de que esta plataforma não ia funcionar bem, não estava a funcionar bem e o Sr. Primeiro-Ministro, em vez de tranquilizar alunos, professores, pais e comunidade escolar, disse que a culpa era deles.

O Sr. **Pedro Pinto** (CH): — Insensível!

Protestos do Deputado do PSD Hugo Carneiro.

O Sr. **André Ventura** (CH): — Já nem vou ao Sr. Ministro da Educação, que diz para as famílias serem menos imprudentes a marcar férias na altura dos exames nacionais.

O Sr. **Pedro Pinto** (CH): — Vergonha!

O Sr. **André Ventura** (CH): — Isto, Sr. Primeiro-Ministro, é mais do que qualquer amuleto. Isto é uma vergonha nacional! Uma vergonha nacional, a que o Primeiro-Ministro deve responder!

Aplausos do CH.

Protestos de Deputados do PSD.

O seu Ministro da Administração Interna evita responder a perguntas a que tem de responder, ameaça Deputados e ameaça partidos da oposição.

Protestos do PSD.

O Sr. **Pedro Pinto** (CH): — É verdade! Têm de ouvir! Têm ouvir!

O Sr. **João Antunes dos Santos** (PSD): — Chora! Chora!

O Sr. **André Ventura** (CH): — Intimida…

Protestos do PSD.

A Sr.ª **Rita Matias** (CH): — Têm de se dar ao respeito! Têm de se dar ao respeito!

Continuação de protestos do PSD.

O Sr. **Presidente**: — Faça favor de continuar, Sr. Deputado. Se não conseguir, eu volto a interromper.

Continuação de protestos do PSD.

A Sr.ª **Rita Matias** (CH): — Podem ameaçar à vontade!

O Sr. **André Ventura** (CH): — O Sr. Ministro da Administração Interna intimida jornalistas e ameaça jornalistas.

Risos e protestos do PSD.

E, enquanto o PSD se ri desta situação, a pergunta é: Sr. Primeiro-Ministro, mantém ou não a confiança…

O Sr. **Pedro Pinto** (CH): — Muito bem!

O Sr. **André Ventura** (CH): — … no seu Ministro da Administração Interna para continuar a governar em Portugal?

Aplausos do CH.

Depois, Sr. Primeiro-Ministro, deixe-me terminar esta intervenção com outro assunto, de que devia ter falado e não falou e que preocupa milhões de pessoas em casa: a saúde.

O Sr. Primeiro-Ministro diz que fez reformas — péssimas, todas elas, ou até agora todas péssimas.

Risos do Deputado do CH Pedro Pinto.

Deixe-me lembrar-lhe: em 2025, havia 1,56 milhões de pessoas sem médico de família.

Protestos do PSD.

Em maio deste ano, havia 1,67 milhões de pessoas sem médico de família; mais 103 000, em meio ano do seu Governo, sem médico de família. No fim de 2025, tínhamos 1 milhão e 56 mil utentes à espera de uma primeira consulta. Aumentou mais 17 % este ano, enquanto o seu Governo estava em funções. Até a oncologia, em que o Sr. Primeiro-Ministro disse que ia atuar rapidamente, tem hoje 65 % dos utentes que esperam para lá do tempo máximo de espera.

Sr. Primeiro-Ministro, isto é um Governo em degradação acelerada,…

O Sr. **Pedro Pinto** (CH): — Muito bem!

O Sr. **André Ventura** (CH): — … é um Governo em decomposição acelerada e talvez, Sr. Primeiro-Ministro, deva mesmo perguntar ao Parlamento se ainda mantém a confiança no seu Governo. Muito obrigado.

Aplausos do CH.

O Sr. **Presidente**: — Vou dar agora a palavra ao Sr. Primeiro-Ministro para responder e, portanto, espera-se que também tenha condições para ser ouvido.

O Sr. **Pedro Pinto** (CH): — Tem de dizer isso à bancada do PSD!

O Sr. **Presidente**: — Faça favor, Sr. Primeiro-Ministro.

O Sr. **Primeiro-Ministro**: — Sr. Presidente, Sr.as e Srs. Deputados, Sr. Deputado André Ventura, o Sr. Deputado tem, de facto, uma conceção sobre o debate do estado da Nação, essa sim, muito peculiar e caricata, porque, para o Sr. Deputado, o estado da Nação é o estado dos órgãos de informação, no dia em que o debate se realiza.

Vozes do PSD: — Muito bem!

O Sr. **Primeiro-Ministro**: — Para o Sr. Deputado, sem embargo da necessidade de o Governo esclarecer as suas políticas, as suas decisões e ser escrutinado pela sua ação,…

O Sr. **Pedro dos Santos Frazão** (CH): — Responda!

O Sr. **Primeiro-Ministro**: — … é sempre tudo, tudo muito pouco importante, porque a importância só está na notícia do momento,…

O Sr. **André Ventura** (CH): — Não, importante é falar sobre as coisas!

O Sr. **Primeiro-Ministro**: — … na sua preocupação do momento.

Aplausos do PSD e do CDS-PP.

Por isso, o Sr. Deputado não falou de impostos,…

O Sr. **André Ventura** (CH): — Vamos falar!

O Sr. **Primeiro-Ministro**: — … o Sr. Deputado não falou de salários, o Sr. Deputado não falou de investimento,…

Protestos de Deputados do CH.

… o Sr. Deputado não falou de habitação, o Sr. Deputado não falou das políticas de educação como um todo, o Sr. Deputado não falou da mobilidade, o Sr. Deputado não falou de segurança, de justiça, de sensibilidade social, de empatia.

Protestos do CH.

Não, o Sr. Deputado só se interessa pelos casos do momento. Sr. Deputado, é legítimo e é democrático, eu só estou a anotar. Só estou a anotar a sua visão sobre o estado da Nação.

O Sr. **Francisco Gomes** (CH): — Não responde a nada!

O Sr. **Primeiro-Ministro**: — Agora, Sr. Deputado, deixe-me dizer-lhe que o Primeiro-Ministro não foi aqui acusado pela sua parte de ter faltado a nenhuma das suas obrigações,…

O Sr. **André Ventura** (CH): — Faltou, faltou!

O Sr. **Primeiro-Ministro**: — … mesmo quando está e esteve fora do País. O Sr. Deputado não foi capaz de dizer um ato que devesse ter sido praticado presencialmente pelo Primeiro-Ministro aqui,…

Aplausos do PSD e do CDS-PP.

Protestos de Deputados do CH.

… uma ação que devesse ter sido feita ou o acompanhamento de uma matéria.
O Sr. Deputado, talvez inspirado por uma visão egocêntrica,…

O Sr. **André Ventura** (CH): — Ir ao NOS Alive é que é importante!

O Sr. **Primeiro-Ministro**: — … entende que o Governo é sempre, só e apenas o Primeiro-Ministro. Não, o Governo é o Primeiro-Ministro, é a sua liderança, é a sua coordenação e depois são os Ministros, são os Secretários de Estado e são as respostas que todos dão, de forma organizada, de forma coordenada, de forma articulada.

Aplausos do PSD e do CDS-PP.

Não obstante as situações mais delicadas com que fomos confrontados, não deixámos de estar onde devíamos e achávamos que devíamos estar.

O Sr. **André Ventura** (CH): — Maior área ardida desde 2017!

O Sr. **Primeiro-Ministro**: — Sr. Deputado André Ventura, a ausência dessa imputação é o melhor reconhecimento de que a sua alegação não tem nenhuma sustentação.

O Sr. **André Ventura** (CH): — Sobre os exames nacionais!

O Sr. **Primeiro-Ministro**: — Sr. Deputado, se eu mantenho a confiança política no Sr. Ministro da Administração Interna? Com certeza, Sr. Deputado! Plenamente!

Aplausos do PSD.

Protestos do CH.

A Sr.ª **Rita Matias** (CH): — Claro, com a Spinumviva, tem de ser!

O Sr. **Primeiro-Ministro**: — Plenamente! No Sr. Ministro da Administração Interna e em todos os Ministros e Secretários de Estado. Essa pergunta é uma pergunta retórica. O Sr. Deputado sabe que o pressuposto para estar no Governo é precisamente a confiança que o Primeiro-Ministro deposita nos membros do seu Governo.

A Sr.ª **Rita Matias** (CH): — Ou será o dossiê que ele tem?!

O Sr. **Primeiro-Ministro**: — Agora, Sr. Deputado, não diga, porque não é verdade, que o Sr. Ministro da Administração Interna ameaçou quem quer que seja…

O Sr. **André Ventura** (CH): — Não é verdade?! É verdade!

O Sr. **Primeiro-Ministro**: — … e intimidou quem quer que seja.

Protestos do CH.

Em matéria de ameaças e intimidações a adversários políticos, os senhores dão aulas a qualquer um. Nós não temos, nem queremos aprender com isso.

Aplausos do PSD e do CDS-PP.

O Sr. Ministro da Administração Interna não cometeu nenhuma ilegalidade…

A Sr.ª **Rita Matias** (CH): — Não…!

O Sr. **Primeiro-Ministro**: — … o Sr. Ministro da Administração Interna não prejudicou o interesse público…

A Sr.ª **Rita Matias** (CH): — Não…!

O Sr. **Primeiro-Ministro**: — … nem privilegiou o interesse público face a qualquer interesse particular. O Sr. Ministro da Administração Interna, naturalmente, prestará democraticamente todos os esclarecimentos…

Protestos de Deputados do CH.

… e será alvo do escrutínio político e democrático que devemos, de forma madura, realizar nesta Assembleia e no debate político.

O Sr. **André Ventura** (CH): — E os exames?!

O Sr. **Primeiro-Ministro**: — Sr. Deputado, no que diz respeito aos exames, o Sr. Ministro da Educação, Ciência e Inovação tem dado informação, todos os dias.

Protestos de Deputados do CH e de Deputados do PS.

Nós sabemos que nem tudo correu bem, mas sabemos que esta transformação digital vai trazer melhorias para a vida dos estudantes, das famílias portuguesas e também para o sistema educativo e para os seus profissionais. Não há, na nossa história democrática, um Governo, um Primeiro-Ministro e um Ministro que tenham dado tanta preferência e prioridade ao estatuto dos docentes, para poderem cumprir, de forma concentrada, na escola, a sua função.

Aplausos do PSD e do CDS-PP.

O Sr. **Presidente**: — O Sr. Deputado André Ventura pediu a palavra. Para que efeito?

O Sr. **André Ventura** (CH): — Para uma interpelação à Mesa, Sr. Presidente.

Vozes do PSD: — Oh!

O Sr. **Presidente**: — Para uma interpelação à Mesa. Como é do conhecimento das Sr.as Deputadas e dos Srs. Deputados, farei uma interpretação sempre restritiva e que vá ao encontro da figura. É para que efeito?

O Sr. **André Ventura** (CH): — Sr. Presidente, o Sr. Primeiro-Ministro disse aqui, no Plenário,...

O Sr. **Presidente**: — Mas é para que efeito?

O Sr. **André Ventura** (CH): — Vou dizer-lhe. O Sr. Primeiro-Ministro disse que esta bancada intimidou políticos...

O Sr. **Presidente**: — Para que efeito, Sr. Deputado?

Protestos do PSD.

Tem de dizer para que efeito. É sobre a condução dos trabalhos?

Protestos de Deputados do PSD.

Srs. Deputados, este é o momento que é entre o interpelante e o Presidente.

O Sr. **André Ventura** (CH): — É para uma interpelação à Mesa, Sr. Presidente.

O Sr. **Presidente**: — É o momento em que é entre o interpelante e o Presidente.

O Sr. **André Ventura** (CH): — É para uma interpelação à Mesa sobre a condução dos trabalhos.

O Sr. **Presidente**: — Portanto, eu estou a perguntar ao Sr. Deputado qual é a intenção da interpelação à Mesa. Se é sobre a condução dos trabalhos, é a mim que tem de dizer onde é que a condução dos trabalhos está a ser posta em causa.

O Sr. **André Ventura** (CH): — Durante estes trabalhos, Sr. Presidente,…

O Sr. **Presidente**: — Sim…

O Sr. **André Ventura** (CH): — … o Sr. Primeiro-Ministro acusou esta bancada de intimidar…

O Sr. **Presidente**: — Eu ouvi, eu ouvi.

O Sr. **André Ventura** (CH): — Ouviu e não diz nada? E não diz nada?

O Sr. **Pedro Pinto** (CH): — Ouviu, diga alguma coisa!

O Sr. **Presidente**: — O Sr. Deputado vai ter… O Sr. Deputado, em relação… é para interpelar e dizer que eu devia ter feito qualquer coisa? É isso?

O Sr. **André Ventura** (CH): — Não, Sr. Presidente, é para lhe pedir que…

Protestos do PSD.

… através dos seus préstimos, o Sr. Primeiro-Ministro possa entregar à Mesa as ameaças que o Chega alguma vez lhe fez a ele ou ao seu Governo.

Aplausos do CH.

Protestos de Deputados do PSD.

O Sr. **Presidente**: — Não, Sr. Deputado, é assim: o Sr. Deputado vai ter… Já referi uma vez que cada Deputado tem o tempo de intervenção para poder fazer o contraditório, para poder pedir esclarecimentos, para poder fazer aquilo que é normal, no debate político. A figura da interpelação à Mesa sobre a condução dos trabalhos não deve ser, digamos, usada de forma que não é aquela para a qual está destinada. Terão tempo para poder questionar o Sr. Primeiro-Ministro em relação a esta matéria.

O Sr. **Primeiro-Ministro**: — Sr. Presidente, peço a palavra.

O Sr. **Presidente**: — Sr. Primeiro-Ministro, faça favor. É para uma interpelação à Mesa?

O Sr. **Primeiro-Ministro**: — Sr. Presidente, nos mesmos termos do orador anterior.

O Sr. **Presidente**: — Mas é assim, Sr. Primeiro-Ministro, pedia-lhe o respeito realmente pela figura, que dava um bom exemplo. Faça favor.

O Sr. **Primeiro-Ministro**: — Muito bem, Sr. Presidente. Então, para ser ainda mais direto, é para responder à interpelação que acabou de lhe ser feita,…

Protestos de Deputados do CH.

… colaborando, com isso, para o exercício da coordenação dos trabalhos. Sr. Presidente, é só para, através de V. Ex.ª, poder dar à Câmara a informação a que me referia, embora seja visível a olho nu e audível…

O Sr. **Presidente**: — Sr. Primeiro-Ministro, pedia-lhe…

O Sr. **Primeiro-Ministro**: — … que basta a consulta do *Diário da Assembleia da República*…

Continuação de protestos do CH.

O Sr. **Presidente**: — Sr. Primeiro-Ministro!

O Sr. **Primeiro-Ministro**: — … para perceber o conteúdo daquilo que eu quis transmitir.

Aplausos do PSD e do CDS-PP.

Continuação de protestos do CH.

O Sr. **Presidente**: — Sr. Primeiro-Ministro, pedia-lhe para não usar a figura para esse efeito.

Eu já referi na Conferência de Líderes — e vou fazer o mesmo, para a próxima Sessão Legislativa — que esta situação do uso da interpelação à Mesa para um efeito a que não se destina não vai acontecer seguramente, na próxima sessão.

Infelizmente, a interpretação é sempre feita de forma a contornar a lealdade parlamentar e depois, a igualdade tem de ser dada para todos e, por isso, o debate democrático tem de ter essas armas iguais. Contudo, eu pedia para já, e para esta sessão também, que não fosse usada a figura para aquilo que não é a que se destina.

O Sr. **Hugo Soares** (PSD): — Então, mas isto não foi uma distribuição de documentos…?

O Sr. **Presidente**: — Sr. Deputado Hugo Soares, tem a palavra, para questionar o Primeiro-Ministro. Faça favor.

O Sr. **Hugo Soares** (PSD): — Sr. Presidente, Sr.as e Srs. Deputados, Sr.as e Srs. Membros do Governo, Sr. Primeiro-Ministro, estamos no debate do estado da Nação, o Sr. Primeiro-Ministro dirigiu-se à Câmara e ao País discorrendo longamente, durante a sua intervenção inicial, sobre os resultados da governação. A verdade é que o debate do estado da Nação se deve prestar a isso mesmo: fazermos uma comparação entre como estava a Nação, quando V. Ex.ª começou a governar, e como hoje apresenta os resultados.

Protestos do Deputado do PS Francisco César.

Não deixa de ser curioso, mas eu antecipo que a intervenção do Deputado José Luís Carneiro há de ser muito parecida. De resto, o Deputado André Ventura normalmente diz, à segunda-feira, aquilo que o Deputado José Luís Carneiro repete à terça.

Protestos de Deputados do PS.

Hoje vai dar-se o mesmo caso. Nenhum deles vai querer discutir se o País está ou não está em máximos de emprego e em mínimos de desemprego.

Protestos do Deputado do PS Eurico Brilhante Dias.

Nenhum deles vai querer discutir se temos um rácio da dívida pública como não tínhamos há muitos e muitos anos. Nenhum deles vai querer discutir se estamos ou não estamos a crescer acima da média da zona euro.

Protestos de Deputados do CH.

Nenhum deles, Sr. Primeiro-Ministro, vai querer discutir se os salários estão ou não estão a aumentar,…

Protestos da Deputada do CH Madalena Cordeiro.

… se as pensões aumentaram ou não, se nós aumentamos ou não, extraordinariamente, as pensões mais baixas.

Eles querem, de facto, Sr. Primeiro-Ministro, discutir o pequeno caso do dia ou da semana.

A Sr.ª **Sofia Pereira** (PS): — Pequeno caso?!

O Sr. **Hugo Soares** (PSD): — A razão é muito simples e eu atrevo-me, Sr. Primeiro-Ministro, até a antecipar a intervenção do Deputado José Luís Carneiro sobre essa matéria. A razão é esta, Sr. Primeiro-Ministro: contra factos, contra números, contra evidências, nem o populismo nem a demagogia têm argumentos. Eu vou repetir: contra factos, nem o populismo nem a demagogia têm argumentos.

Aplausos do PSD e do CDS-PP.

E eu dei por mim, Sr. Primeiro-Ministro, e quase que me apetecia não responder, mas achei muito curioso que um dos ataques violentíssimos, Sr. Primeiro-Ministro, que o Governo abanou todo, foi o do Deputado André Ventura, acusando o Sr. Primeiro-Ministro de insensibilidade social por ter acompanhado a Seleção Nacional nos jogos no campeonato mundial de futebol, que agora decorre.

O Sr. **Pedro Pinto** (CH): — Também foste!

O Sr. **Hugo Soares** (PSD): — E lembrei-me — o Sr. Primeiro-Ministro estava no exercício das funções de Primeiro-Ministro — e lembrei-me do Deputado André Ventura, quando era candidato às eleições europeias em 2019. Quando devia estar a debater com os outros candidatos na televisão pública, onde é que estava o Deputado André Ventura?

A Sr.ª **Rita Matias** (CH): — Era um contrato!

O Sr. **Hugo Soares** (PSD): — Eu vou ler a notícia de 2019: «André Ventura, candidato às europeias, falta ao debate porque está no comentário desportivo na CMTV». Ó Sr. Deputado, tenha vergonha! Sr. Deputado, tenha lá vergonha!

Aplausos do PSD, do CDS-PP e de Deputados da IL.

Já agora, deixe-me dizer, Sr. Deputado André Ventura: não tenha problema com a confiança que o Sr. Primeiro-Ministro tem no Governo. Pelas notícias que têm saído — se é para comentar notícias —, tenha mais cuidado com a confiança da sua bancada na sua liderança. Isso é que eu tinha!

Aplausos do PSD e do CDS-PP.

Risos da IL.

A Sr.ª **Rita Matias** (CH): — Não há uma! Anda cá e vamos a votos!

O Sr. **Pedro Pinto** (CH): — Até te convido!

O Sr. **Hugo Soares** (PSD): — E hoje, Sr. Primeiro-Ministro, o Partido Socialista brindou-nos com a grande ideia que trouxe para o debate do estado da Nação. Acordamos hoje com o lançamento de um jogo do Partido Socialista, um jogo de cartas, quatro jogos. Eu vou explicar ao País quais são os jogos que hoje o Partido Socialista apresentou ao País.

Apresentou o Solitário. É verdade, Sr. Primeiro-Ministro, eles estão cada vez mais sozinhos.

Aplausos e risos do PSD.

Apresentou o Pares, talvez à procura de parceiro para continuar a bloquear a governação.

Risos do PSD.

Apresentou o Tarot, Sr. Primeiro-Ministro! É verdade, o Tarot! Sabe porquê? Eles não têm uma ideia para o País e estão a tentar encontrá-la nos astros.

Aplausos e risos do PSD e do CDS-PP.

E terminaram, Sr. Primeiro-Ministro, apresentando o Quizz. É verdade, assim é, o Quizz. Sabe porquê? Porque eles querem mesmo que o País faça um esforço para tentar descobrir uma ideia séria e sensata do Partido Socialista. Foi isto que o Partido Socialista hoje apresentou ao País.

Aplausos do PSD.

Sr. Primeiro-Ministro, aquilo que esta maioria que aqui está lhe quer dizer é o seguinte: nós sabemos e conhecemos os indicadores do País. O País hoje está melhor do que herdámos há dois anos.

Protestos da Deputada do PS Catarina Louro.

Mas as portuguesas e os portugueses também estão melhor. E não fosse — é verdade! — a pressão das portas escancaradas da política do Partido Socialista,…

O Sr. **Fabian Figueiredo** (BE): — Ah…!

Vozes do PS*:* — Oh!

O Sr. **Hugo Soares** (PSD): — … e tenho a certeza de que mesmo os serviços públicos estavam hoje bem melhores.

Aplausos do PSD.

Também aqui, Sr. Primeiro-Ministro, não deixa de ser curioso. Viu que o Deputado André Ventura falou de vários temas, dizendo que nós reformamos mal? Até aqui, não havia reformas. Mas olhe, hoje este debate já teve um ganho: foi a primeira vez que, num debate do estado da Nação ou numa intervenção do Deputado André Ventura, não se falou de imigração.

O Sr. **André Ventura** (CH): — Ah, espera aí!

O Sr. **Hugo Soares** (PSD): — Sabe porquê? Porque foi este Governo que resolveu o problema da imigração em Portugal.

Aplausos do PSD e do CDS-PP.

Protestos do CH e de Deputados do PS.

O Sr. **Presidente**: — Sr. Primeiro-Ministro, tem a palavra, para responder. Tem 5 minutos.

O Sr. **Primeiro-Ministro**: — Sr. Presidente, Sr.[as] e Srs. Deputados, Sr. Deputado Hugo Soares, creio que o debate de hoje pode e deve ser aproveitado para o normal escrutínio da atividade do Governo, para a prestação de contas que o Governo deve à Assembleia da República e ao País, e, por meio desse encontro, desse confronto democrático, para percebermos qual é o caminho proposto em alternativa pelas oposições.

Sobre isso, Sr. Deputado, temos tido muito poucas notícias. As oposições, é verdade, estão sempre muito ativas a seguir o que é momentâneo, as tendências das redes sociais, o que às vezes soa e é dito para ser o caminho seguido em termos de comunicação pelas assessorias, pelas agências, aquilo que há pouco eu disse

ser a tática da criação de uma narrativa. Ou seja, não interessa a discussão substantiva das políticas, interessa, sim, construir um pensamento dominante.

Acontece que a escolha desse pensamento não devia ser indiferente à realidade do País e à realidade do Governo.

As oposições escolheram dizer que este Governo é insensível, que este Governo e este Primeiro-Ministro não têm empatia; só que esse argumento esbarra nas posições desses partidos e na ação política do Governo.

Mas há uma coisa, Sr. Deputado, que tem também de ser avaliada neste debate: é que, à luz do nosso sistema político e constitucional, ao Governo compete governar, à Assembleia da República compete legislar, sobretudo nas matérias que são da sua exclusiva competência, e compete também avaliar, escrutinar ou monitorizar a ação governativa.

Nesse papel, todos temos responsabilidades perante os eleitores que nos colocaram aqui através da representação que deram a cada um. E uma das coisas mais significativas deste debate sobre o estado da Nação é que, em muitas alturas, a Assembleia da República quis governar em nome do Governo e quis governar em nome do Governo pela junção de vontades dos dois maiores partidos da oposição.

O Sr. **Pedro Pinto** (CH): — Outra vez?! Parece o Paulo Raimundo!

O Sr. **André Ventura** (CH): — Pergunte ao Parlamento!

O Sr. **Primeiro-Ministro**: — O Partido Socialista e o Chega, por exemplo, com uma sensibilidade social, no mínimo, discutível,…

O Sr. **Pedro Pinto** (CH): — Cassete Montenegro!

O Sr. **Primeiro-Ministro**: — … ainda se preparam, agora, para aprovar, com um impacto superior a 300 milhões de euros,…

O Sr. **Pedro Pinto** (CH): — Falso!

O Sr. **Primeiro-Ministro**: — … uma ajuda suplementar aos jovens portugueses que concluíram as suas licenciaturas e os seus mestrados e ingressaram no mercado de trabalho.

O Sr. **Paulo Núncio** (CDS-PP): — Muito bem!

O Sr. **Eurico Brilhante Dias** (PS): — Isso está na lei e é para cumprir!

O Sr. **Primeiro-Ministro**: — Sucede, Sr. Deputado, que o auxílio legítimo e justificado a esse segmento da população portuguesa já se alcançou para que todos tivessem uma oportunidade através do reforço da ação social para os estudantes do ensino superior…

O Sr. **Eurico Brilhante Dias** (PS): — Pergunte ao Ministro Miranda Sarmento!

O Sr. **Primeiro-Ministro**: — … e para a sua integração no mercado de trabalho, através de um regime de IRS que dá 100 % de desconto no 1.º ano de trabalho, dá 75 % de desconto nos 2.º, 3.º e 4.º, dá 50 % de desconto nos 5.º, 6.º e 7.º e dá 25 % de desconto nos 8.º, 9.º e 10.º anos.

A Sr.ª **Sofia Pereira** (PS): — É cumulativo!

O Sr. **Primeiro-Ministro**: — Ao querer-se, em cima disto, aprovar um regime complementar,…

O Sr. **Eurico Brilhante Dias** (PS): — Está na lei!

O Sr. **Primeiro-Ministro**: — … está a criar-se uma injustiça relativa na sociedade portuguesa,…

Aplausos do PSD e do CDS-PP.

Protestos do PS.

… que é uma das consequências deste juntar de vontades dos dois maiores partidos da oposição.

O Sr. **Eurico Brilhante Dias** (PS): — Isso está na lei!

O Sr. **Primeiro-Ministro**: — Tal qual acontece nas portagens, tal qual acontece com o facto de todos os contribuintes estarem a pagar hoje a isenção de todos os que passam nos troços da autoestrada que estão isentos, incluindo matrículas estrangeiras.

O Sr. **Eurico Brilhante Dias** (PS): — Está na lei!

O Sr. **Primeiro-Ministro**: — E isto também acontece nas propinas. Sabe porquê, Sr. Deputado? Porque a atualização em 13 €/ano de uma propina é também um instrumento para que haja maior justiça e distribuição dos recursos no nosso sistema de educação.

Portanto, Sr. Deputado, o estado da Nação, de alguma maneira, também se pode aferir pelo estado da oposição.

Aplausos do PSD e do CDS-PP.

O Sr. **Presidente**: — Tem a palavra o Sr. Deputado José Luís Carneiro.

O Sr. **José Luís Carneiro** (PS): — Sr. Presidente, Sr. Primeiro-Ministro, Sr.as e Srs. Deputados, queria deixar, em primeiro lugar, uma palavra de solidariedade para os milhares de jovens deste País, as suas famílias, os professores e as escolas, a quem é devida uma palavra de responsabilidade que, infelizmente, não foi dada por quem tinha o dever de a dar: o Primeiro-Ministro deste País.

Aplausos do PS.

Sr. Primeiro-Ministro, chegámos ao debate do estado da Nação com a Nação pior do que estava há dois anos.

Vozes do PSD: — Isso não é verdade!

O Sr. **José Luís Carneiro** (PS): — Chegámos ao debate do estado da Nação com a Nação a ter o sentimento de que, por vezes, não encontra o Estado, o Estado não encontra o Governo e as oposições não encontram um Primeiro-Ministro para liderar, coordenar e comandar politicamente o Governo.

Aplausos do PS.

Protestos do PSD e do CDS-PP.

O Sr. Primeiro-Ministro falhou nos momentos críticos fundamentais do País: falhou às crises, falhou à habitação, falhou à saúde, falhou à economia e falha, agora, gravemente, à educação.

Falhou às crises em 2025, em que pela sua insensibilidade não foi capaz de fazer com que se cancelasse uma festa da AD para servir o País quando este ardia e corria riscos…

Aplausos do PS.

… e em que, pela sua insensibilidade e incompetência, não foi capaz de responder às tempestades. Podia haver dúvidas, mas o relatório da Presidência da República e a confissão da ex-ministra da Administração Interna disseram tudo: não estávamos preparados, não tínhamos competência nem meios para responder às tempestades.

Aplausos do PS.

Sr. Primeiro-Ministro, pior e mais grave: há dias o Ministro da Administração Interna determinou a situação de alerta — que se determina quando a população está em risco. Pois eu recordo que, enquanto o Primeiro-Ministro António Costa e o Presidente Marcelo Rebelo de Sousa cancelaram uma visita oficial a Moçambique, em 2022, o Sr. Primeiro-Ministro saiu do País para ir ao Campeonato Mundial de Futebol.

Aplausos do PS.

Sr. Primeiro-Ministro, quando regressou do Mundial, esperávamos uma palavra de responsabilidade, um pedido de desculpa às famílias e aos jovens deste País, mas aquilo a que assistimos foi a uma palavra de leviandade, dada por ocasião de um festival de música, em que não foi capaz de reconhecer os graves erros na avaliação e na classificação dos nossos alunos.

Aplausos do PS.

Sr. Primeiro-Ministro, mas faltou também à habitação, porque prometeu respostas na habitação. Portugal é o segundo País da União Europeia onde os custos com a habitação mais cresceram. Em dois anos os custos com habitação cresceram 30 %!

Aplausos do PS.

Mais, Sr. Primeiro-Ministro: o senhor prometeu resolver os problemas com a saúde, mas o que é certo, como aqui já foi dito, é que temos mais de 1 milhão e 600 mil pessoas à espera de médico de família. Temos mais listas de espera para cirurgias e oncologia. E qual é a resposta do Governo? Vamos tirar as cirurgias da lista de espera. Podem retirar as pessoas da lista de espera, mas com isso não resolvem os problemas da saúde.

Aplausos do PS.

Sr. Primeiro-Ministro, diz também que vai fazer um grande número em agosto para apresentar as tais 26 000 casas que foram planeadas, que foram projetadas,…

O Sr. **Alexandre Poço** (PSD): — Só faltava o dinheiro!

O Sr. **José Luís Carneiro** (PS): — … cujo financiamento foi preparado pelos Governos do PS.

O Sr. **Hugo Carneiro** (PSD): — E onde estava o dinheiro?

O Sr. **José Luís Carneiro** (PS): — Sr. Primeiro-Ministro, espero que tenha a humildade democrática para que, nesse dia, não faça aquilo que fez quando anunciou o comboio que vai ser construído em Portugal. Tenha a coragem e a humildade de dizer que essas casas que vão ser entregues foram planeadas, foram lançadas e foram financiadas pelos Governos do PS.

Aplausos do PS.

O Sr. **Hugo Carneiro** (PSD): — Pois, só faltava o dinheiro! O dinheiro!

O Sr. **José Luís Carneiro** (PS): — O Sr. Primeiro-Ministro falhou naquilo que é mais grave, no momento essencial à vida dos jovens deste País.

A pergunta que lhe faço é muito clara: está em condições de garantir a esta Assembleia da República que amanhã todas as classificações serão publicitadas? Está em condições de garantir que as classificações têm o rigor que devem ter e suscitam a confiança das famílias e dos alunos? Se isso não vier a acontecer e se houver dúvidas sobre a confiabilidade das classificações, qual é o plano de contingência para garantir confiabilidade e confiança num momento fundamental à vida das famílias?

Aplausos do PS.

O Sr. **Presidente**: — Para responder, tem a palavra o Sr. Primeiro-Ministro.

O Sr. **Primeiro-Ministro**: — Sr. Presidente, Sr.as e Srs. Deputados, o Sr. Deputado José Luís Carneiro exige, e muito bem, é o seu papel, resultados nas opções políticas de tudo aquilo que é importante para a vida das pessoas — na área da saúde, na área da educação, na área da gestão de crises — e fá-lo ignorando olimpicamente a responsabilidade que teve de gerir qualquer um destes sistemas durante oito anos.

Vozes do PSD: — Exatamente!

Protestos do Deputado do PS José Luís Carneiro.

O Sr. **Primeiro-Ministro**: — Mas quando se trata de apresentar um resultado concreto — no caso, as 26 000 novas habitações —, aí já diz: isso foi o Governo do Partido Socialista!

Aplausos do PSD.

Protestos do PS.

O Sr. **Hugo Soares** (PSD): — Não têm credibilidade nenhuma!

O Sr. **Primeiro-Ministro**: — Ó Sr. Deputado, tem de optar: ou os senhores não têm nada a ver com a situação, ou então têm a ver com tudo. Eu, por acaso, acho que só há uma opção séria a tomar, que é a segunda.

Efetivamente, Sr. Deputado, começando pelas casas, as 26 000 casas que serão, em princípio, entregues — eu assim espero, tenho essa informação, embora o Sr. Deputado tenha aqui adiantado que se prepara uma festa, eu não sei qual é, mas o Sr. Deputado lá saberá…

O Sr. **Eurico Brilhante Dias** (PS): — É no Pontal!

O Sr. **Primeiro-Ministro**: — Eu não sei qual é. O Sr. Deputado lá saberá.

O Sr. **Eurico Brilhante Dias** (PS): — É no Pontal!

O Sr. **Primeiro-Ministro**: — Não sei quem são as suas fontes.

Mas o Sr. Deputado esqueceu-se de mencionar que faltavam mais de 1000 milhões de euros para financiar essas construções.

Vozes do PS: — Oh…!

O Sr. **Primeiro-Ministro**: — É verdade, Sr. Deputado.

O Sr. **Hugo Carneiro** (PSD): — Não havia dinheiro!

O Sr. **Primeiro-Ministro**: — O dinheiro que nos deixaram para o setor da habitação pública só dava para 16 000 novas habitações, Sr. Deputado.

O Sr. **Hugo Soares** (PSD): — Ah, pois é!

Protestos do PS.

O Sr. **Primeiro-Ministro**: — O Sr. Deputado fala dos médicos de família, mas o Sr. Deputado sabe e não ignora que, desde que assumimos funções, há mais 362 238 cidadãos a quem foi atribuído médico de família.

Agora, o que também há — e o Sr. Deputado sabe como ninguém do que é que estamos a falar — é mais 423 132 utentes no Serviço Nacional de Saúde. Esta é uma parte da fatia de população que não estava nas estatísticas oficiais, Sr. Deputado.

O Sr. **Hugo Soares** (PSD): — Estava no desmantelamento do SEF (Serviço de Estrangeiro e Fronteiras). E agora está a assobiar para o lado!

Protestos do PS.

O Sr. **Primeiro-Ministro**: — E o Sr. Deputado diz assim: este Primeiro-Ministro não estava preparado, o sistema não estava preparado para as tempestades, para os fenómenos climáticos extremos.

Ó Sr. Deputado, não me diga que a culpa é do anterior Ministro da Administração Interna dos anteriores Governos.

Aplausos e risos do PSD.

O Sr. Deputado quer exigir do Primeiro-Ministro uma capacidade de antecipação e de previsibilidade que o Sr. Deputado não teve quando tinha essa competência específica?

Vozes do PSD: — Muito bem!

O Sr. **Primeiro-Ministro**: — Sr. Deputado, espera-se do Secretário-Geral do Partido Socialista mais seriedade.

O Sr. Deputado sabe que as ajudas que foram prestadas, em primeiro lugar, para a assistência imediata foram mais rápidas do que em todas as situações similares anteriores, e sabe que as ajudas financeiras para as pessoas poderem recuperar o que tinham perdido do ponto de vista do seu património foram mais rápidas do que em todas — todas! — as situações anteriores.

O Sr. **Hugo Carneiro** (PSD): — Exato!

Protestos do Deputado do PS Eurico Brilhante Dias.

O Sr. **Primeiro-Ministro**: — Os Srs. Deputados dirão: «Mas não está a 100 % atingida». É verdade. Está tudo acima de 90 % e aquilo que não está é por razões que não têm a ver com a responsabilidade direta do Governo.

O Sr. **Eurico Brilhante Dias** (PS): — Ah!

O Sr. **Primeiro-Ministro**: — Sr. Deputado, sobre as classificações. Felizmente, este período de exames não se viveu sob a ameaça de greves, sob a ameaça da instabilidade nas escolas.

Aplausos do PSD e do CDS-PP.

O Sr. **Eurico Brilhante Dias** (PS): — Duas greves gerais!

O Sr. **Fabian Figueiredo** (BE): — Greve de competência do ministro!

O Sr. **Primeiro-Ministro**: — Mas é verdade que houve perturbação. É verdade que ainda temos de garantir a publicação das classificações. Mas é também verdade, Sr. Deputado, que nunca o processo foi tão transparente, nunca o rigor esteve tão assegurado como está agora.

Aplausos do PSD e do CDS-PP.

O Sr. **Eurico Brilhante Dias** (PS): — Transparência?!

O Sr. **Paulo Muacho** (L): — Transparência?! Incompetência!

O Sr. **Primeiro-Ministro**: — Era isso que vocês queriam ter feito quando estiveram no Governo, é isso que nós estamos a fazer agora!

Aplausos do PSD e do CDS-PP.

Protestos do PS, do L e do BE e contraprotestos do PSD.

O Sr. **Presidente**: — Srs. Deputados, ainda temos muitas horas pela frente.

Tem agora a palavra a Sr.ª Deputada Mariana Leitão, da Iniciativa Liberal.

A Sr.ª **Mariana Leitão** (IL): — Sr. Presidente, Srs. Membros do Governo, Sr.as e Srs. Deputados, Sr. Primeiro-Ministro: Há um ano eu estava aqui, precisamente neste lugar, a perguntar-lhe se ia ter a coragem de fazer o que o País precisa para melhorar a vida dos portugueses. Hoje já não pergunto, já sei a resposta e os portugueses também sabem.

O Sr. **Hugo Soares** (PSD): — Hoje dão-lhe os parabéns!

A Sr.ª **Mariana Leitão** (IL): — Portugal não tem um problema de falta de reformas anunciadas, tem um excesso delas, mas todas, todas, por fazer.

O que temos, Sr. Primeiro-Ministro, são três partidos — PS, PSD e Chega —, cada um a jogar o seu jogo enquanto o País afunda.

O Sr. **Mário Amorim Lopes** (IL): — É verdade!

A Sr.ª **Mariana Leitão** (IL): — O PS preocupado com a próxima sondagem, o Chega a votar conforme os comentários nas redes sociais e o seu Governo, o seu partido, preocupado sobretudo em garantir o controlo do sistema que herdou. Ninguém a reformar, todos a gerir o declínio, todos a pensar no seu poder, no resultado das próximas eleições e nenhum focado naquilo que os portugueses precisam hoje, no imediato, agora.

A arrogância do PSD e do PS condenou uma geração inteira a trabalhar para pagar os excessos do Estado. Condenou os jovens a desistirem da ambição de viverem melhor do que os seus pais, condenou o elevador social à estagnação, condenou as empresas a não crescerem, condenou o País à pobreza.

Este, Sr. Primeiro-Ministro, é o estado da nossa Nação!

Na economia, Portugal continua a ser ultrapassado por países que há poucos anos eram muito mais pobres que nós.

O Sr. **Mário Amorim Lopes** (IL): — Muito bem!

A Sr.ª **Mariana Leitão** (IL): — E o grande anúncio do Sr. Primeiro-Ministro foi o de um fundo soberano, o Estado a endividar-se para comprar ações em empresas que geria mal quando as tinha.

Isto não é uma reforma, são os velhos hábitos que nos atiraram para a cauda da Europa.

O Sr. **Mário Amorim Lopes** (IL): — Que bela ideia!

A Sr.ª **Mariana Leitão** (IL): — Para quando, Sr. Primeiro-Ministro, libertar a economia do peso insustentável do Estado? Na Segurança Social já nem sequer fingem. A sua Ministra do Trabalho admitiu que uma reforma estrutural está fora do horizonte nesta Legislatura.

O Sr. **Mário Amorim Lopes** (IL): — Verdade!

A Sr.ª **Mariana Leitão** (IL): — E o Ministro das Finanças garantiu mesmo que é como dizer «desistiram dos jovens». Por isso, pergunto, Sr. Primeiro-Ministro: para quando uma reforma da Segurança Social que garanta uma reforma aos nossos jovens?

Protestos do Deputado do PSD Hugo Soares.

Sr. Primeiro-Ministro, a descida do IRS que aprovou deu 6 € por mês a quem ganha o salário médio. Chamar a isto «reforma fiscal» é um insulto a todos os portugueses que trabalham arduamente.

Quando a IL apresentou uma proposta para isentar de impostos as contas-poupança, o PSD votou contra, ao lado dos socialistas, uma medida prometida por si, no seu Programa do Governo.

Aplausos da IL.

Protestos do Deputado do PSD Hugo Soares.

Sr. Primeiro-Ministro, para quando uma reforma fiscal a sério que deixe a classe média respirar?

Veja o que se passa neste momento, Sr. Primeiro-Ministro. Amanhã deveriam sair as notas dos exames nacionais, com três dias de atraso e depois de semanas de falhas. Milhares de famílias sem saber se podem confiar no resultado que vão receber. Sr. Primeiro-Ministro, é este o rigor que o seu Governo garantiu ao País?

Nas urgências da Almada, as grávidas voltaram a ser encaminhadas para Lisboa, a concentração de serviços que apresentou como solução não tem médicos para funcionar. Prometeu resolver isto a 100 % em julho do ano passado. Um ano depois: o mesmo hospital, o mesmo problema.

Na grande bandeira deste Governo — a reforma do Estado — o discurso é sempre o mesmo: modernizar, simplificar, digitalizar. Na prática? Mais um organismo, mais um grupo de trabalho, mais um cargo partidário. Mudam-se os partidos no Governo, mudam-se os *boys*: sai um socialista, entra um social-democrata.

Aplausos da IL.

O Sr. **Hugo Soares** (PSD): — Ainda bem que não foi um liberal!

A Sr.ª **Mariana Leitão** (IL): — Sr. Primeiro-Ministro, para quando uma reforma que reduza mesmo a dimensão do Estado? Porque, Sr. Primeiro-Ministro, é agora ou nunca! Há décadas que este País esgota oportunidades, mais uma está prestes a esgotar-se. E o senhor prepara-se para a entregar a quem vai continuar a esgotar as seguintes.

A classe média cansada, as empresas que ainda resistem, os investidores que ainda apostam em Portugal e, sobretudo, aqueles que não querem sair, mas já não conseguem ver razões para ficar pouco ou nada esperam deste Governo.

O Sr. Primeiro-Ministro está a criar uma geração de desiludidos. Por isso, falo diretamente a quem o senhor deixou para trás: a classe média, sem salário que dê alguma qualidade de vida até ao fim do mês; os jovens já a fazer as malas; quem arrisca criar uma empresa e encontra burocracia ou uma nova taxa todos os anos; quem tenta poupar e vê o Governo votar contra a única proposta que o ajudava.

Protestos do Deputado do L Rui Tavares.

Sr. Primeiro-Ministro, quer mesmo pôr o País a funcionar? Ou prefere continuar a fazer de conta que governa enquanto o PS e o Chega decidem por si? Porque a alternativa que está a construir, feita de desculpas e de meias medidas, só tem um destino: entregar Portugal a quem nunca teve, nem nunca terá coragem para mudar.

Aplausos da IL.

O Sr. **Presidente**: — Tem a palavra o Sr. Primeiro-Ministro.

O Sr. **Primeiro-Ministro**: — Sr. Presidente, Sr.as e Srs. Deputados, Sr.ª Deputada Mariana Leitão, tenho de começar por confidenciar o seguinte: a Sr.ª Deputada acusou o Governo de, em algumas das substituições de cargos dirigentes na Administração Pública e no perímetro da Administração Pública, estar a substituir pessoas com uma conotação política ou partidária do Partido Socialista por pessoas da área do PSD.

Eu, ao ouvir a Sr.ª Deputada, não reconhecendo que é assim, de forma total e transversal, dei por mim a pensar que deu talvez um dos melhores exemplos segundo o qual é difícil deixar de ser assim. Porquê? A Sr.ª Deputada, enquanto responsável pela emissão da posição política da Iniciativa Liberal, foi de um negativismo tão grande sobre Portugal,…

Protestos da IL e do Deputado do L Rui Tavares.

… que a Sr.ª Deputada, ou alguém que secunde as suas posições, não podem estar com cargos dirigentes na Administração, não podem estar com a prerrogativa de coordenar equipas, de mobilizar equipas.

Eu estava aqui a pensar: se a Sr.ª Deputada Mariana Leitão trabalhasse na AICEP (Agência para o Investimento e Comércio Externo de Portugal), por exemplo, quem é que podia vir investir em Portugal com aquilo que diz?

Aplausos do PSD.

Protestos da IL.

A Sr.ª Deputada conseguiu dizer que nós não tínhamos uma política fiscal que é amiga do investimento. Ó Sr.ª Deputada, são os investidores que dizem o contrário! Nós batemos o recorde de captação e atração de investimento direto estrangeiro em 2025. Sabe porquê, Sr.ª Deputada? Porque os investidores olham para Portugal e o que é que veem? Veem menos impostos sobre o rendimento do trabalho, com as taxas de IRS a descer já com quatro descidas no âmbito deste Governo de dois anos. Veem a previsibilidade sobre o IRC, numa trajetória descendente até 2028. Veem os apoios que lhes são concedidos para melhorar a sua relação quanto à capacidade de resposta da Administração, com movimentos mais rápidos, capacidade de resposta mais expedita e menos burocracia. Veem a possibilidade de reter capital humano, em particular, capital humano jovem qualificado. Por isso, associam aos seus investimentos políticas públicas, como a política de habitação, com a vantagem de permitir que os mais jovens possam ingressar no mercado de trabalho, ter isenção para comprarem a sua primeira habitação ou terem apoio para poder arrendar uma habitação.

A Sr.ª Deputada não pode ignorar que nós, fruto da nossa política energética, por exemplo, tenhamos hoje uma das eletricidades mais baratas da Europa, que é um fator de competitividade.

O Sr. **Jorge Miguel Teixeira** (IL): — Preço grossista!

O Sr. **Mário Amorim Lopes** (IL): — Isso não é verdade!

O Sr. **Primeiro-Ministro**: — Sr.ª Deputada, como é que vai dizer a um investidor para vir para Portugal se não valoriza aquilo que está a ser feito?

A Sr.ª Deputada, do meu ponto de vista, tem toda a legitimidade para definir a sua posição e até para pedir mais ambição nas decisões do Governo. Agora, ignorá-las, apresentar um País que não é o País real, objetivamente, apresentar um País…

A Sr.ª **Mariana Leitão** (IL): — Pergunte aos portugueses!

O Sr. **Primeiro-Ministro**: — Ó Sr.ª Deputada, eu já perguntei aos portugueses duas vezes e ganhámos as eleições duas vezes.

Aplausos do PSD.

O Sr. **Rui Tavares** (L): — Pergunte outra vez!

O Sr. **Primeiro-Ministro**: — A Sr.ª Deputada quer comparar o reconhecimento dos portugueses com a ação do Governo? Eu estou à vontade para isso, Sr.ª Deputada. Não tenha dúvidas!

Agora, o que todos temos de ter é a capacidade de respeitar a vontade política do povo português, dar aos Governos a possibilidade de executarem os seus programas e avaliar os seus resultados. A Sr.ª Deputada, naturalmente, terá todo o interesse nisso. O que não pode é dar uma ideia de que Portugal está paralisado,…

O Sr. **Mário Amorim Lopes** (IL): — E está!

O Sr. **Primeiro-Ministro**: — … que Portugal está estagnado. Não está, Srs. Deputados.

Protestos da IL.

Portugal está a crescer mais que a União Europeia, está a crescer mais que a média da União Europeia. O rendimento líquido das famílias portuguesas é dos maiores da OCDE, Srs. Deputados.

Aplausos do PSD e do CDS-PP.

Protestos da IL.

Ó Srs. Deputados, não podem deixar de ver a realidade.

O Sr. **Miguel Rangel** (IL): — Estamos na cauda da Europa!

O Sr. **Primeiro-Ministro**: — Estou disponível para discutir convosco o âmbito, o alcance, a dimensão da capacidade reformista e transformadora das nossas decisões. Agora, para isso, temos de nos entender sobre o básico, Srs. Deputados.

Protestos da IL.

O Portugal de hoje é um Portugal melhor do que era há dois anos; o Portugal de hoje é mais amigo do investimento; o Portugal de hoje é mais amigo do trabalho; o Portugal de hoje é mais amigo dos jovens que querem ter uma oportunidade em Portugal, Sr.ª Deputada.

A Sr.ª **Mariana Leitão** (IL): — E continuam a sair!

O Sr. **Primeiro-Ministro**: — A Sr.ª Deputada tem de reconhecer isso. Se não reconhece isso, é muito difícil depois.

Por exemplo, a Sr.ª Deputada está contra a criação da Agência para a Investigação e Inovação, integrando a nossa capacidade científica de investigação e de inovação no funcionamento das empresas? Isso está a ser feito, Sr.ª Deputada.

A Sr.ª **Mariana Leitão** (IL): — Está tudo a ser feito!…

O Sr. **Primeiro-Ministro**: — Isto vai ter um efeito multiplicador na capacidade de crescimento do País.

Aplausos do PSD e do CDS-PP.

O Sr. **Presidente**: — Tem a palavra a Sr.ª Deputada Isabel Mendes Lopes, do Livre.

A Sr.ª **Isabel Mendes Lopes** (L): — Sr. Presidente, Sr.as e Srs. Deputados, Sr.as e Srs. Membros do Governo, Sr. Primeiro-Ministro: este é o debate do estado da Nação e esperávamos, da parte do Sr. Primeiro-Ministro, mais sentido de Estado, o mínimo de sentido de Estado.

O Sr. **Paulo Muacho** (L): — Muito bem!

A Sr.ª **Isabel Mendes Lopes** (L): — O Sr. Primeiro-Ministro disse, ali da tribuna, que o Governo tem a coragem de fazer a reforma do Estado e que até criou um ministério específico para isso.

Ora bem, aqui está o resultado desta reforma do Estado: um caos nos exames nacionais como não há memória; estudantes e famílias angustiadas; armazéns cheios de caixotes a serem revistados à procura de folhas em falta; professores a correrem contra o tempo e sem saberem se, de repente, terão mais perguntas para corrigir.

O Sr. **Paulo Muacho** (L): — Uma vergonha!

A Sr.ª **Isabel Mendes Lopes** (L): — É uma enorme falta de confiança no sistema de exames nacionais, o que é absolutamente imperdoável.

Aplausos do L.

Em cima deste caos, que era absolutamente desnecessário, o Governo desvaloriza o problema que o próprio criou, como se toda a gente à volta estivesse a exagerar no escândalo que isto efetivamente é, e ainda tem a lata de dizer que há professores que estão com resistência ao processo.

Sr. Primeiro-Ministro, só uma atitude a ter: é reconhecer que o processo foi mal feito; que foi imprudente avançar para esta digitalização em massa de quase todos os exames, sem ter o sistema fiável; e pedir desculpa, dar uma palavra — que não deu neste discurso — aos estudantes, às famílias e a toda a comunidade escolar.

Aplausos do L.

O problema, Sr. Primeiro-Ministro, é que o caos nos exames é apenas o sintoma mais visível desta sua reforma do Estado. Esta reforma do Estado está a ser feita sem ouvir as pessoas, sem conhecer o terreno,

sem perceber o trabalho que está para trás e como é que as coisas sempre se entrecruzam na Administração Pública.

O Sr. **Jorge Pinto** (L): — É assim mesmo!

A Sr.ª **Isabel Mendes Lopes** (L): — Tem sido assim com o seu Governo, Sr. Primeiro-Ministro: levam tudo a eito, sem o mínimo respeito pelas pessoas, pelo trabalho que está para trás e sem noção, depois, das consequências.

Aplausos do L.

As consequências estão à vista. Foi assim com os cortes e com o *outsourcing* no Ministério da Educação; com a fusão da FCT (Fundação para a Ciência e a Tecnologia, IP) e da ANI (Agência Nacional de Inovação); com a refundação do INEM, que foi feita sem sequer falar com os trabalhadores — e nós traremos aqui a refundação do INEM, que tem de ser discutida na Assembleia da República.

O Sr. **Jorge Pinto** (L): — É verdade!

A Sr.ª **Isabel Mendes Lopes** (L): — Mas depois, nas coisas verdadeiramente urgentes, verdadeiramente prioritárias, o seu Governo demora ou piora. É assim na resposta ao enorme problema da violência doméstica em Portugal. É assim na resposta aos vários eventos extremos e na falta de urgência em verdadeiramente implementar uma cultura de prevenção, preparação e prontidão.

Sr. Primeiro-Ministro, anunciou em abril a agência para o PTRR. Por que é que a agência não está, neste momento, a funcionar? Há um ano que nos diziam que para implementar o envio de mensagens de emergência via rádio, o *cell tower broadcast*, bastava só assinar um protocolo.

Agora surge no PTRR como uma medida de médio prazo.

Onde é que está a urgência na reforma do Estado, nas coisas mesmo importantes e de proteção das pessoas?

Aplausos do L.

Também é assim no ataque ao aumento do custo de vida e na habitação.

A estabilidade que o Sr. Primeiro-Ministro pede ao País é a mesma que tem de dar ao País.

O Sr. **Paulo Muacho** (L): — Muito bem!

A Sr.ª **Isabel Mendes Lopes** (L): — Sr. Primeiro-Ministro, que estabilidade há na vida de uma pessoa, na vida de uma família, quando não sabe se consegue pagar uma casa, se vive com medo de ser despejado?

O Sr. **Jorge Pinto** (L): — Ora!…

A Sr.ª **Isabel Mendes Lopes** (L): — O preço das casas aumentou 18 % no ano passado e este ano vai pelo mesmo caminho. As poucas medidas de habitação que o seu Governo aplicou nos últimos dois anos agravaram o preço das casas em Portugal. E agora apresentam um novo pacote de medidas, que vai dar estabilidade para que pessoas mantenham a sua casa? Não, não vai dar essa estabilidade, porque é uma promoção dos despejos, do pôr casas a rodar no mercado, num mercado que incentivam a que tenha rendas moderadas de 2300 € em Portugal.

Aplausos do L.

O Sr. **Jorge Pinto** (L): — É inaceitável!

A Sr.ª **Isabel Mendes Lopes** (L): — Sr. Primeiro-Ministro, uma política de habitação não é uma política de despejos, é exatamente o contrário disso. É uma política que aposta na descida dos preços das casas, com mais habitação pública, com uma aposta no setor cooperativo não especulativo.

Ah, mas o Governo, o que é que fez? Sem falar com ninguém, sem falar com os outros cooperantes, retirou o Estado da Cooperativa António Sérgio, que era exatamente quem poderia apoiar o setor cooperativo a ser mais forte…

O Sr. **Jorge Pinto** (L): — Bem lembrado!

A Sr.ª **Isabel Mendes Lopes** (L): — … e a ajudar a resolver o problema da habitação.

Aplausos do L.

Mas, Sr. Primeiro-Ministro, ainda quero falar de outra questão, porque neste debate é incontornável, quando discutimos o estado da Nação, falar sobre aquilo que assombra este debate, que é a revisão constitucional que o PSD está a cozinhar com a extrema-direita.

O Sr. **Alexandre Poço** (PSD): — Oh!…

O Sr. **Jorge Pinto** (L): — Muito bem! Ainda ninguém falou!

A Sr.ª **Isabel Mendes Lopes** (L): — Mesmo depois de a extrema-direita se ter amedrontado com a força da luta dos trabalhadores e de lhe ter tirado o tapete à última hora no pacote laboral,…

A Sr.ª **Rita Matias** (CH): — Tem juízo, tem juízo!

A Sr.ª **Isabel Mendes Lopes** (L): — … o Sr. Primeiro-Ministro continua a querer avançar para uma revisão constitucional num arranjo feito com quem quer esventrar a Constituição?

Quer mesmo deixar o País na dúvida de que contrapartidas estão a ser negociadas em troca da revisão constitucional, Sr. Primeiro-Ministro?

O Sr. **Jorge Pinto** (L): — Muito bem!

A Sr.ª **Isabel Mendes Lopes** (L): — Não se devia pôr a si nem ao País com essa dúvida. Por isso, Sr. Primeiro-Ministro, a bem do País, a bem da estabilidade, desafio-o aqui a comprometer-se a não fazer nenhuma revisão constitucional durante esta Legislatura.

Aplausos do L.

O Sr. **Alexandre Poço** (PSD): — Grande conceção de democracia!

O Sr. **Presidente**: — Para responder, tem a palavra o Sr. Primeiro-Ministro.

O Sr. **Primeiro-Ministro**: — Sr. Presidente, Sr.as e Srs. Deputados, Sr.ª Deputada Isabel Mendes Lopes, começando já por esta última questão, a Sr.ª Deputada está a fazer intriga política, pura e simples.

Aplausos de Deputados do PSD.

Protestos do L.

Sr.ª Deputada, não há nenhum processo negocial. O que houve é um entendimento segundo o qual a matéria da revisão constitucional será tratada no próximo ano.

Protestos do L.

Sr.ª Deputada, não há, nisso, nenhum indício de negociação nem de comprometimento.

Protestos do L.

Quando lá chegarmos, Sr.ª Deputada, cada partido apresentará legitimamente as suas ideias. O Parlamento fará a sua discussão e aprovará aquilo que estiver em condições de ser aprovado.

Ó Sr.ª Deputada, a Sr.ª Deputada, juntamente com o seu partido, quer-se afirmar como proprietária da Constituição, é isso?

Vozes do L: — Não!

O Sr. **Primeiro-Ministro**: — A Sr.ª Deputada não tem espírito democrático para poder fazer uma discussão sobre a Constituição como a própria Constituição prevê, na Assembleia da República?

O Sr. **Rui Tavares** (L): — Isso estava no seu Programa?!

O Sr. **Primeiro-Ministro**: — Sabe, Sr.ª Deputada, a Sr.ª Deputada, com essa sua atitude, faz duas coisas: cria a intriga, para poder depois dizer aquilo que entende, mas, sobretudo, mostra uma arrogância democrática…

Aplausos do PSD.

Protestos do L.

… que, sinceramente, é motivo de preocupação, porque dá uma certa tendência para concluirmos que, afinal de contas, acusa alguns setores do pensamento político de extremismo e acaba por ter um posicionamento que é exatamente o mesmo — o de não estar disponível sequer para discutir aquilo que é mais relevante na vida de um País.

Sr.ª Deputada, não há nenhum caos nos exames em Portugal.

Vozes do L: — Há, há!

O Sr. **Primeiro-Ministro**: — Não há. Lamento dizer-lhe, não há um caos. Há problemas.

Protestos do L.

Há problemas que gostaríamos que não existissem, é verdade. Há problemas de natureza técnica, há problemas, eventualmente, da gestão do próprio processo. É uma coisa que estamos ainda a apurar, não há dúvida sobre isso. Há problemas que já tiveram de fundamentar um adiamento de três dias na publicitação dos resultados e há problemas porque neste momento temos 99,5 % das respostas corrigidas, mas a parte que falta, evidentemente, é tão relevante como aquela que já está cumprida, para que o processo possa dar a tranquilidade aos estudantes e às famílias que é merecida e que, por estes dias, evidentemente, esteve perturbada.

O Sr. Ministro da Educação já teve ocasião de se pronunciar, variadíssimas vezes, sobre aquilo que está a acontecer e sobre a ação que o Governo está a desenvolver para que o prazo de amanhã possa ser cumprido.

Protestos do Deputado do BE Fabian Figueiredo.

Mas, Sr.ª Deputada, há uma coisa que a Sr.ª Deputada também deve reconhecer. Este modelo, além de ser um compromisso que o Estado já tinha assumido, é um modelo que, precisamente, vai ser mais fiável quando funcionar em pleno.

O Sr. **Fabian Figueiredo** (BE): — «Vai ser», tem toda a razão!

Risos do L, do PCP e do BE.

O Sr. **Primeiro-Ministro**: — É verdade, Sr.ª Deputada, é verdade. Vai ser mais fiável, vai ser mais rigoroso, vai ser mais transparente. E é por isso que motiva a adesão da esmagadora maioria do corpo docente, dos professores e, estou mesmo convencido, também da comunidade académica.

Sr.ª Deputada, significa isto que há 100 % de adesão, compreensão, perante a evolução que propomos? Nós sabemos que não há. E sabemos que não há dentro do próprio sistema, dentro do próprio Ministério da Educação, dos seus serviços, e dentro da comunidade académica, mas cumpre ao Governo estabelecer o objetivo e lutar por ele. É isso que estamos a fazer. Estamos a lutar pelo objetivo de assegurar aos estudantes uma avaliação rigorosa, uma avaliação que corresponda, precisamente, ao reconhecimento do seu esforço, do seu conhecimento, e à justiça relativa entre todos aqueles, nomeadamente, que se candidatam ao ensino superior.

Estamos a fazê-lo sabendo, como sabíamos, que esta transformação é uma transformação muito, muito delicada…

O Sr. **Miguel Cabrita** (PS): — Aparentemente não sabiam!

O Sr. **Primeiro-Ministro** (Luís Montenegro): — … e que tudo aquilo que conseguimos antecipar não aconteceu na exata medida em que tínhamos antecipado.

É um facto, Sr. Deputada, reconhecemos isso, mas não a ponto de instalar o caos. Mais perto do caos foi a situação em que encontrámos a escola pública quando chegámos,…

Protestos do PS, do PCP e do BE.

… com a instabilidade que vinha dos tempos em que os senhores estavam juntos a geri-la.

Aplausos do PSD.

O Sr. **Presidente**: — Antes de passar à próxima intervenção, só porque já estão a sair muitos daqueles que estiveram a assistir aos nossos trabalhos, anuncio à Câmara que estão, ou já estiveram, a assistir aos nossos trabalhos nas diversas galerias: alunos e professores da Escola Profissional do Fundão; cidadãos do GIRA, Grupo de Intervenção e Reabilitação Ativa, de Lisboa; cidadãos do IEFP (Instituto do Emprego e Formação Profissional) de Viseu; cidadãos da Ordem dos Revisores Oficiais de Contas; cidadãos de Estremoz; antigos autarcas do município de Oeiras; cidadãos da Câmara Municipal de Ansião; Presidente da Câmara Municipal de Terras de Bouro, com um grupo de autarcas desse concelho; e um grupo de cidadãos de Gondomar e Matosinhos.

Aplausos gerais.

E agora dou a palavra ao Sr. Deputado Paulo Raimundo, do PCP.

O Sr. **Paulo Raimundo** (PCP): — Sr. Presidente, Srs. Deputados, Sr. Primeiro-Ministro, o Sr. Primeiro-Ministro chegou aqui a este debate ainda mais aflito do que aquilo de que eu estava à espera, porque só isso é que explica a intervenção que fez ao abrir este debate.

O Sr. **Pedro Pinto** (CH): — Ora! Muito bem!

O Sr. **Paulo Raimundo** (PCP): — O Sr. Primeiro-Ministro vive na ilusão, alimenta-se da sua própria propaganda, mas a realidade, Sr. Primeiro-Ministro, vai rebentar-lhe nas mãos. É uma questão de tempo.

O País está pior, está ainda mais injusto, mais desigual, está ainda mais dependente. É este o Estado da Nação.

A riqueza que é criada por quem trabalha — que trabalha muitas horas, que trabalha muitas noites, que trabalha em condições cada vez mais precárias —, essa riqueza que é criada por quem vive com baixos salários, por aqueles que enfrentam o brutal aumento do custo de vida nos alimentos, nos combustíveis, aqueles que não sabem como é que hão de pagar a sua renda e a sua prestação ao banco, essa riqueza que é criada pelos trabalhadores e só pelos trabalhadores está cada vez mais concentrada nas mãos de uns poucos, …

O Sr. **Pedro Pinto** (CH): — Isso é discriminação!

O Sr. **Paulo Raimundo** (PCP): — … desses poucos que encaixam 30 milhões de euros de lucros por dia. E esses, o Sr. Primeiro-Ministro conhece bem e sabe quem são.

E o Sr. Primeiro-Ministro, com o Sr. Deputado Paulo Núncio, podem até invocar, as vezes que quiserem, a Batalha de São Mamede,…

O Sr. **Pedro Pinto** (CH): — Ora, muito importante!

O Sr. **Paulo Raimundo** (PCP): — … porque quem permite que a única refinaria do País possa ser entregue a uma multinacional estrangeira, quem quer entregar a TAP a capital francês ou alemão, quem se prepara para privatizar a CP (Comboios de Portugal), quem insiste no desastre das PPP (parcerias público-privadas) rodoviárias — quando aquilo que devia fazer era estar a renegociá-las —, quem é cúmplice da extorsão de milhares de euros que saem do País para os paraísos fiscais, quem submete o País às ordens de Bruxelas e quem apoia a loucura da guerra e do militarismo, quem faz isto tudo, Sr. Primeiro-Ministro, bem pode fazer discursos a evocar a Pátria, que na prática, aquilo que está a fazer é a ser protagonista de uma política que ataca a soberania e compromete o presente e o futuro da Pátria.

O Sr. **Alfredo Maia** (PCP): — Muito bem!

O Sr. **Paulo Raimundo** (PCP): — A Nação não precisa de guerras. A Nação precisa é de salários, pensões, creches, lares, hospitais, escolas, ciência, tecnologia, produção. Precisa dos direitos das crianças. Precisa que cheguem àqueles que foram alvo das tempestades os apoios que ainda não chegaram, Sr. Primeiro-Ministro. Caia na realidade, Sr. Primeiro-Ministro!

E a pergunta que se impõe, Sr. Primeiro-Ministro, é: qual é a pressa? Qual é a pressa? Porque é que o Sr. Primeiro-Ministro, utilizando a sua expressão, com todo o respeito, está a «pôr a sua cabeça no cepo» para cumprir os compromissos com os grandes grupos económicos?

Será que o Sr. Primeiro-Ministro já percebeu que quanto mais a sua política avança, maior é a contestação e mais isolado fica? Daí a pressa na chamada reforma do Estado. Essa reforma do Estado, como já foi aqui afirmado, cujos resultados estão à vista com esta trapalhada profunda nos exames nacionais.

O Sr. **Alfredo Maia** (PCP): — Muito bem!

O Sr. **Paulo Raimundo** (PCP): — Afirmou o Sr. Primeiro-Ministro que está do lado do Ministro da Educação — e está mesmo. Esteve e está do lado do Ministro da Educação no desmantelamento do Ministério da Educação. Esteve e está quando dispensaram centenas de trabalhadores. Esteve e está quando sacodem responsabilidades. Esteve e está quando ataca os professores. Esteve e está na arrogância de quem pensava que podia passar ao lado de explicações aqui na Assembleia. Sr. Primeiro-Ministro, quanto mais o Sr. Ministro da Educação fala, mais se justifica o debate que vamos trazer aqui amanhã, por iniciativa do PCP.

O Sr. **Pedro Pinto** (CH): — E também do Chega! O nosso debate!

O Sr. **Paulo Raimundo** (PCP): — E o Sr. Primeiro-Ministro também está ao lado da Ministra da Saúde, nesse plano de destruição e desmantelamento do Serviço Nacional de Saúde. Pior ainda: de transferência de milhões e milhões de euros de recursos públicos para entregar àqueles que fazem da doença um negócio. São responsáveis por cada encerramento, são responsáveis pela falta de profissionais, são responsáveis por cada criança que nasce numa ambulância, por cada grávida que não tem acesso às urgências, são responsáveis por cada utente que passa horas e horas à espera do atendimento.

Sr. Primeiro-Ministro, cada problema para este Governo é assim. De há dois anos a esta parte, como várias vezes tive, e tenho tido, a oportunidade de lhe dizer, cada problema é um negócio. As casas e as rendas a subir; a banca e os fundos imobiliários com lucros como nunca tiveram. É este o resultado das suas opções. E, como se isto não bastasse, a sua pressa toda é para concentrar nos despejos e para aumentar ainda mais as rendas; arrasar os direitos dos trabalhadores; liquidar a Administração Pública; assaltar a segurança social. É este o plano que está em cima da mesa: atacar a maioria para servir uma minoria. É essa a política de um Governo que é apoiada, naquilo que é fundamental, pelo Chega, pela Iniciativa Liberal, e a quem o PS, teimosamente, continua a dar a mão. Da nossa parte, teve, tem e terá o combate, todo o combate possível.

Cada dia de avanço da vossa política é um dia de atraso. Um dia de atraso para os trabalhadores, para os reformados, para as populações, para a juventude, para os pequenos e médios empresários e para os agricultores. Mas há esperança. Há esperança. E aquilo que marca este debate do estado da Nação é a grande vitória dos trabalhadores. Foi com isso que não contaram e não é por acaso que o Sr. Ministro passou ao lado. Foi essa vitória dos trabalhadores que derrotou o vosso pacote laboral.

Sr. Primeiro-Ministro, se insistir com o pacote laboral, está a abrir, está a cavar aquilo que é inevitável, que é a vossa derrota social e política. E foi esse caminho, é essa luta que não só derrotou o pacote laboral, como vai abrir o caminho que se impõe ao País.

Aplausos do PCP.

O Sr. **Presidente**: — Tem a palavra o Sr. Primeiro-Ministro, para responder.

O Sr. **Primeiro-Ministro**: — Sr. Presidente, Sr.as e Srs. Deputados, Sr. Deputado Paulo Raimundo, ambos sabemos a diferença do pensamento político de cada um e ambos sabemos que não vamos nunca entender-nos a esse respeito. O que já é mais estranho é que não nos entendamos naquilo que é mais objetivo, naquilo que é mais direto,…

Protestos do Deputado do PCP Paulo Raimundo.

… e que o Sr. Deputado possa dizer que o País está pior, com toda inspiração do seu pensamento político, não olhando, nomeadamente, para aqueles que normalmente são o seu alvo preferencial de atenção…

O Sr. **Paulo Raimundo** (PCP): — Outra vez?

O Sr. **Alexandre Poço** (PSD): — Os trabalhadores!

O Sr. **Primeiro-Ministro**: — … os trabalhadores, aqueles que têm dificuldades e que precisam efetivamente de uma resposta.

O Sr. **Alexandre Poço** (PSD): — De um salário maior!

O Sr. **Primeiro-Ministro**: — O Sr. Deputado diz assim: o País está pior.
O salário mínimo aumentou 12,2 % desde que chegámos ao Governo. O Sr. Deputado acha mal.

O Sr. **Paulo Raimundo** (PCP): — O que eu acho mal é o aumento do preço dos alimentos!

O Sr. **Primeiro-Ministro**: — O salário líquido em Portugal, em dois anos, aumentou 14,9 %. É o equivalente a dois salários mensais, só para que estejamos cientes do que é que estamos a falar. O Sr. Deputado Paulo Raimundo e o Partido Comunista acham mal.

O Sr. Deputado ignora que baixámos quatro vezes os impostos sobre o rendimento do trabalho.

O Sr. **Paulo Raimundo** (PCP): — E o IRC também…!

O Sr. **Primeiro-Ministro**: — Esteve contra.

O Sr. Deputado esteve contra isentarmos de contribuição a aquisição da primeira habitação para os jovens até aos 35 anos. E também esteve contra isentarmos de contribuições e impostos os prémios de produtividade, os prémios de resultado, dos trabalhadores mais eficientes.

Protestos da Deputada do PCP Paula Santos.

O Sr. Deputado também deve estar, ou esteve, contra os três aumentos do complemento solidário para idosos,…

Protestos do PCP.

… a comparticipação a 100 % dos medicamentos precisamente para aqueles que têm mais baixos rendimentos e a atribuição de dois suplementos extraordinários, precisamente sobre as pensões mais baixas.

Protestos do Deputado do PCP Paulo Raimundo.

O Sr. Deputado estará também contra os acordos que celebrámos com os sindicatos, naquilo que depende diretamente de nós, na Administração Pública, e que são 47 acordos…

O Sr. **Paulo Raimundo** (PCP): — Eu sei, eu sei…!

O Sr. **Primeiro-Ministro**: — … que já reviram 38 carreiras e que integram mais de 350 000 trabalhadores da Administração Pública?

Aplausos do PSD e do CDS-PP.

O Sr. **Paulo Raimundo** (PCP): — Eu sei qual era o plano!

O Sr. **Primeiro-Ministro**: — Sr. Deputado, termino dizendo que nós nunca chegaremos, creio eu, a um entendimento e a uma convergência do ponto de vista ideológico e programático.

O Sr. **Mário Amorim Lopes** (IL): — Mas também, mau era!

O Sr. **Primeiro-Ministro**: — Mas ao menos que tenhamos a capacidade de reconhecer quais são os efeitos. Se o Partido Comunista acha que tudo isto ainda é pouco, eu compreendo, e o Sr. Deputado tem toda a legitimidade democrática para pedir mais.

O Sr. **Bruno Ventura** (PSD): — Ora bem!

O Sr. **Primeiro-Ministro**: — Não pode é deixar de reconhecer que isto já são resultados de dois anos de Governo.

Aplausos do PSD e do CDS-PP.

Protestos do Deputado do PCP Paulo Raimundo.

O Sr. **Presidente**: — Tem a palavra o Sr. Deputado Paulo Núncio.

O Sr. **Paulo Núncio** (CDS-PP): — Sr. Presidente, Sr. Primeiro-Ministro, Srs. Membros do Governo, Sr.as e Srs. Deputados, temos ouvido a oposição neste debate a reclamar da situação da saúde, da educação e da habitação em Portugal. Bom, e sobre isto, o Governo está a trabalhar, apresenta resultados e está a cumprir o programa com que se comprometeu com os portugueses.

Mas há um aspeto de que a esquerda nunca fala, em especial o PS. E é muito curioso que, quando falam destes problemas, a esquerda nunca fala da imigração descontrolada…

Vozes do L, do PCP e do BE: — Ah…!

O Sr. **Paulo Núncio** (CDS-PP): — … e das consequências gravíssimas que a imigração descontrolada teve, precisamente, no estado da saúde, da educação e da habitação em Portugal.

Protestos da Deputada do PS Isabel Alves Moreira e do Deputado do L Rui Tavares.

O Sr. **Fabian Figueiredo** (BE): — E nos exames nacionais!

O Sr. **Paulo Núncio** (CDS-PP): — A imigração descontrolada sempre foi uma carta fora do baralho do Partido Socialista. É de uma hipocrisia total! A esquerda que se queixa agora da dificuldade de resposta dos serviços públicos é a mesmíssima esquerda que tornou Portugal numa referência mundial de facilitismo de imigração ilegal.

O Sr. **João Pinho de Almeida** (CDS-PP): — Muito bem!

O Sr. **Paulo Núncio** (CDS-PP): — Foi a esquerda que permitiu que 800 000 imigrantes tivessem entrado em Portugal de um dia para o outro, sem regulação, sem registo criminal e sem qualquer tipo de controlo.

O Sr. **João Pinho de Almeida** (CDS-PP): — Muito bem!

O Sr. **Fabian Figueiredo** (BE): — E o facilitismo nos exames?

O Sr. **Paulo Núncio** (CDS-PP): — Mas felizmente que este descontrolo migratório foi confirmado oficialmente, e o número de imigrantes, pasme-se, dobrou em menos de cinco anos e representa já hoje 14 % da totalidade da população. Este descontrolo teve, efetivamente, um efeito dramático no estado da Nação e, em particular, no estado da saúde, da educação e da habitação em Portugal.

O Sr. **Fabian Figueiredo** (BE): — É, e os exames?

O Sr. **Paulo Núncio** (CDS-PP): — Mas a revisão dos números do INE permitiu também desmascarar uma fraude que o PS tentou vender aos portugueses. Afinal, Srs. Deputados, o País não convergiu com a média europeia e os portugueses ficaram muito mais pobres depois de oito anos do desastroso Governo do Partido Socialista.

Protestos da Deputada do PS Isabel Alves Moreira.

O PS tentou de tudo para fugir à realidade. O PS nunca teve um mínimo de honestidade para reconhecer as gravíssimas consequências, para o estado da Nação, do descontrolo migratório,…

O Sr. **Pedro Pinto** (CH): — Ora bem!

O Sr. **Paulo Núncio** (CDS-PP): — … em particular na saúde, na educação e na habitação.

Protestos do Deputado do PCP Alfredo Maia.

Ainda por cima, tem como Secretário-Geral o homem responsável pela criminosa decisão de extinção do SEF.

O Sr. **Pedro Pinto** (CH): — Ora!

O Sr. **Paulo Núncio** (CDS-PP): — Sr. Deputado José Luís Carneiro, não é preciso ler cartas para saber que a extinção do SEF era um desastre anunciado.

Protestos dos Deputados do PS Isabel Alves Moreira e José Luís Carneiro.

Por isso, Sr. Primeiro-Ministro, pergunto-lhe, em primeiro lugar, se a nação está ou não está melhor…

A Sr.ª **Isabel Alves Moreira** (PS): — É melhor perguntar ao Sr. Ministro!

O Sr. **Paulo Núncio** (CDS-PP): — … depois de o Governo ter finalmente controlado a imigração. Haverá maior hipocrisia política do que o PS criticar problemas que nasceram precisamente de decisões tomadas pelo PS quando estava no Governo?

Mas, Sr. Primeiro-Ministro, governar não é só corrigir erros do passado; é também apresentar resultados no presente.

Protestos do Deputado do L Rui Tavares.

Em matéria de impostos, a governação da AD tem bons resultados para apresentar,…

O Sr. **Fabian Figueiredo** (BE): — Tem, tem! À data de hoje, o País está um mimo!

O Sr. **Paulo Núncio** (CDS-PP): — … ao contrário do que disse a Iniciativa Liberal.

Desde 2024 que a carga fiscal de impostos está a reduzir em Portugal. Reduzimos o IRS e o IRC e vamos continuar a reduzir impostos até ao final da Legislatura, porque a redução de impostos é uma marca desta governação da AD.

O Sr. **Bruno Ventura** (PSD): — Muito bem!

O Sr. **Paulo Núncio** (CDS-PP): — Estes resultados, Sr. Primeiro-Ministro, foram conseguidos não obstante o aumento da despesa provocado pelos acordos entre os dois maiores partidos da oposição.

O Sr. **Pedro Pinto** (CH): — Oh, oh! Estava a ir tão bem!

O Sr. **Paulo Núncio** (CDS-PP): — Porque não foi só na sexta-feira que o Deputado André Ventura andou a bater à porta dos gabinetes do PS. Nos últimos dois anos, as medidas irresponsáveis e despesistas acordadas entre o PS e o Chega já custaram ao País mais de mil milhões de euros.

Aplausos do PSD e do CDS-PP.

Por isso, pergunto-lhe, Sr. Primeiro-Ministro, no tempo que me resta: se não fosse o custo astronómico das medidas aprovadas pelos dois maiores partidos da oposição…

Protestos do Deputado do PS Eurico Brilhante Dias.

… contra a vontade do Governo,…

Risos do BE.

O Sr. **Pedro Vaz** (PS): — Olha o custo!

O Sr. **Paulo Núncio** (CDS-PP): — … teria sido possível ainda reduzir mais o IRS às famílias e mesmo eliminar-se o malfadado AIMI (adicional ao imposto municipal sobre imóveis), também tristemente conhecido como imposto Mortágua?

Aplausos do PSD e do CDS-PP.

O Sr. **Pedro Vaz** (PS): — É sempre para os mesmos!

O Sr. **Presidente**: — Tem a palavra o Sr. Primeiro-Ministro.

O Sr. **Fabian Figueiredo** (BE): — O Sr. Primeiro-Ministro nem sabe ao que há de responder!

O Sr. **Primeiro-Ministro**: — Sr. Presidente, Sr.as e Srs. Deputados, Sr. Deputado Paulo Núncio, começando já por essa segunda questão, não há dúvida: são entre 1200 e 1300 milhões de euros os impactos financeiros das medidas que foram decididas pela convergência, presumo que estratégica e estrutural, do ponto de vista do pensamento político do Partido Socialista e do Chega.

O Sr. **José Luís Carneiro** (PS): — Veja lá o que está a dizer!

O Sr. **Primeiro-Ministro**: — Nós não estamos a falar de impactos de apenas uma vez; estamos a falar de impactos permanentes.

O Sr. **Paulo Núncio** (CDS-PP): — Isso!

O Sr. **Primeiro-Ministro**: — Estamos a falar de medidas que vão ter, e têm, uma aplicação permanente. Estamos a falar de condicionamento da ação executiva, com certeza, Sr. Deputado.

Em quatro diminuições de IRS, devolvemos às famílias portuguesas 2 mil milhões de euros. Se tivéssemos mais 1300 milhões de euros disponíveis, podíamos, entre outras coisas, ter descido ainda mais o IRS em Portugal.

Aplausos do PSD e do CDS-PP.

É que estas decisões, para além de influenciarem o Governo, são escolhas. Elas são escolhas. O Chega e o Partido Socialista escolheram congelar o aumento de 13 € por ano das propinas e com isso retirar instrumentos para nós termos uma ação social ainda mais efetiva e para podermos ter uma política fiscal ainda mais efetiva.

A Sr.ª **Sofia Pereira** (PS): — Genial…!

O Sr. **Primeiro-Ministro**: — O Partido Socialista e o Chega quiseram que todos os automóveis que passam naqueles troços de autoestrada que isentaram fossem usufrutuários dessa vantagem, mesmo que fossem automóveis estrangeiros ou automóveis de aluguer, de pessoas que estão episodicamente em Portugal. Essa escolha política é legítima, mas é escolha. Aqueles que estão sempre preocupados com a

sensibilidade e com a justiça relativa das decisões preferem entregar de mão beijada esta vantagem de forma indiscriminada a todos, ao invés, pelo menos, de a direcionarem de forma exclusiva a quem vive naqueles territórios e cujo impacto na sua vida diária é mais efetivo.

O Sr. **Paulo Núncio** (CDS-PP): — Isso!

O Sr. **Primeiro-Ministro**: — Estamos a falar de decisões que criam, de facto, em muitos casos, injustiça relativa.

Mas, Sr. Deputado, a nossa esperança é que estes maus exemplos possam, pelo menos, despertar a consciência destes partidos e que eles possam conduzir a sua política atendendo, efetivamente, à sensibilidade social de ajudar quem mais precisa e à justiça relativa de não tratar de forma igual aquilo que é diferente.

Sr. Deputado Paulo Núncio, os efeitos da política de imigração dos últimos anos, como tínhamos antecipado, são enormes. É preciso dizer que não somos contra os imigrantes.

O Sr. **Pedro Pinto** (CH): — Já sabemos!

O Sr. **Primeiro-Ministro**: — Pelo contrário, já testemunhei nesta Câmara algumas vezes, e vou fazê-lo uma vez mais, que os primeiros interessados numa política migratória regulada, que seja mais humanista e que proceda a uma maior e melhor integração, são os próprios imigrantes.

Aplausos do PSD e do CDS-PP.

São eles que nos têm procurado para, no fundo, nos agradecer aquilo que estamos a fazer. Porquê? Porque muito pior do que a falta de regras é vir sob as mãos de redes criminosas de aproveitamento do esforço de trabalho das pessoas.

O Sr. **Paulo Lopes Marcelo** (PSD): — Isso mesmo!

O Sr. **Primeiro-Ministro**: — É chegar cá e ter um instrumento, como era a manifestação de interesse, tão facilitista que depois acumulou 577 000 imigrantes por atender nos serviços e 450 000 registos criminais por confirmar. É não saber quantos vêm, como é que vêm e aquilo que têm por garantia de integração.

Hoje, privilegiamos o acesso à habitação, o acesso aos serviços de saúde e à educação. Mas temos quase mais de 500 000 utentes no Serviço Nacional de Saúde, nos serviços primários.

Protestos da Deputada do PS Isabel Alves Moreira.

Porquê? Porque andaram a esconder-nos o efeito que este movimento tinha tido na sociedade.

Aplausos do PSD e do CDS-PP.

Temos mais cerca de 125 000 alunos estrangeiros nas nossas escolas e precisamos de ter capacidade de resposta.

Queremos dar resposta, também, aos imigrantes que vêm para Portugal. Mas isto devia ter sido prevenido, antecipado e programado. Tivemos de responder em dois anos.

Protestos da Deputada do PS Isabel Alves Moreira.

Mesmo assim, quem nada fez durante oito ainda é capaz de se queixar.

Aplausos do PSD e do CDS-PP.

Entretanto, assumiu a presidência o Vice-Presidente Marcos Perestrello.

O Sr. **Presidente**: — Tem a palavra o Sr. Deputado Fabian Figueiredo, do Bloco de Esquerda, que dispõe de 5 minutos.

O Sr. **Fabian Figueiredo** (BE): — Sr. Presidente, Sr.as e Srs. Deputados, Sr. Primeiro-Ministro, espero que tenha recuperado o *jetlag* das viagens e da canseira dos concertos do NOS Alive.

Protestos de Deputados do PSD.

Portugal infelizmente não vai ganhar o Mundial, mas há um troféu que ninguém lhe tira: é o Primeiro-Ministro que assistiu a mais jogos em Mundiais desde que há registo — mesmo no meio do estado de alerta, no meio de uma onda de calor perigosíssima, mesmo com os incêndios de Vouzela a serem vistos do espaço.

O Sr. Primeiro-Ministro, na próxima campanha, não vai pôr cartazes a dizer «Deixem o Luís trabalhar». Vai pôr cartazes «Deixem o Luís viajar».

Protestos de Deputados do PSD.

Infelizmente, os problemas do País não embarcam consigo; ficam cá e estão à sua volta.

A seis cadeiras da sua está o Sr. Ministro da Educação Fernando Alexandre, responsável por um caos olímpico no Ministério da Educação.

Protestos de Deputados do PSD.

O que diria o Luís da oposição se tivéssemos um Ministro da Educação a criar o caos nos exames como Fernando Alexandre criou?

Por isso pergunto-lhe, primeiro, quando é que vai pedir desculpa aos portugueses; e, segundo, quando é que vai demitir o Sr. Ministro da Educação.

Acrescento mais um pedido. Sr. Ministro, Sr. Primeiro-Ministro, isto não se pode repetir. Diga ao seu partido para viabilizar a comissão parlamentar de inquérito do Bloco de Esquerda para que, com sentido patriótico, se apure tudo o que falhou, para que, para o ano, não se repita.

Um último pedido, que é de elementar justiça, Sr. Primeiro-Ministro. Não obrigue as famílias e os estudantes a pagar duplamente pelas trapalhadas do Ministério da Educação. Isente as famílias do pagamento dos 25 € pela reavaliação dos exames. É o mínimo de reparação que o seu Governo deve às famílias e aos estudantes do seu País.

Sr. Primeiro-Ministro, do outro lado, a Sr.ª Ministra Ana Paula Martins, Ministra da Saúde, prometeu ao País o Plano de Emergência e Transformação na Saúde. Cumpriu metade: a emergência ficou, está aqui; a transformação é que ninguém viu.

O Sr. Primeiro-Ministro pode culpar os imigrantes de tudo, mas explique porque é que há menos cirurgias e menos consultas e mais caos nas urgências.

O Sr. **Paulo Núncio** (CDS-PP): — Há mais? Há mais? Há é mais utentes!

O Sr. **Fabian Figueiredo** (BE): — Disso não pode culpar os imigrantes. Mas, Sr. Primeiro-Ministro, ao mesmo tempo, há que registar: o negócio privado da saúde, nunca floresceu tanto. É, aliás, essa a razão pela qual Ana Paula Martins aqui está sentada, é o verdadeiro amuleto da sorte do negócio privado da saúde!

Duas cadeiras ao seu lado, Joaquim Miranda Sarmento: temos o custo de vida a disparar, os combustíveis aumentam. No início da semana, tivemos, inclusive, o Sr. Primeiro-Ministro a dizer que não percebia porque é que os preços dos combustíveis não baixavam, nem sabia como é que haviam de baixar. Eu dou-lhe um conselho — é de graça, os Srs. Deputados do PSD Madeira também lhe podiam dar —, é simples: fixe tetos máximos nos combustíveis para que não sejam os portugueses a pagar o preço irresponsável da especulação das petrolíferas.

O Sr. **Bruno Ventura** (PSD): — Fixe-se o manso!

O Sr. **Fabian Figueiredo** (BE): — E já agora, Sr. Primeiro-Ministro, onde é que está o famoso imposto sobre os lucros extraordinários? Quem é que o vetou: foi no Conselho de Ministros ou foi no Conselho de Administração da Galp, que se está a encher de dinheiro à custa dos portugueses que todos os dias têm que ir à bomba de gasolina?

Sr. Primeiro-Ministro, Portugal é também notícia na Europa por ser o país em que o preço da habitação mais aumenta. Aqui está o Sr. Ministro da Habitação. Qual é que foi o plano genial que trouxe? Uma pandemia de despejos, porque do que o País precisa mesmo é de facilitar o pagamento — não é facilitar o pagamento da renda baixando os preços, é facilitar os despejos de quem paga a renda. Ora, aí está uma ideia genial! A Comissão Europeia recomenda TED (taxa especial de dedução) às rendas. O que faz o Governo? Facilitar os despejos a quem paga a renda se se atrasar uns dias — porque está à espera do salário, do subsídio da baixa ou porque trabalha a recibos verdes e está à espera que os clientes paguem finalmente a fatura.

E, claro, a Sr.ª Ministra do Trabalho, que em vez de se concentrar em resolver o problema da falta de creches, de lares, anda por aí a tentar desenterrar o pacote laboral *zombie* que o Sr. Primeiro-Ministro não pôs no programa eleitoral, que a sociedade portuguesa rejeita e que este Parlamento chumbou.

Sr. Primeiro-Ministro, o seu Governo está como a plataforma dos exames.

O Sr. **Bruno Ventura** (PSD): — Agradeça ao Chega!

O Sr. **Fabian Figueiredo** (BE): — Nada funciona, falham a combater o custo de vida, falham na habitação, na educação e na saúde.

Sr. Primeiro-Ministro, os portugueses deixam o Luís trabalhar. O Luís é que não trabalha para resolver os problemas dos portugueses.

Aplausos do PS e do L.

O Sr. **Presidente** (Marcos Perestrello): — Tem a palavra…

Protestos do PSD.

Srs. Deputados…

Sr. Primeiro-Ministro, se faz favor, tem a palavra.

O Sr. **Primeiro-Ministro**: — Srs. Deputados, Sr. Deputado Fábio Figueiredo, isso foi uma espécie de metralhadora a apontar para todo lado…

Risos do PSD.

… com várias metáforas e com viagens pelo meio. Fiquei aqui a pensar: ainda há poucos anos, a viagem dos Deputados do Bloco de Esquerda para a Assembleia da República fazia-se mais ou menos num *minibus*, num autocarro que tinha à volta de 20 ocupantes. Depois, uma *Vanette* chegava, porque, entretanto, diminuíram para metade. Depois, enfim, um táxi ou um *Uber* já chegava.

O Sr. **Hugo Soares** (PSD): — Agora é de trotineta! E capacete!

O Sr. **Primeiro-Ministro**: — Hoje, é verdade, o Sr. Deputado pode vir de trotineta…

Risos do PSD, do CH, da IL e do CDS-PP.

… ou até pedir um lugar no táxi do PCP, porque há sempre lugar para mais um.

Aplausos do PSD e do CDS-PP.

O que é que isso tem a ver com a intervenção do Sr. Deputado Fabian Figueiredo? Tem a ver com a realidade que ele aqui retratou e o discurso que aqui fez, que não representam a vontade política do povo português.

O Sr. Deputado não consegue reconhecer nada, o Sr. Deputado acha que está tudo mal…

A Sr.ª **Filipa Pinto** (L): — Está pior!

O Sr. **Primeiro-Ministro**: — Sr. Deputado acha que bom, bom eram as políticas da famosa geringonça. E foram essas políticas que deixaram o Serviço Nacional de Saúde impecável, do ponto de vista da sua capacidade de resposta.

Aplausos do PSD e do CDS-PP.

Protestos de Deputados do PS.

O Sr. **Paulo Núncio** (CDS-PP): — Enfia a carapuça!

O Sr. **Primeiro-Ministro**: — Deixaram a escola pública impecável. E os efeitos das políticas de habitação não são responsabilidade desse tempo, são daquilo que foi decidido ontem ou anteontem.

Sr. Deputado, de facto, eu não estou interessado nos seus conselhos. O Sr. Deputado pode-mos enviar, mas eu não estou interessado, porque eu não quero ter o resultado que o Sr. Deputado tem alcançado; porque o despejo mais significativo a que eu tenho assistido é o dos lugares do Bloco de Esquerda neste Parlamento.

Aplausos do PSD e do CDS-PP.

Mas esse não é da minha responsabilidade, é da responsabilidade do povo português. É da responsabilidade do povo português. E cada um segue a sua estratégia e eu cá ficarei para deixar e para ver o Fabian trabalhar…

O Sr. **Pedro Pinto** (CH): — Ele não gosta!

O Sr. **Primeiro-Ministro**: — … e para ver se o trabalho do Fabian vai impedir a saída em massa daqueles que já foram também os representantes dessa força política.

Sr. Deputado, acredite, nós não fazemos tudo bem.

A Sr.ª **Isabel Moreira** (PS): — Ah! Ah!

O Sr. **Primeiro-Ministro**: — Nós cometemos seguramente alguns erros. Mas há uma coisa que nós fazemos: nós transformamos, nós mudamos, nós estamos verdadeiramente a colocar Portugal num patamar de desenvolvimento que nos aproxima dos países mais desenvolvidos da Europa. E isso pode ver-se ao nível do rendimento das pessoas, isso pode ver-se ao nível do dinamismo da nossa economia e também se pode ver na capacidade de resposta dos serviços públicos.

Aplausos do PSD e do CDS-PP.

O Sr. **Presidente** (Marcos Perestrello): — Tem a palavra a Sr.ª Deputada do PAN, Inês de Sousa Real.

A Sr.ª **Inês de Sousa Real** (PAN): — Sr.ᵃˢ e Srs. Deputados, Sr. Primeiro-Ministro e Srs. Membros do Governo, o caos a que temos assistido nos últimos dias nos exames e na avaliação é um pouco o espelho

daquilo que tem sido o estado da Nação, porque, efetivamente, com as trapalhices deste último Governo mais parece que Portugal nunca foi a exames, mais parece que todos os anos não temos pressão no SNS nem que dar resposta aos problemas da maternidade e das urgências obstetrícias.

Do mesmo modo, também parece que não temos a crise da habitação nem sequer tão pouco estão identificados os problemas que nos conduzem àquilo que é a falta de soluções.

Por outro lado, todos os anos também temos as tempestades, temos também as grandes cheias, os incêndios, e o que é que os sucessivos Governos têm feito? Continuam a deixar as populações ao abandono. Mais grave: temos todos os anos não só a perda de vidas humanas, mas também de animais nestas catástrofes, sem que haja, de facto, uma solução e, em particular, sem que se deixe de financiar quem mais polui e quem mais lucra à conta da desgraça alheia.

Todos os anos temos o abandono a aumentar no verão e basta olharmos para a bancada e perceber a ausência do Ministro da Agricultura para perceber que também há uma figura ausente no bem-estar animal,…

Protestos do PSD.

O Sr. **Hugo Soares** (PSD): — Não faça isso, não faça isso!

A Sr.ª **Inês de Sousa Real** (PAN): — … nas respostas aos agricultores e naquilo que efetivamente tem de ser uma solução para os seus problemas.

E, por isso mesmo, Sr. Primeiro-Ministro, porque efetivamente precisamos de respostas e de alguém que diga «presente», há também um tema que ficou de fora deste debate e que precisamos de questionar. É que continuamos a ter um aumento dos números da violência doméstica — ainda esta semana morreu mais uma criança de apenas 3 meses, este ano já morreram quatro crianças em contexto de violência, a violação é dos crimes que mais aumenta — e o seu Governo continua a bater na mesma tecla: na imigração como a raiz de todos os males, na insegurança, sem ser certeiro, e, acima de tudo, sem tirar da gaveta soluções que passem por robustecer a resposta de combate à violência doméstica.

Por isso, pergunto-lhe: quando, há um ano, o Sr. Primeiro-Ministro aqui me disse, à frente de todo este Hemiciclo, que estava disponível, sim, para tornar o combate à violência doméstica uma prioridade nacional, vai efetivamente vai fazê-lo? E o que é que vai ser feito? Porque há um ano, a sua Ministra da Justiça disse que estaria disponível para tornar a violação crime público, e não o fez; robustecer a rede de resposta às vítimas, e também não o fez. Por isso, para quando as respostas efetivas à violência doméstica e, em particular, à violência contra crianças, Sr. Primeiro-Ministro?

Vamos, entretanto, à Água que Une ou à água que desune, Sr. Primeiro-Ministro, porque, pelos vistos, a água conhece barreiras geográficas ou, pelo menos, barreiras de competência. É que se a estratégia Água que Une foi uma das grandes propagandas deste Governo, a verdade é que quando os municípios faltaram, como foi o caso da Almada, aquilo que vimos foi o Governo afastar as suas responsabilidades…

O Sr. **Paulo Núncio** (CDS-PP): — Então e a Presidente da Câmara?!

Protestos do PSD.

A Sr.ª **Inês de Sousa Real** (PAN): — … e dizer que era apenas uma responsabilidade municipal. Mas há uma questão que não podemos esquecer: independentemente da responsabilidade municipal, Sr. Primeiro-Ministro, o Governo tem de ter planos de contingência para que as populações não fiquem à mercê daquilo que possa ser a competência ou a incompetência dos serviços municipais. As populações não têm culpa do trabalho que sucessivas câmaras possam fazer ou até mesmo que o Governo não possa ter uma resposta nestes casos. E por isso pergunto-lhe se efetivamente vai ter uma estratégia que inclua também as respostas ao serviço municipal do ponto de vista do consumo doméstico e não apenas da agricultura ou das outras áreas.

No que diz respeito ao flagelo que são os incêndios, é fundamental perguntar-lhe, Sr. Primeiro-Ministro, se é desta que vamos ter uma reforma florestal, porque, em Vouzela, neste momento, os incêndios consumiram

mais de 15 000 hectares, o maior incêndio da Europa. Estamos a falar de uma área ardida que, mais uma vez, faz perder património natural.

Nas grandes tempestades, mas também nas cheias e nos incêndios, já morreram mais de 16 pessoas e, no entanto, o ordenamento do território continua na mesma. E, por isso, é importante perguntar-lhe: qual a estratégia que, efetivamente, vai ser prosseguida para a reforma florestal, para não ficarmos, de uma vez por todas, reféns dos grandes incêndios?

Sr. Primeiro-Ministro, hoje já aqui ouvimos falar muito e já ouvimos bater muito na mesma tecla: nas falhas que aconteceram nos exames, naquilo que são as falhas do SNS ou até mesmo ao nível das respostas do ponto de vista social. Todos nós desejamos o mesmo, o sucesso para o nosso País. Só que para desejarmos o sucesso para o nosso país é preciso estarmos, como até referiu recentemente, ao lado do povo. Mas estar ao lado do povo não se faz a milhares de quilómetros de distância e a atravessar um oceano. Também não se faz através da bancada de um estádio de futebol. Faz-se estando ao lado de quem tem de fugir das suas casas precisamente para fugir aos incêndios, faz-se estando ao lado de quem tem de largar tudo para garantir a segurança dos seus, dos animais e das suas propriedades, e faz-se, acima de tudo, não estando de costas voltadas para o País e também para aquilo que, de forma construtiva, a oposição o tem alertado.

O Sr. **Mário Amorim Lopes** (IL): — E porque é que não fez?!

O Sr. **Presidente** (Marcos Perestrello): — O Sr. Primeiro-Ministro tem a palavra para responder.

O Sr. **Primeiro-Ministro**: — Sr.ª Deputada Inês de Sousa Real, quanto à violência doméstica, tenho dito à Sr. ª Deputada que a nossa estratégia tem três grandes orientações: a prevenção, o combate e o apoio às vítimas. E foi por isso que nós já aprovámos uma proposta do Governo que altera o Código de Processo Civil, a Lei da Violência Doméstica e o Estatuto da Vítima; criámos um grupo de trabalho que visa aperfeiçoar os mecanismos a adotar pelas forças de segurança, em particular a GNR (Guarda Nacional Republicana), a PSP (Polícia de Segurança Pública), a PJ (Polícia Judiciária) e os técnicos de apoio à vítima; promovemos a entrada em vigor da nova ficha de avaliação de risco; criámos quatro novos gabinetes de apoio às vítimas no DIAP (Departamento de Investigação e Ação Penal) do Porto, depois também no Seixal, em Santarém, em Matosinhos e temos um ainda este ano para inaugurar nos Açores; lançámos avisos de 6,2 milhões de euros para a formação contínua especializada; reforçámos a proteção das vítimas de violência através da criação do Fundo Anual de Apoio; abrimos programas para agressores no contexto da violência doméstica, sob a coordenação da Direção-Geral de Reinserção e Serviços Prisionais; insistimos na formação de magistrados; decidimos o aumento do número de magistrados do Ministério Público para responder a esta necessidade, que é cada vez mais crescente; aprovámos o novo modelo de atuação da Equipa de Análise Retrospetiva de Homicídio em Violência Doméstica e, em 2026, estamos a criar uma linha de apoio 24 horas por dia, 7 dias por semana, com profissionais especializados e um serviço multilingue, assim como três respostas de apoio psicológico a crianças e jovens na Área Metropolitana de Lisboa.

Sr.ª Deputada, nós estamos a cumprir o compromisso que assumi consigo nos debates anteriores.

Aplausos do PSD.

O Sr. **Presidente** (Marcos Perestrello): — Para uma intervenção tem a palavra o Sr. Deputado Filipe Sousa, do JPP, que dispõe também de 5 minutos.

Sr. **Filipe Sousa** (JPP): — Sr. Presidente, Srs. Deputados, Sr. Primeiro-Ministro, Srs. Ministros: Hoje ouvimos falar de muitos números, ouvimos falar de défice, de dívida, de crescimento, de previsões, de indicadores, de reformas e, dessa forma, o Governo tenta convencer os portugueses de que o País está melhor. Mas a verdadeira pergunta, Sr. Primeiro-Ministro, não é saber como está o Governo. A verdadeira pergunta é saber como estão os portugueses. Sim, Sr. Primeiro-Ministro, saber como estão os portugueses, porque o estado da Nação não se mede apenas pela saúde política do Governo, não se mede pelas sondagens, não se mede por conferências de imprensa e anúncios. O estado na Nação mede-se pela vida real das pessoas, neste caso dos portugueses. Mede-se pelo jovem que estudou, que trabalha, que desconta

e que mesmo assim não consegue comprar ou arrendar a sua casa. Mas que país estamos a construir, Sr. Primeiro-Ministro, quando trabalhar já não chega para comprar a casa ou para construir uma vida em comum? Uma geração a quem pedimos qualificações, pedimos trabalho, pedimos esforço e depois oferecemos rendas incomportáveis e uma vida adiada, e muitas delas, muitas vezes, optam por sair do nosso País para encontrar melhores oportunidades de trabalho na sua vida.

Na saúde, os portugueses já ouviram de tudo: planos, reformas, promessas, anúncios, mas, acima de tudo, continuam à espera. À espera de uma consulta, à espera de um exame, à espera de uma cirurgia e de um médico de família. Os portugueses não vão ao hospital à procura de um *PowerPoint*. Vão à procura de um médico e por isso pergunto com toda a naturalidade, Sr. Primeiro-Ministro: quando é que os portugueses vão sentir na sua vida a melhoria do Serviço Nacional de Saúde que o Governo anuncia nos jornais?

Sr. Primeiro-Ministro, eu venho de uma ilha e talvez por isso sei bem o significado do que é a palavra «esperar». E muito sinceramente, Sr. Primeiro-Ministro, esperava que nos 30 minutos iniciais da sua intervenção fizesse uma pequena referência aos portugueses que residem na Madeira e nos Açores. Infelizmente, lamento esse facto, nem uma palavra.

O Sr. **Francisco César** (PS): — Nem isso fizeram!

O Sr. **Filipe Sousa** (JPP): — Sr. Primeiro-Ministro, a Madeira e os Açores estão cansados de esperar. Esperámos pela mobilidade aérea, esperámos pela continuidade territorial, esperámos pelas ligações e esperámos pelos estudos, pelas decisões de Lisboa e também esperámos pela revisão da lei das finanças regionais, que agora foi prorrogada para finais de 2027.

Na mobilidade aérea, um direito que é constitucional foi transformado numa humilhação burocrática: plataformas, validações, comprovativos, adiantamentos, reembolsos. E pergunto, Sr. Primeiro-Ministro, esta é a continuidade territorial? É assim que o Estado português trata cidadãos portugueses, apenas porque vivem numa ilha? E quando é que um madeirense, um açoriano, vai pagar apenas o valor final da sua viagem? Quando é que vai o Governo cumprir as recentes decisões que foram aprovadas de uma forma democrática nesta Casa?

E depois, ainda no que diz respeito à mobilidade, neste caso a mobilidade marítima, pergunto, Sr. Primeiro-Ministro, quando vai o Governo lançar o concurso. Nós já sabemos que o estudo recentemente encomendado já foi entregue ao Governo e pergunto-lhe se ficará na gaveta.

E já que falo também de uma gaveta — e há pouco fez uma referência à lei das finanças regionais —, pergunto-lhe, Sr. Primeiro-Ministro, o porquê de empurrar a revisão da lei das finanças regionais para dezembro de 2027. É mais um grupo de trabalho, mais um relatório, mais tempo, mais espera. E dezembro de 2027, Sr. Primeiro-Ministro, não é assim que se trata as regiões autónomas.

Parece que o calendário da República anda sempre devagar quando toca a reconhecer efetivamente quais são os constrangimentos que nós, insulares, temos para ultrapassar no dia a dia nessas regiões. Por isso, Sr. Primeiro-Ministro, pergunto-lhe: porquê esperar até 2027 para rever uma lei que todos nós — continentais, madeirenses e açorianos — reconhecemos estar completamente ultrapassada? Consegue comprometer-se hoje com uma data para provar, efetivamente, que a nova Lei das Finanças das Regiões Autónomas entrará em vigor no início de 2028? Ou vai criar mais uma comissão para estudar os estudos desses grupos de trabalho, eventualmente criados para o efeito?

O Sr. **Presidente** (Marcos Perestrello): — Sr. Primeiro-Ministro, tem a palavra para responder.

O Sr. **Primeiro-Ministro**: — Sr. Presidente, Sr.as e Srs. Deputados, Sr. Deputado Filipe Sousa, quero partilhar consigo que 100 %, 100 % daquilo que eu disse na intervenção inicial foi para madeirenses, porto-santenses e açorianos — 100 %.

O Sr. **Paulo Moniz** (PSD): — Muito bem!

O Sr. **Primeiro-Ministro**: — Tudo aplicado a quem é português e quem vive no território nacional.

Claro, Sr. Deputado, que, em cima disso, também há as matérias específicas das regiões autónomas, aquelas em que estamos a trabalhar especificamente com os governos regionais, como fizemos no Orçamento do Estado, onde fizemos transferências extraordinárias de mais de 150 milhões de euros para a Madeira e de mais de 200 milhões de euros para os Açores, para cobrir os pagamentos de dívida, para cobrir aquilo que a Madeira nomeadamente perdeu em termos de Fundo de Coesão e para financiar projetos do PRR. Estamos a trabalhar para todos os portugueses e, de forma específica, também para aquelas que são as matérias específicas das regiões autónomas.

Aplausos do PSD.

O Sr. **Presidente** (Marcos Perestrello): — Passamos agora à segunda ronda do debate. Temos várias inscrições para intervenções dos grupos parlamentares,…

O Sr. **Pedro Pinto** (CH): — Não são intervenções, são perguntas!

O Sr. **Presidente** (Marcos Perestrello): — … pedidos de esclarecimento para os quais não há tempo de resposta, portanto, é uma sucessão de pedidos de esclarecimento.

O Sr. Deputado Pedro Pinto tem a palavra para um primeiro pedido de esclarecimento.

Protestos do Deputado do PSD Hugo Soares e contraprotestos do Deputado do CH Pedro Pinto.

Sr. Deputado… O Sr. Deputado está a ouvir-me? Tem 2 minutos.

O Sr. **Pedro Pinto** (CH): — Sr. Presidente, Srs. Membros do Governo, Sr. Primeiro-Ministro, tenho a dizer-lhe que quem não sabe gerir o tempo também não sabe gerir um país, e é isso que tem acontecido, infelizmente, com o seu Governo.

Aplausos do CH.

Vozes do PSD: — Eh!

O Sr. **Pedro Pinto** (CH): — Sr. Deputado Hugo Soares, eu não sei se o Sr. Deputado André Ventura faltou a algum debate sobre umas europeias em 2019, quando ainda não existia o Chega. Não sei se faltou, a única coisa que eu sei é que ele não estava na festa do Pontal quando o País ardia, onde os senhores estavam. Isso é aquilo que eu sei.

Aplausos do CH.

Temos assistido neste debate ao choradinho do Governo. E qual é o choradinho do Governo num debate sobre o estado da Nação? «O Chega lança-se nos braços do Partido Socialista». Ó Sr. Primeiro-Ministro: Lei da Nacionalidade, o seu Governo aprovou a Lei da Nacionalidade com quem? Foi com esta bancada e com o Chega; lei dos estrangeiros, aprovou com quem? Foi com esta bancada e com o Chega; baixa do IRS, aprovou com quem? Foi com esta bancada e com o Chega; baixa do IRC, aprovou com quem? Foi com esta bancada e com o Chega; IRS Jovem, foi com quem? Foi connosco, Sr. Primeiro-Ministro.

O Sr. **André Ventura** (CH): — Muito bem!

O Sr. **Pedro Pinto** (CH): — Foi connosco.

Aplausos do CH.

Portanto, aqui os únicos braços onde nós estamos, Sr. Primeiro-Ministro, são os braços do povo português, são os braços do povo português, são os únicos braços onde nós estamos.

O Sr. **André Ventura** (CH): — Muito bem!

O Sr. **Pedro Pinto** (CH): — Mas, Sr. Primeiro-Ministro, eu digo-lhe que fiquei chocado. E o Sr. Primeiro-Ministro não tem tempo para pedir desculpa às pessoas do interior do País e às do Algarve.

O Sr. **Pedro Vaz** (PS): — E Albufeira?! É vossa!

O Sr. **Pedro Pinto** (CH): — Não tem tempo, mas devia pedir desculpa, porque disse que as pessoas passam agora de forma indiscriminada nas autoestradas sem pagar portagem. Ó Sr. Primeiro-Ministro, tem a noção de quanto é que as empresas no interior do País beneficiaram por não pagarem autoestradas?

Aplausos do CH.

Tem a noção de quanto é que os portugueses do interior do País beneficiaram por não pagarem autoestradas? Tem a noção das pessoas do Algarve beneficiaram sem pagar portagens?

O Sr. **Pedro Vaz** (PS): — Fala de Albufeira!

O Sr. **Pedro Pinto** (CH): — Tem essa noção? Não tem essa noção.

O Sr. **Primeiro-Ministro**: — Tenho, tenho!

O Sr. **Pedro Pinto** (CH): — Sabe porquê, Sr. Primeiro-Ministro? Porque o seu Governo é um Governo insensível, é um Governo que não conhece as pessoas e não conhece realmente o País real, Sr. Primeiro-Ministro.

Aplausos do CH.

Protestos do Deputado do PSD Hugo Soares.

O Sr. **Pedro Pinto** (CH): — E o passe verde? Os outros também o estão a pagar e não têm transporte!

O Sr. **Presidente** (Marcos Perestrello): — Também para um pedido de esclarecimento, tem a palavra a Sr.ª Deputada Mariana Vieira da Silva, do Partido Socialista.

A Sr.ª **Mariana Vieira da Silva** (PS): — Sr. Presidente, Sr.as e Srs. Deputados, Sr. Primeiro-Ministro, passaram dois anos desde que é Primeiro-Ministro e apresentou as suas políticas para a saúde. Essas políticas falharam. Falharam porque não produziram os resultados prometidos, prometia e chegou a cantar vitória com o fim das listas de espera, e elas são as maiores; falharam porque degradaram a capacidade de resposta, o número de cirurgias cai de mês para mês quando comparado com o ano anterior, e falharam porque muitos dos indicadores que hoje existem são piores de quando o anterior Deputado Luís Montenegro usava as palavras «caos» e «desnorte» para descrever o que se passava no SNS.

O Sr. **Eurico Brilhante Dias** (PS): — Muito bem!

A Sr.ª **Mariana Vieira da Silva** (PS): — Ora, se os indicadores são piores, o que é que é pior do que caos e desnorte?

Tem sido muito difícil que o Governo reconheça esta situação, mesmo que os indicadores estatísticos repitam e repitam. Aquilo que faz é tipicamente duas coisas, que, aliás, fez hoje: a primeira, inventa

indicadores estatísticos novos — que, devo dizer, também já estão a piorar. E, em segundo lugar, arranja responsáveis. Na saúde já foram as grávidas, que ligam tarde demais para o SNS24; os imigrantes, claro está; os trabalhadores do Ministério da Saúde, que não atendem ou que não respondem.

Aplausos do PS.

O último anúncio que fez e que iria resolver os problemas foi a criação das duas urgências regionais. Ficaram incompletas, porque o sistema de incentivos, nem vê-lo! E, por isso mesmo, já estão hoje estes dois hospitais, cujas urgências ao lado deles encerraram, a falhar também, a não receber grávidas.

Sr. Primeiro-Ministro, quando se lança uma medida política e ela produz o resultado oposto ao pretendido, isso não se chama reformar. Chama-se falhar, falhar, falhar.

Aplausos do PS.

E se não perceber rapidamente que assim é, o resultado é simples: os portugueses vão ouvir o Governo a dizer que vai reformar e vão ter medo — «Ai, ai, o que é que agora vem a seguir?»

Aplausos do PS.

Anunciaram uma reforma do SNS, do Ministério da Saúde. Perante o que aconteceu no Ministério da Educação, não era melhor parar para pensar?

Aplausos do PS.

O Sr. **Presidente** (Marcos Perestrello): — Tem a palavra a Sr.ª Deputada Joana Cordeiro, da Iniciativa Liberal.

A Sr.ª **Joana Cordeiro** (IL): — Sr. Presidente, Srs. Membros do Governo, Srs. Deputados, Sr. Primeiro-Ministro, na terça-feira, esteve em Palmela, enquanto líder do PSD, no evento Governar com Resultados. Então, falemos dos resultados do seu Governo na Península de Setúbal, naquilo que respeita à saúde.

Como sabe, a Iniciativa Liberal acompanhou a ideia da criação da urgência regional, porque entre encerramentos rotativos e falta de previsibilidade, obviamente, preferimos uma resposta organizada, que dê segurança às grávidas e que dê segurança a todas as famílias.

Mas uma urgência regional não se faz por despacho, faz-se com profissionais, com instalações e, neste caso, com as três ULS (unidades locais de saúde) a trabalhar em conjunto. Em Almada, a atividade ainda aumentou em 113 % nos partos e 130 % nas admissões, mas faltam cerca de 18 enfermeiros e cerca de 10 médicos. O Barreiro apenas contribui com três médicos, também por falta de recursos. E o centro de elevado desempenho, prometido até ao verão para atrair e reter os profissionais, continua sem existir.

Portanto, tudo isto porque o seu Governo não fez aquilo que deveria ter feito. E não fez aquilo que deveria ter feito para responder às grávidas e para ajudar todos aqueles que todos os dias estão no terreno a tentar manter a urgência regional a funcionar. E é por isso que nós temos hoje cada vez mais grávidas a ser desviadas para Lisboa.

E depois, aquilo que nos dizem é: para aceder à urgência, pedem às pessoas que liguem primeiro para o SNS24. Obviamente, faz sentido encaminhar as pessoas para a sua melhor resposta, mas regular o acesso não pode dificultá-lo. E quando uma pessoa doente espera mais de 20, 30, 45 minutos para que o SNS24 atenda, não está a ser encaminhada, está a ser abandonada completamente.

E tudo isto, Sr. Primeiro-Ministro, é o padrão de governação do seu Governo. Tem ideias, algumas boas, faz anúncios, mas depois falha. Nunca garante os meios para que estas ideias possam ser executadas.

O Sr. **Jorge Miguel Teixeira** (IL): — Muito bem!

A Sr.ª **Joana Cordeiro** (IL): — Portanto, Sr. Primeiro-Ministro, quando é que começam finalmente a passar da propaganda à ação? Quando é que vão garantir os profissionais suficientes na urgência regional da Península de Setúbal? Quando é que regulamentam os centros de elevado desempenho? Quando é que o SNS24 vai conseguir atender a tempo? Portanto, Sr. Primeiro-Ministro, é que governar com resultados não é apenas anunciar soluções, é pô-las a funcionar.

Aplausos da IL.

O Sr. **Presidente** (Marcos Perestrello): — Tem a palavra a Sr.ª Deputada Marta Silva, do Chega.

A Sr.ª **Marta Martins da Silva** (CH): — Sr. Presidente, Sr. Primeiro-Ministro, ontem disse que colocava a sua cabeça no cepo pelas reformas que está a fazer na saúde. Então, aceitamos esse desafio.

Este Governo prometeu emergência, transformação, refundar o INEM. Dois anos depois, o que temos é doentes a morrer à espera de uma ambulância, um SNS que gasta mais, aumentaram os utentes sem médico, cresceram as listas de espera hospitalares e diminuiu a transparência.

Perante este fracasso, o Governo decidiu não criar médicos, mas sim retirar médico aos portugueses saudáveis há mais de cinco anos.

O Sr. **Eduardo Teixeira** (CH): — É verdade! Uma vergonha!

A Sr.ª **Marta Martins da Silva** (CH): — Mas uma pessoa saudável vai deixar de pagar impostos e de pagar para o SNS? Não.

Aplausos do CH.

Outro grande fracasso: listas de espera hospitalares que não param de aumentar. Qual é a solução? Retirar das listas de espera os doentes que aguardam pequenas cirurgias. Não foram operados, nem deixaram de precisar, simplesmente deixaram de contar para a sua estatística.

Como é possível falharem na oncologia a mais de dois terços dos doentes? Falharam precisamente onde era mais importante não falhar.

Srs. Ministros, reduzir listas sem tratar doentes é só contabilidade política, e os portugueses votaram num Governo para tratar doentes, não foi para esconder doentes nas listas, nem para trocar *boys* do PS por *boys* do PSD na gestão das ULS.

Aplausos do CH.

Responda-me, Sr. Primeiro-Ministro, com os olhos nos portugueses: acha, sinceramente, que hoje os portugueses confiam mais no SNS do que confiavam quando este Governo tomou posse? Esta pergunta é muito simples e é a única cuja resposta queremos ouvir, mas também já sabemos a resposta: é não.

Aplausos do CH.

O Sr. **Presidente** (Marcos Perestrello): — Tem a palavra o Sr. Deputado Miguel Cabrita, do Partido Socialista.

O Sr. **Miguel Cabrita** (PS): — Sr. Presidente, Sr. Primeiro-Ministro, prometeu soluções fáceis, mas só agrava as dificuldades na saúde, na habitação, no custo de vida.

O mais extraordinário é que há problemas que não tinham de o ser, são criados pelo próprio Governo, porque onde falta competência para resolver os problemas do País e das pessoas sobra capacidade para criar problemas onde eles não existiam.

Quer um exemplo? O Código do Trabalho. O Governo herdou o emprego em máximos com a atual lei. Vangloria-se disso ainda hoje, mas não descansou enquanto não criou um problema político gigantesco.

Escondeu dos portugueses o que ia fazer antes das eleições, mas três meses depois apresentou o pacote laboral mais lesivo para os trabalhadores, para os jovens, para as famílias.

Aplausos do PS.

Com mais contratos a prazo para os jovens, com banco de horas individual até 50 horas por semana, com despedimentos mais fáceis, e muito mais. A proposta era um desastre, a concertação foi um desastre, no Parlamento foi outro desastre e na opinião pública foi um desastre ainda maior.

Pergunto-lhe: o Governo vai respeitar esta rejeição generalizada? Ou vai, como já ameaçou a Sr.ª Ministra, insistir neste ataque aos trabalhadores e aos jovens?

Quer mais exemplos? A prestação social única. Era uma reforma para simplificar, para reforçar o acesso dos mais frágeis à proteção social. O Governo transformou-a em mais uma colagem ao Chega, com um discurso sobre canais de denúncia e trabalho social obrigatório.

Em vez de proteger e incluir os mais pobres, fez outra escolha: estigmatizar e punir. Mesmo quando o Governo foi obrigado pelo PS a corrigir estes erros, a Ministra confessou que o parceiro preferencial era o Chega, numa matéria tão sensível.

Pergunto-lhe: concorda com esta ideia, subscreve a ideia de que era esse o parceiro preferencial?

Finalmente, porque é que estão a esconder o relatório sobre pensões que encomendaram ao especialista que trabalha há décadas para os fundos privados de pensões, para as bancas e para a seguradora?

Aplausos do PS.

Estão a guardá-lo para as férias, como fizeram com o Código de Trabalho? Não aprendem nada!

Pode garantir, hoje e aqui, que não vão tentar privatizar uma parte da Segurança Social, tão sensível, tão importante para os portugueses?

Aplausos do PS.

O Sr. **Presidente** (Marcos Perestrello): — Tem a palavra o Sr. Deputado Rodrigo Saraiva, da Iniciativa Liberal.

O Sr. **Rodrigo Saraiva** (IL): — Sr. Presidente, Sr. Primeiro-Ministro, há muitas formas de avaliar o estado da Nação e uma delas é a forma como os Estados se relacionam. Por isso, é muito importante saber se Portugal se faz respeitar dentro das suas fronteiras. As relações internacionais exigem diálogo, prudência e, muitas vezes, pragmatismo, o que leva alguns Estados, por esse mundo fora, a fecharem os olhos àquilo que outros Estados fazem nos seus territórios. Mas a política que exige diplomacia e diálogo não obriga a silêncio nem a submissão.

No mês passado, tivemos um acontecimento na cidade de Lisboa. Não foi em Pequim, foi em Lisboa. O *American Club*, em conjunto com a ONG (organização não-governamental) *Safeguard Defenders*, organizou um debate sobre prisões arbitrárias de cidadãos na China. Aconteceu que a Embaixada da China em Portugal enviou uma carta ao *American Club* a solicitar que esse evento não tivesse lugar.

O Sr. **Hugo Soares** (PSD): — O que é que temos a ver com isso?

O Sr. **Rodrigo Saraiva** (IL): — Depois, temos um segundo caso: essa mesma embaixada enviou uma carta a um órgão de comunicação social a exigir que um conteúdo, um artigo de opinião — não foi apenas a protestar, a dizer que não gostava, foi mesmo a exigir — fosse retirado do órgão de comunicação social. Repito, uma carta a exigir que fosse retirado um conteúdo de um jornal.

Perante isto, o que nós gostávamos de saber é se o Governo, ou Sr. Primeiro-Ministro, ou através do Sr. Ministro dos Negócios Estrangeiros, pondera chamar o Sr. Embaixador da China para lhe explicar o que é uma democracia, o que é um Estado de direito, o que é a separação de poderes, o que é a liberdade de expressão, o que é a liberdade de imprensa.

O Sr. **Pedro Pinto** (CH): — Está ali o Paulo Raimundo! Falem com ele!

O Sr. **Rodrigo Saraiva** (IL): — A soberania não se afirma apenas através das fronteiras ou de discursos. Esta é uma questão em que também se avalia, conforme os Estados se relacionam, o estado da Nação.

Aplausos da IL.

O Sr. **Hugo Soares** (PSD): — O Paulo Raimundo já falou com o embaixador!

O Sr. **Presidente** (Marcos Perestrello): — Tem a palavra a Sr.ª Deputada Maria José Aguiar.

A Sr.ª **Maria José Aguiar** (CH): — Sr. Presidente, Sr. Primeiro-Ministro, ontem, acusou os professores, disse que tinham resistência à inovação tecnológica. Ontem, o Ministro da Educação agradeceu-lhes por estarem a trabalhar noites, fins de semana e férias para tentar salvar o processo que o Governo deixou entrar em total descontrolo. Afinal, em que ficamos, Sr. Primeiro-Ministro? Os professores são os culpados ou são aqueles que estão a evitar que o falhanço do Governo seja ainda maior?

Ao dia de hoje o problema deixou de ser uma qualquer plataforma ou empresas, diga-se, suspeitas.

O problema é termos um Governo que recusou ouvir quem estava no terreno, os professores, corrigir quando ainda havia tempo e continua, ainda hoje, sem assumir para si um único erro. Todos foram culpados, menos o Governo.

Ao dia de hoje ainda há provas por classificar, faltam classificadores. Porque será? Assim, não consegue garantir que todas as classificações são publicadas amanhã.

Então, responda-me, Sr. Primeiro-Ministro: quando acaba, afinal, a primeira fase dos exames e quando começa a segunda? Quando é que estes jovens poderão, finalmente, candidatar-se ao ensino superior?

O Sr. **Pedro dos Santos Frazão** (CH): — Muito bem!

A Sr.ª **Maria José Aguiar** (CH): — Ou vai voltar a contradizer o Ministro da Educação? Vai o Sr. Primeiro-Ministro, agora e hoje, garantir que amanhã todos os alunos terão publicadas todas as classificações necessárias para concorrer ao ensino superior?

O Sr. **Pedro dos Santos Frazão** (CH): — Muito bem! Isso é que é preciso saber!

A Sr.ª **Maria José Aguiar** (CH): — E como vai ser garantido o acesso à prova pelos alunos para consulta, de forma gratuita e diretamente, tal como foi afirmado pelo Sr. Ministro da Educação? Pois parece que agora terá de ser por requerimento. Pergunto: afinal, estão com medo de quê?

O Sr. **Pedro dos Santos Frazão** (CH): — Ora bem!

A Sr.ª **Maria José Aguiar** (CH): — Quem responde a estes jovens, afinal? Os professores já responderam, as escolas também. Agora chegou a vez de o Governo fazer aquilo que nunca fez: assumir, finalmente, as suas responsabilidades. E quem é que vai iniciar? É o Sr. Primeiro-Ministro ou o Sr. Ministro da Educação?

Aplausos do CH.

O Sr. **Presidente** (Marcos Perestrello): — Tem a palavra a Sr.ª Deputada Sofia Pereira, do Partido Socialista. Dispõe de 2 minutos.

A Sr.ª **Sofia Pereira** (PS): — Sr. Presidente, Sr. Primeiro-Ministro, apresentamo-nos neste debate um dia depois de o Sr. Ministro Gonçalo Matias ter oficialmente decretado o Governo do nosso País como o Governo do experimentalismo, da «tentativa e erro», como solenemente afirmou.

Vejamos, então, a cronologia desta governação ou, na linguagem do Ministro Gonçalo Matias, a experiência maior, que é a habitação.

Em 2024, introduziram incentivos ao crédito e reduziram impostos à compra, numa crise de preços. Estimularam a procura, mas não foi uma tentativa, foi um erro que agravou os preços.

Em setembro de 2025, classificaram como renda moderada 2300 € e baixaram os impostos aos senhorios. Não foi uma tentativa, foi um erro que estimulou rendas mais altas.

Na semana passada, deram mais liberdade aos proprietários e desprotegeram inquilinos. Não foi uma tentativa, foi um erro que favoreceu quem mais beneficia com esta crise.

Em pouco mais de dois anos, as casas encareceram mais de 37 % e as novas rendas mais 27 %. É essa a vossa grande experiência?

Sr. Primeiro-Ministro, a habitação agrava o custo de vida e estrangula o rendimento disponível. O custo de uma habitação torna impossível a vida de uma mãe solteira.

Aplausos do PS.

Torna inacessível o sonho de uma vida digna a um jovem que acabou o ensino superior. Esmaga qualquer hipótese de poupança de uma família normal.

Este é o estado da nossa Nação, uma Nação onde os trabalhadores vivem em tendas, onde famílias compram autocaravanas, onde adultos partilham casas com desconhecidos.

A governação da tentativa e do erro limita-se a entregar chaves que não são obra sua. Não é uma obra deste Governo!

O Sr. **Alexandre Poço** (PSD): — As casas são do PS!…

A Sr.ª **Sofia Pereira** (PS): — Na habitação, depois de três pacotes, três debates sobre o estado da Nação, duas eleições, dois Governos, uma maioria de direita neste Parlamento, não é uma tentativa, é um erro! Estimular o endividamento é um erro! Premiar fiscalmente os senhorios é um erro! Revogar restrições no alojamento local é um erro! Desequilibrar o arrendamento contra os inquilinos é um erro!

Aplausos do PS.

Sr. Primeiro-Ministro, o custo da habitação a aumentar, com casas 40 % mais caras, classifica a sua ação e este Governo como um erro.

Aplausos do PS.

Protestos do PSD.

O Sr. **Presidente** (Marcos Perestrello): — Tem a palavra o Sr. Deputado Eduardo Teixeira, do Chega.

O Sr. **Hugo Soares** (PSD): — Desconta no Chega!

O Sr. **Eduardo Teixeira** (CH): — Sr. Presidente, queria cumprimentá-lo, bem como aos Colegas, ao Sr. Primeiro-Ministro e ao Governo.

Ouvimos, ouvimos e o Sr. Primeiro-Ministro disse que tínhamos uma política fiscal ótima, que não havia aumentos de impostos. Parece que vivemos no país do Luís e das Maravilhas, um país que vive massacrado e que vive a saque fiscal.

A inflação aumentou já este ano 3,2 %. Quanto ao crescimento económico, não há ninguém, já não há nenhuma entidade que diga que é superior a 1,6 %. Estamos a decrescer. O défice já existe. Foram 1,8 mil milhões no primeiro trimestre do ano. Esta são as medidas trágicas.

Nós alertámos e apresentámos duas medidas para conter esta questão: uma medida para baixar o IVA dos combustíveis em 10 pontos percentuais, de 23 % para 10 %, e uma medida para baixar o IVA do cabaz alimentar. O Governo não quis e agora está aqui o resultado.

Este é um País que massacra e que tem um saque fiscal sobre os portugueses. Até nestas contas a despesa cresce. A receita só cresce 4 %, mas a despesa cresce mais do dobro e cresce 9,3 %, Sr. Primeiro-Ministro.

Relativamente à nossa proposta, ontem, a Sr.ª Ministra do Ambiente, ao de leve, na véspera deste debate, veio ao nosso encontro dizendo que seria possível fixar o valor do combustível. Quando os combustíveis aumentam, aumentam muito e sabe, Sr. Primeiro-Ministro, desde o início do ano aumentaram 20 %. Em termos anuais, é um aumento de mais de 40 %. Se aumentam, aumentam exponencialmente, aumentam para os consumidores. Se baixam, nunca se vê na conta dos portugueses.

Chega desta política de assobiar para o lado e vamos construir por Portugal!

Aplausos do CH.

O Sr. **Presidente** (Marcos Perestrello): — Sr.ª Deputada Catarina Louro, do Partido Socialista, tem a palavra.

A Sr.ª **Catarina Louro** (PS): — Sr. Presidente, Sr. Primeiro-Ministro, diz-se muitas vezes que nos momentos difíceis se vê quem entra em campo e quem fica na bancada. Há precisamente seis meses iniciou um jogo que o Governo não pode nem deve perder: o jogo da reconstrução dos territórios atingidos pelas tempestades. Infelizmente, esse jogo continua longe do apito final e as populações sentem que o Governo tem jogado muito mais no plano dos anúncios do que no plano do terreno. Aliás, o Sr. Primeiro-Ministro deslocou-se à região mais afetada, a 29 de janeiro, e só regressou lá passado quatro meses.

Enquanto isso, sabe quem é que nunca abandonou o relvado? As câmaras municipais, que já investiram milhões e sabem agora que apenas 60 % das despesas é que serão comparticipadas; as freguesias, que nem foram ouvidas; as populações, que pagaram seguros durante anos e continuam sem ver os seus prejuízos integralmente cobertos. E, apesar da nossa insistência neste tema, Sr. Primeiro-Ministro, o Governo não deu nem uma palavra.

As empresas tiveram de se endividar para manter os negócios de pé, preservar os postos de trabalho e procuram agora recuperar sozinhas clientes e mercados. Além disso, aguardam decisões vitais para a sua continuidade, ou seja, se mantêm ou não as portas abertas, nomeadamente a prorrogação dos apoios, pelos quais aguardam mais novidades, porque ainda não se sabe nada.

Os agricultores continuam à espera de respostas e da análise das candidaturas aos apoios, que, se mantiverem esta tendência, apenas cobrem 8 % dos prejuízos validados.

E os comerciantes nem sequer foram considerados.

Sr. Primeiro-Ministro, com tantos anúncios, afinal, hoje, excluindo as linhas de crédito, apenas 18 % dos apoios chegaram efetivamente ao terreno. Ninguém lhe censura a paixão que tem pelo futebol, mas não podemos deixar de assinalar o contraste do seu entusiasmo quando falamos dos grandes jogos da Seleção Nacional ou quando falamos de uma das maiores catástrofes das últimas décadas.

Aplausos do PS.

Pergunto: foi este o compromisso que assumiu perante o País quando garantiu que não faltariam meios para a reconstrução? E foi esta a garantia que deu quando afirmou que as autarquias não ficariam sozinhas?

Deixo-lhe um apelo, Sr. Primeiro-Ministro: deixe a bancada, venha para o campo.

Aplausos do PS.

O Sr. **Hugo Soares** (PSD): — Cuidado, o Primeiro-Ministro faz golos!

O Sr. **Presidente** (Marcos Perestrello): — Tem a palavra o Sr. Deputado Miguel Rangel, da Iniciativa Liberal.

O Sr. **Miguel Rangel** (IL): — Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo, Sr. Primeiro-Ministro, o Governo prometeu aproximar Portugal do nível de vida da Europa. Essa promessa falhou.

A atualização dos dados da população veio apenas alinhar a verdade dos números com aquilo que as famílias e as empresas já sabiam e já sentiam: um País estagnado, um custo de vida incomportável e uma qualidade de vida muito longe das promessas e da propaganda do Sr. Primeiro-Ministro; um país mais pobre do que aquilo que nos quiseram fazer acreditar.

O milagre económico que o Governo celebrou foi a maior esmola europeia da história do País, que agora termina.

Temos uma economia assente em atividade de baixo valor e um reforço da força de trabalho pouco qualificado. Mesmo assim, o Sr. Primeiro-Ministro vem aqui e faz um discurso de sucesso. Sr. Primeiro-Ministro, somos o 6.º País mais pobre da União Europeia. Esta é a sua visão de sucesso? Somos ultrapassados por países que entraram na União Europeia quase 20 anos antes de Portugal. Esta é a sua visão de sucesso? A captação de investimento direto estrangeiro, ao contrário daquilo que o Sr. Primeiro-Ministro aqui disse há pouco, em 2025 foi a mais baixa desde 2020 e caiu 35 %.

O Sr. **Eurico Brilhante Dias** (PS): — É verdade!

O Sr. **Miguel Rangel** (IL): — Propaganda e mentiras que a Iniciativa Liberal nunca deixará passar.

O Sr. Primeiro-Ministro tem de se convencer de uma realidade. Sem mexer em nada, o Estado continuará a ser um sorvedor de qualquer riqueza produzida e a nossa competitividade continuará esmagada pelos custos da burocracia e de políticas económicas erradas.

Este Governo teve tempo, teve mandato, teve dinheiro. Faltou-lhe a vontade, faltou-lhe a coragem. E, quando finalmente apresenta uma medida com pompa e circunstância, o que propõe? Um fundo soberano. Mais Estado na economia, mais dívida e um forçar absurdo do destino dos nossos rendimentos para as empresas que o Governo escolhe. Faz um discurso eleitoralista e, quem nele confiou, hoje tem a certeza que não volta a confiar.

Sr. Primeiro-Ministro, os fundos europeus estão a acabar. O que acontece a Portugal no dia seguinte? Voltamos aos défices? Subimos os impostos sobre quem trabalha e sobre as empresas? Que economia fica de pé sem o próximo cheque europeu?

Aplausos da IL.

Entretanto, reassumiu a presidência o Presidente, José Pedro Aguiar-Branco.

O Sr. **Presidente**: — Tem a palavra o Sr. Deputado Francisco Gomes, do Chega. Tem 2 minutos.

O Sr. **Francisco Gomes** (CH): — Sr. Presidente, Sr.as e Srs. Deputados, Sr. Primeiro-Ministro, estado da Nação? É simples: não há nada que funcione, não há nada que se perceba, não há nada que se resolva.

Aplausos do CH.

Não há nada. Não há um pingo de competência de uma ponta à outra. Não há um pingo de noção de uma ponta à outra.

E é fácil fazer as contas. Fácil! Nas infraestruturas está tudo ao abandono. Na ferrovia está tudo ao abandono. Na resposta à catástrofe está tudo ao abandono. Na mobilidade traíram madeirenses, traíram açorianos, trataram aos pontapés.

Falou meia hora, mas nem uma palavra dirigiu à Madeira. Nem uma palavra para a Madeira!

Aplausos do CH.

Na habitação está tudo em pantanas. Tudo em pantanas! Fazem o anúncio da lei dos solos, mas nem uma casa no terreno. Fazem o anúncio dos 6 % da construção, mas ninguém percebe, é um mistério, Sr. Primeiro-Ministro. Fazem o anúncio do património público, mas há mais crise, mais buracos do que casas, Sr. Primeiro-Ministro.

Vozes do CH: — Muito bem!

O Sr. **Francisco Gomes** (CH): — E a nova lei do arrendamento é só para os seus amigos ricos. Isto é para ricos!

Protestos do PSD.

Prometeram casas mais baratas, mas as casas estão mais caras 20 %. Prometeram um arrendamento mais barato, mas o arrendamento está mais caro 9 %. Prometeram reformas no País, mas o que nós vemos é tudo o mesmo.

Sr. Primeiro-Ministro, os resultados estão à vista. O jovem que trabalha não compra casa, o casal que trabalha não compra casa, a família que trabalha não compra casa. Sabe quem é que tem casas? Sabe quem é que tem casas?! Imigrantes, ciganos, bandidos, e quem não faz nada por Portugal. Nada por Portugal!

Aplausos do CH.

O Sr. **Presidente**: — Tem a palavra o Sr. Deputado Francisco César, do Partido Socialista.

O Sr. **Francisco César** (PS): — Sr. Presidente, Sr. Primeiro-Ministro, sobre a sua atuação, havia um Presidente dos Estados Unidos que, posso parafraseá-lo, dizia: «Coragem, não complacência; liderança, não propaganda.» E eu acrescento: empatia, não tecnocracia.

Aplausos do PS.

Em relação aos Açores, o seu Governo escolheu sempre o contrário. Falta-lhe empatia para compreender, liderança para decidir e competência no seu Governo para executar.

Vozes do PS: — Muito bem!

O Sr. **Francisco César** (PS): — Quando o seu Governo falha, são sempre as pessoas que pagam.

Nos Açores, sabe bem o Sr. Primeiro-Ministro, como na Madeira, custa produzir mais, custa mais viajar e, com o seu Governo, até fazer valer os mesmos direitos custa mais.

A 8 de julho, o Sr. Ministro da Agricultura, que aqui já não se encontra, prometeu apoios ao gasóleo e aos fertilizantes, pagos ao mesmo tempo que no continente. Cinco semanas depois, nada mudou, tal como as ajudas da Ucrânia que o Sr. Primeiro-Ministro prometeu. Aliás, é habitual no seu Governo: 25 planos, 25 anúncios, nada no terreno, nada concretizado.

Aplausos do PS.

O artigo 143.º do Orçamento do Estado atribui aos Açores uma dotação extraordinária para a agricultura. Seis meses depois, não há protocolo, não há montantes, não há transferências.

A Lei do Mecanismo de Continuidade Territorial está em vigor há 40 dias. Nos bilhetes acima do antigo teto, os CTT (Correios de Portugal, SA) mandam esperar, quando a lei obriga o Governo a criar alternativas.

Isto não são números, isto não são temas que a propaganda ou o ataque político permanente ao PS resolvam. Os agricultores estão a suportar custos, as famílias estão a suportar e a adiantar centenas de euros, os açorianos querem ouvir falar de coesão e são esquecidos na hora de decidir.

Nós não pedimos favores. Nós pedimos respeito, pedimos igualdade e pedimos um Governo capaz de governar para todo o País e não apenas para alguns.

Aplausos do PS.

O Sr. **Presidente**: — Tem a palavra a Sr.ª Deputada Vanessa Barata, do Chega.

A Sr.ª **Vanessa Barata** (CH): — Sr. Presidente, Srs. Membros do Governo, Srs. Deputados, a 13 de maio, o Sr. Ministro da Administração Interna dava uma grande entrevista para um canal público de televisão. E talvez a escolha desse dia tivesse a ver com algum milagre de Fátima, anunciando que desta vez é que era. Desta vez é que era. Agora, sim, estamos preparados. Agora, sim, finalmente, Portugal está preparado para a época de incêndios. «Há mais gente, mais equipamentos, esse trabalho de antecipação e de conhecimento desse plano está feito» — cito o Sr. Ministro Luís Neves. Mas o milagre nunca aconteceu. O que chegou, Srs. Deputados, foi a dura realidade dos factos: 15 000 ha de área ardida numa semana, recorde europeu, a pior cifra desde os incêndios de 2017.

Enquanto o País ardia, o Sr. Primeiro-Ministro ia vendo a bola. Enquanto o País ardia, o líder parlamentar do partido que suporta o Governo filmava-se a jogar ténis de mesa.

O Sr. **Pedro Pinto** (CH): — E mal!

A Sr.ª **Vanessa Barata** (CH): — Enquanto o País ardia e os portugueses lutavam pela vida no meio das chamas, nem uma palavra, Sr. Ministro. Nem uma palavra do Sr. Ministro Luís Neves, nem uma palavra do Sr. Primeiro-Ministro. Nem uma palavra sobre o rotundo falhanço na prevenção dos incêndios deste ano.

Aplausos do CH.

Srs. Membros do Governo, nós, nesta bancada, não temos medo. Não temos medo de denunciar as falhas, não temos medo de denunciar a falta de estratégia, a falta de prevenção, a falta de rumo deste Governo.

Vozes do CH: — Muito bem!

A Sr.ª **Vanessa Barata** (CH): — Por parte do Partido Socialista, silêncio total, nada de pôr em cheque o ministro favorito do Partido Socialista.

Aplausos do CH.

A Sr.ª **Patrícia Carvalho** (CH): — Pois é, pois é! Porque é que será?

A Sr.ª **Vanessa Barata** (CH): — Nós aqui não temos medo. Não temos medo de ameaças, não temos medo de insinuações.

O Sr. **Pedro Pinto** (CH): — Muito bem!

A Sr.ª **Vanessa Barata** (CH): — Queremos a verdade, a verdade toda, porque a verdade liberta,…

O Sr. **Hugo Soares** (PSD): — Isto é *tarot*!

A Sr.ª **Vanessa Barata** (CH): — … porque quem oculta a verdade é conivente com a mentira. Um tanque nunca será uma piscina, e isto não é sobre piscinas.

Aplausos do CH.

O Sr. **Presidente**: — Tem a palavra o Sr. Deputado Carlos Guimarães Pinto, da Iniciativa Liberal.

O Sr. **Carlos Guimarães Pinto** (IL): — Sr. Presidente, Srs. Deputados, o Sr. Primeiro-Ministro, quando foi confrontado com as nomeações partidárias na Administração Pública, deu uma resposta bastante reveladora da sua forma de ver a política e o próprio exercício do poder. Não tentou negar. É difícil, as evidências são o que são. Não tentou sequer defender a qualidade das pessoas que escolheu. Se calhar, também é difícil, não sei. O seu argumento foi dizer que a IL só aponta este problema porque quer que sejam escolhidas pessoas da IL.

O Sr. **Hugo Soares** (PSD): — Nós escolhemos o Paulo Carmona!

O Sr. **Carlos Guimarães Pinto** (IL): — Na sua forma de ver a política, a única razão para alguém se queixar de nomeações partidárias é porque quer lá meter os seus.

O Sr. **Primeiro-Ministro**: — Não foi isso que eu disse!

O Sr. **Hugo Soares** (PSD): — O Paulo Carmona não é bom?

O Sr. **Carlos Guimarães Pinto** (IL): — Mas deixe-me dizer-lhe: nós não criticamos as nomeações partidárias porque queremos lá meter pessoas da IL, nós criticamos as nomeações partidárias porque queremos que sejam escolhidos os melhores. É essa a razão por que nós criticamos.

Aplausos da IL.

O Sr. **Hugo Soares** (PSD): — O Paulo Carmona não é bom?

O Sr. **Carlos Guimarães Pinto** (IL): — Quando abdicamos de ter os melhores a gerir a Administração Pública, é dinheiro que é desperdiçado, é água que falta nas torneiras, são consultas e cirurgias que nunca acontecem, são pessoas que morrem, porque um sistema de saúde repleto de *boys* nunca será bem gerido.

O Sr. Primeiro-Ministro pode, legitimamente, dizer que há problemas que não se resolvem em dois anos. Tem razão. O Sr. Primeiro-Ministro até pode dizer que não tem uma maioria para aprovar reformas. Tem toda a razão. Mas há uma reforma que poderia ter feito já, que não depende do Parlamento e que escolheu não fazer: selecionar os melhores para a Administração Pública.

O Sr. **Mário Amorim Lopes** (IL): — Muito bem!

O Sr. **Carlos Guimarães Pinto** (IL): — Deixe-me dizer-lhe, Sr. Primeiro-Ministro, que não há nada tão simbólico da degradação moral do PSD do que ter um partido que criou a CReSAP (Comissão de Recrutamento e Seleção para a Administração Pública) há 15 anos e hoje estar a encher a Administração Pública de *boys*. Não há nada mais simbólico da degradação moral do PSD.

Aplausos da IL.

O Sr. **Hugo Soares** (PSD): — O Carmona é bom!

O Sr. **Presidente**: — Tem a palavra o Sr. Deputado Emanuel Câmara, do Partido Socialista.

O Sr. **Emanuel Câmara** (PS): — Sr. Presidente, Sr.as e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo, Sr. Primeiro-Ministro, o que lhe pergunto, em nome do Partido Socialista, pensando sempre nos madeirenses e porto-santenses, tem a ver com as responsabilidades financeiras do Estado no âmbito da construção do Hospital Central e Universitário da Madeira.

A construção deste hospital constitui um dos mais relevantes investimentos públicos atualmente em execução na região, tendo sido reconhecido como projeto de interesse comum pelo Governo do Partido Socialista, na altura a gerir os destinos do País com a sensibilidade autonómica que nos caracteriza. Ao abrigo desse acordo, ficou estabelecido que o Governo da República assumiria o cofinanciamento de 50 % do valor da construção, IVA incluído, e os respetivos equipamentos desta nova infraestrutura hospitalar fundamental para a melhoria dos cuidados de saúde da região.

Os Governos do Partido Socialista cumpriram sempre com o prometido, assegurando o pagamento de 50 % nas diferentes fases da obra. Mas eis que, chegados a esta etapa, as dúvidas instalaram-se. Em agosto do ano passado, o Governo Regional da Madeira lançou o concurso público para a terceira fase do hospital por 265 milhões de euros, tendo o procedimento ficado deserto. Passados apenas 10 meses, o Governo Regional da Madeira anunciou que o novo concurso será agora lançado por 415 milhões de euros. São mais 150 milhões de euros em apenas 10 meses. Entretanto, a obra continua parada.

A pergunta que lhe faço, Sr. Primeiro-Ministro, é a seguinte: perante este novo valor, está em condições de garantir que o Governo que V. Ex.ª lidera irá assegurar a comparticipação de 50 %? Ou seja, conforme acordado, o financiamento de 50 % desta terceira fase do Hospital Central e Universitário da Madeira está efetivamente garantido? Ou, mais uma vez, os madeirenses e porto-santenses irão ficar prejudicados pelos desentendimentos entre V. Ex.ª e o seu companheiro de partido e ainda Presidente do Governo Regional da Madeira?

Faço-lhe mais um pedido, Sr. Primeiro-Ministro: responda, por favor.

Aplausos do PS.

O Sr. **Presidente**: — Tem a palavra a Sr.ª Deputada Patrícia Carvalho, do Chega.

A Sr.ª **Patrícia Carvalho** (CH): — Sr. Presidente, quero cumprimentar os Srs. Membros do Governo.

Sr. Primeiro-Ministro, estamos em 2026 e temos um concelho aqui às portas de Lisboa que não tem água. É um concelho onde vivem mais de 180 000 pessoas. É também o mesmo concelho onde tem havido uma gigantesca proliferação de bairros ilegais, bairros estes cujas pessoas que lá vivem fazem puxadas ilegais de eletricidade e de água.

Portanto, o que é que temos hoje em Almada — que é mesmo aqui ao lado de Lisboa, a capital do País? Quem cumpre, quem paga impostos, não tem água, mas quem não cumpre, quem vive à margem da lei, tem tudo e até tem água quando a água falta aos outros.

Aplausos do CH.

E não, Sr. Primeiro-Ministro, não é um problema estritamente municipal, e vou dizer-lhe porquê. Olhe, o Sr. Ministro das Infraestruturas e Habitação disse que manifestava enorme preocupação com as barracas na Penajoia, em Almada, e acrescentou que «em causa está um problema nacional», e disse ainda que tinha garantido à autarquia de Almada um plano para a resolução deste problema.

Sr. Primeiro-Ministro, chegados aqui, não há plano nenhum e o problema não está solucionado, pelo contrário, tem vindo a piorar, como aliás se tem visto neste último mês em que as pessoas não tiveram água.

O que tenho para lhe perguntar é: como é que o Governo é capaz de ver uma população a enfrentar dias de calor, com temperaturas de 40 ºC, sem uma pinga de água na torneira…

O Sr. **André Ventura** (CH): — E o PS calado!

A Sr.ª **Patrícia Carvalho** (CH): — … e não fazer nada?

O Sr. **Primeiro-Ministro**: — Não é verdade! Isso é mentira!

A Sr.ª **Patrícia Carvalho** (CH): — É verdade, sim, Sr. Primeiro-Ministro, porque a Ministra do Ambiente foi apenas reunir e dessa reunião saíram zero soluções. Zero soluções!

Aplausos do CH.

Tenho ainda para lhe perguntar: onde está o plano do Sr. Ministro das Infraestruturas e Habitação para acabar com estes bairros ilegais onde impera o crime e não a lei?

Por fim, Sr. Primeiro-Ministro, com muita franqueza lhe pergunto: sentiu-se bem ao ver os seus compatriotas a passarem momentos difíceis, dias de calor sem água, enquanto o Sr. Primeiro-Ministro viajava à conta destes mesmos compatriotas para ir ver jogos de futebol?

Aplausos do CH.

O Sr. **Presidente**: — Como não temos mais perguntas nesta ronda e como o Governo também não dispõe de tempo, vamos passar à fase das intervenções.

Para a primeira intervenção, dou a palavra à Sr.ª Deputada Paula Santos, do PCP.

A Sr.ª **Paula Santos** (PCP): — Sr. Presidente, Srs. Membros do Governo, Sr.as e Srs. Deputados: O Governo reprovou no exame. Não respondeu aos problemas e, neste debate, ignorou o País real. Nem a vida, nem o País estão melhor. Para onde quer que nos viremos, a situação piorou e não é por o Governo negar que a situação se altera; os problemas agravaram-se.

Em meia hora de intervenção, o Primeiro-Ministro não foi capaz de dizer como pretende resolver os problemas sentidos todos os dias pelas pessoas. Não disse, porque não pretende resolvê-los.

A vida está mais cara. O fosso entre uns poucos que se apropriam e concentram a riqueza e a esmagadora maioria que empobrece a trabalhar aprofunda-se.

O acesso à saúde está mais difícil e o acesso à habitação é cada vez mais uma miragem, apontando aos inquilinos a porta para a rua.

Na educação, como se não bastasse o problema dos alunos sem professor a todas as disciplinas, o Governo conseguiu ainda a proeza de introduzir um novo problema no final deste ano letivo com os exames nacionais, gerando incerteza na vida dos jovens que terminam agora o ensino secundário. Ataca os mais pobres, responsabilizando-os pela sua situação de pobreza e reduz o apoio e o número de beneficiários da prestação social única. Abandona as populações e as regiões afetadas pelas tempestades.

Nada disto é por acaso. Tudo isto é consequência da política de direita do PSD e do CDS, que têm contado com o apoio da IL e do Chega e a viabilização do PS.

Tudo isto é o resultado das opções políticas de um Governo fragilizado e cada vez mais isolado, de um Governo ao serviço dos interesses dos grupos económicos — através de benefícios fiscais, transferência de recursos financeiros, privatizações, PPP, tudo para aumentar os seus lucros, com graves prejuízos para o povo, como está a acontecer.

Sr. Presidente, Srs. Membros do Governo, Sr.as e Srs. Deputados, a luta dos trabalhadores revelou a sua força imensa, uma força que tornou possível o que à partida, para alguns, parecia impossível e que derrotou o pacote laboral.

Tal como foi possível derrotar o pacote laboral, também é possível derrotar esta política que empurra os trabalhadores para a pobreza e que desmantela serviços públicos. Está nas mãos de cada um, está nas mãos dos trabalhadores, da juventude, das mulheres, dos reformados, com a sua ação, intervenção e luta, romper com este caminho e concretizar uma política alternativa.

Uma política alternativa que combata as injustiças e as desigualdades e que assegure uma justa distribuição da riqueza criada pelos trabalhadores, através da valorização efetiva dos salários e das pensões.

Uma política alternativa que enfrente o aumento do custo de vida, que não seja complacente com o sistemático aumento das margens de lucro dos grupos económicos e que garanta a fixação e a redução dos preços de bens e serviços essenciais.

Uma política alternativa que valorize o trabalho e os trabalhadores, que combata a precariedade e a exploração — seja pela remoção das normas gravosas da legislação laboral, seja pelo reforço dos direitos dos trabalhadores —, que garanta o direito à contratação coletiva e à reposição do princípio do tratamento mais favorável aos trabalhadores, a redução do horário de trabalho e a sua regulação, que permita a conciliação

entre a vida profissional e pessoal, que garanta tempo para viver, assim como o reforço dos direitos no trabalho por turnos e noturno.

Uma política alternativa que invista e reforce a capacidade dos serviços públicos e que garanta os direitos sociais: através do investimento no Serviço Nacional de Saúde, nos seus profissionais, nas suas condições de trabalho e nas suas instalações e equipamentos; através da valorização da escola pública, com trabalhadores valorizados, garantindo que os alunos têm professores e promovendo uma verdadeira educação inclusiva; através da garantia do direito à habitação, com o aumento da oferta de habitação pública e o combate à especulação, trazendo estabilidade e a redução do valor das rendas no arrendamento; através do reforço da proteção social e da salvaguarda do sistema público universal e solidário da Segurança Social.

Uma política alternativa que reforce o investimento público, que promova a produção nacional e o controlo público de setores e empresas estratégicas na nossa economia, que reduza a dependência externa e defenda a nossa soberania também no plano alimentar e energético.

Uma política alternativa que não alimente a escalada da guerra, que defenda ao caminho da diplomacia e de soluções negociadas para pôr fim aos conflitos; uma política pela paz, solidariedade e cooperação entre os povos, respeitando o direito à sua autodeterminação.

Não aceitamos retrocessos. Queremos avanços, desenvolvimento, progresso, uma vida digna para todos. Isso está ao nosso alcance. Com o PCP, com a força dos trabalhadores e do povo, é possível.

Aplausos do PCP.

O Sr. **Presidente**: — Para uma intervenção, tem a palavra a Sr.ª Deputada Filipa Pinto, do Livre.

A Sr.ª **Filipa Pinto** (L): — Sr. Presidente, Sr.as e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo, Sr. Primeiro-Ministro: Disse que tinha toda a confiança no Ministro da Educação e eu gostaria de lhe perguntar se hoje, à luz de toda a confusão que se conhece neste momento, faz um balanço positivo desta pseudo-transição tecnológica, que é o processo amador e irresponsável de digitalização manual, feita em Lisboa, de mais de 300 000 exames.

Porque é que não ouviu professores, diretores e técnicos, nomeadamente das entidades que foram extintas na tão anunciada reforma do Estado, e embarcou neste experimentalismo megalómano depois dos cortes nas estruturas do Ministério da Educação?

Aplausos do L e de Deputados do PS.

Ontem, o Sr. Primeiro-Ministro acusou os professores de resistirem à mudança, culpando-os do caos neste processo. As coisas correram mal, na sua opinião, por culpa dos professores. O Sr. Ministro da Educação concorda e tem dito a mesma coisa. Aliás, ainda hoje de manhã disse: «A culpa não é do Ministro, é do sistema educativo.»

Sr. Primeiro-Ministro, os professores são pessoas conscientes e sabem que 166 000 alunos não podem ser as cobaias do experimentalismo do Ministério. Não se brinca com o futuro dos jovens!

Aplausos do L.

O Sr. Primeiro-Ministro esteve aqui a dizer que está tudo bem, que está tudo controlado. Pois eu digo-lhe que este Governo bateu no fundo em matéria de educação.

O Sr. **Jorge Pinto** (L): — Essa é que é essa!

O Sr. **Filipa Pinto** (L): — E por várias razões: falhou a plataforma, falhou o planeamento, falhou a preparação e falhou a implementação do processo, pois falharam prazos e resta saber se não vão falhar as notas dos alunos.

Tivemos até a notícia, que seria cómica se não fosse trágica, de que técnicos do EduQA (Instituto de Educação, Qualidade e Avaliação) e membros do gabinete do Secretário de Estado andaram à procura de folhas de resposta em falta, nos milhares de caixotes, no armazém onde decorre a digitalização dos exames.

Acha mesmo, Sr. Ministro, que isto transmite alguma tranquilidade e confiança às famílias e aos alunos?

Aplausos do L.

Finalmente, é preciso fazer esta pergunta, e muito claramente: como avalia o desempenho dos seus Ministros da Reforma do Estado e da Educação?

Pergunto: a política da motosserra nos organismos públicos e a externalização dos serviços, com ajustes diretos a empresas privadas, está a correr bem?

A nós, ao País, parece-nos que este Governo chumbou em toda a linha.

Aplausos do L.

Sr. Primeiro-Ministro, peço-lhe a si e aos seus ministros para assumirem de uma vez por todas, com responsabilidade política, as consequências desta verdadeira trapalhada à qual chama, pomposamente, «reforma do Estado».

É que, Sr. Primeiro-Ministro, o senhor deve estar a governar muito bem, só que não é para a maioria dos portugueses.

Aplausos do L.

O Sr. **Presidente**: — Para uma intervenção, tem a palavra o Sr. Deputado Ricardo Carvalho, do PSD.

O Sr. **Ricardo Carvalho** (PSD): — Sr. Presidente, Sr. Primeiro-Ministro, Sr.as e Srs. Ministros, Sr.as e Srs. Deputados: Como se mede o estado de uma Nação? Com factos e dados que nem o populismo nem a demagogia podem negar, isto é, mede-se pelos indicadores principais de um país e pela qualidade de vida dos seus cidadãos.

Vamos, pois, aos factos: desemprego em mínimos históricos; emprego em níveis máximos; economia a crescer acima da média europeia; dívida pública abaixo dos 90 % do PIB (produto interno bruto), o que há décadas não acontecia; contas públicas justas com excedentes orçamentais.

O Sr. **André Ventura** (CH): — É só maravilhas!

O Sr. **Ricardo Carvalho** (PSD): — Sr.as e Srs. Deputados: Isto são factos, e contra factos não há demagogia que resista.

E como é que tudo isto se reflete na vida dos portugueses? Dois Orçamentos depois, e não aumentámos um único imposto; em pouco mais de dois anos devolvemos cerca de 2000 milhões de euros às famílias portuguesas, através de quatro reduções do IRS. Significado? Mais e melhores salários.

O Sr. **Hugo Soares** (PSD): — Muito bem!

O Sr. **Ricardo Carvalho** (PSD): — Porque o Estado falhava às famílias em educação, saúde e segurança, passámos a remunerar com decência médicos, polícias e professores para que estes possam estar nas escolas, nas ruas, nos hospitais, como verdadeiros servidores públicos a cumprir com dignidade a sua missão.

Aplausos do PSD.

Significado? Melhor serviço público às famílias portuguesas.

Iniciámos a redução gradual do IRC até 2028 para tornar Portugal mais competitivo. Significado? Melhores salários e mais investimento.

Vozes do PSD: — Muito bem!

O Sr. **Ricardo Carvalho** (PSD): — Não é por acaso que Portugal registou um dos maiores crescimentos reais de rendimento das famílias entre os países da OCDE.

Aumentámos pensões, aumentámos ainda mais as pensões mais baixas e aumentámos continuadamente o complemento solidário para idosos, com justiça social, a pensar em quem mais trabalhou e em quem mais precisa.

Regulámos a imigração com humanismo; substituímos a desorganização por regras; resolvemos — pasme-se! — quase mais de 940 000 processos pendentes e criámos vias legais para a imigração laboral.

Criámos a prestação social única, um sistema mais simples e mais justo, que faz aquilo que durante anos não aconteceu: garante que, para quem trabalha, compensa sempre.

Também enfrentámos uma das maiores preocupações dos portugueses: a habitação. Em vez de andar a alimentar ilusões, aumentámos a oferta; lançámos o maior programa de construção pública da nossa democracia — são 133 000 habitações até 2030 — e vamos entregar 26 000 habitações em agosto deste ano.

Aplausos do PSD.

Reduzimos o IVA na construção, baixámos o IRS nas rendas, simplificámos licenciamentos, reformámos o mercado de arrendamento. Mais de 100 000 jovens beneficiam da isenção de IMT e do imposto do selo e compraram a primeira casa com garantia pública do Estado — repito, 100 000 jovens.

Sr.as e Srs. Deputados, ao contrário do Partido Socialista, que governou Portugal durante oito anos, ao contrário daqueles que hoje exigem soluções imediatas para problemas que durante uma década não foram capazes de resolver, nós estamos apenas no início. Apesar disso, já mudámos muito.

Sr.as e Srs. Deputados, governar sem maioria absoluta nunca é fácil: exige diálogo, exige compromisso, exige persistência, mas exige também uma oposição responsável.

Infelizmente, nem sempre foi isso que aconteceu. Vimos demasiadas vezes o Partido Socialista e o Chega a votarem lado a lado…

O Sr. **Eurico Brilhante Dias** (PS): — Quando?!

O Sr. **Ricardo Carvalho** (PSD): — … para impedir reformas estruturais do Governo e do País. Fizeram-no em matérias diferentes, mas sempre com o mesmo resultado: tentar travar a mudança.

O Sr. **Hugo Soares** (PSD): — Muito bem!

O Sr. **Ricardo Carvalho** (PSD): — Enquanto uns preferem bloquear, nós preferimos governar.

Aplausos do PSD.

E é precisamente pelos resultados que seremos avaliados.

Sr.as e Srs. Deputados, nada disto aconteceu num contexto fácil.

O Sr. **Fabian Figueiredo** (BE): — Isso!

O Sr. **Ricardo Carvalho** (PSD): — Enfrentámos um apagão energético, tempestades devastadoras — e sei do que falo, infelizmente —, uma crise internacional provocada pela guerra no Médio Oriente. E respondemos: protegemos famílias, apoiámos empresas, mantivemos as contas públicas equilibradas. Porque governar é resolver os problemas, não é inventar desculpas.

O Sr. **Hugo Soares** (PSD): — Muito bem!

O Sr. **Paulo Muacho** (L): — Ninguém diria!

O Sr. **Ricardo Carvalho** (PSD): — Portugal é hoje um País mais respeitado, na Europa e no mundo. Cumprimos 2 % do PIB no investimento da defesa, fomos eleitos para o Conselho de Segurança das Nações Unidas logo à primeira volta, reforçámos a credibilidade internacional de Portugal.

Sr.as e Srs. Deputados, naturalmente que ainda há muito para fazer. Ainda há desafios na saúde, na habitação, na justiça, na produtividade. Ninguém o esconde. Mas uma coisa é certa: quem comparar Portugal de hoje com o Portugal que encontramos em março de 2024 percebe que o País mudou.

O Sr. **Eurico Brilhante Dias** (PS): — Está pior!

O Sr. **Ricardo Carvalho** (PSD): — Hoje há menos impostos, hoje há mais emprego, hoje há salários mais elevados, hoje há mais investimento, hoje há mais casas a serem construídas, hoje há um Estado mais simples, hoje há contas públicas mais sólidas, hoje há uma política externa respeitada, hoje há mais oportunidades para os jovens. Hoje, há mais Portugal para cada uma e para cada um dos portugueses. E estamos só a começar.

Aplausos do PSD e do CDS-PP.

Entretanto, reassumiu a presidência o Vice-Presidente Marcos Perestrello.

O Sr. **Presidente**: — O Sr. Deputado Ricardo Carvalho tem um pedido de esclarecimento.

Pausa.

Acabo de ser informado que afinal tem dois. Fiz confusão, pensei que uma das inscrições fosse para uma intervenção. Nesse caso, o Sr. Deputado tem dois pedidos de esclarecimento, um do Sr. Deputado Luís Graça, do Partido Socialista, e outro do Sr. Deputado Fabian Figueiredo, do Bloco de Esquerda, que beneficiou de uma generosa cedência de tempo por parte do Partido Socialista, que contribuiu com 5 segundos,…

O Sr. **Pedro Pinto** (CH): — Eh lá!

O Sr. **Presidente** (Marcos Perestrello): — … e ainda de 2 segundos adicionais cedidos pelo Livre. Fez-me lembrar um antigo Presidente do Sport Lisboa e Benfica, que dizia «um escudo é um escudo». Não sei se os Srs. Deputados mais antigos se recordam.

Risos.

O Sr. Deputado Ricardo Carvalho responderá aos pedidos de esclarecimento em conjunto.

Posto isto, dou a palavra ao Sr. Deputado Luís Graça, que dispõe de 2 minutos.

O Sr. **Luís Graça** (PS): — Sr. Presidente, Sr. Primeiro-Ministro, Sr.as Srs. Deputados, Sr. Deputado Ricardo Carvalho, depois do seu passeio idílico pelo pomar das laranjeiras, permita-me que volte ao estado da Nação e à vida das pessoas.

O Ministro da Educação, Ciência e Inovação falha, no início do ano letivo, na colocação de professores e falha, no fim do ano, na correção dos exames nacionais.

O Sr. **Pedro do Carmo** (PS): — Muito bem!

O Sr. **Luís Graça** (PS): — O Ministro da Agricultura e Mar promete milhões e milhões, como se fosse uma máquina multibanco, mas o rendimento agrícola desce.

A Ministra da Saúde, que prometia resolver os problemas do SNS em seis meses, conseguiu, em dois anos, piorar todos os indicadores, e hoje mesmo encerrar as delegações regionais do INEM, uma das quais no Algarve, que a própria inaugurou em 2024.

Aplausos do PS.

A Ministra da Cultura, Juventude e Desporto acha que se não temos saúde, também não precisamos de ter cultura gratuita.

A Ministra do Trabalho, Solidariedade e Segurança Social acredita que o problema da economia são os direitos excessivos dos trabalhadores portugueses.

O Ministro da Presidência rói as unhas.

O Ministro de Estado e das Finanças, que antes dizia que crescer acima dos 3 % era fácil, não consegue chegar aos 2 % abaixo do crescimento dos Governos do PS.

Sr.as e Srs. Deputados, não se trata da falta de jeito ou da competência deste ou daquele ministro, o problema é mesmo o Primeiro-Ministro, que não consegue dar um sentido concreto, unitário e útil à governação.

Aplausos do PS.

Protestos do Primeiro-Ministro.

Aos problemas que estavam identificados — e que não conseguiu resolver em dois anos —, no acesso aos cuidados de saúde, na celeridade da justiça, na capacidade dos jovens a aceder à habitação, o Governo acrescentou ainda mais dificuldades, criadas exclusivamente pela sua incapacidade, pela sua agenda ideológica e, permitam-me, por uma grande falta de empatia.

Um governo com uma economia que não melhora a vida das famílias está a falhar no essencial. O Governo existe para resolver os problemas das pessoas e deve começar onde a vida é real e mais aperta: no supermercado, na renda da casa, na fatura da luz, na bomba de gasolina, no salário ao fim do mês, no centro de saúde, na escola.

O que propõe o Governo e o PSD? Onde há um problema, desregular. Onde há um problema, fazer com que a vida dos mais fracos seja mais difícil.

Protestos do Deputado do PSD Hugo Soares.

Assim, não vamos lá. Se não sabe fazer melhor, não estrague o que já tem.

Aplausos do PS.

O Sr. **Presidente** (Marcos Perestrello): — Para um pedido de esclarecimento, tem agora a palavra o Sr. Deputado Fabian Figueiredo.

O Sr. **Fabian Figueiredo** (BE): — Sr. Presidente, Sr. Deputado Ricardo Carvalho, tenho três perguntas muito simples.

No dia 10 de julho, um Eurodeputado do PSD anunciou que iam pagar o trabalho suplementar aos professores, pelo que, primeiro, queria perguntar-lhe como é que vai ser pago esse trabalho suplementar, isto é, quais é que são os critérios. Segundo, quando é que vão criar o mecanismo para ressarcir as famílias lesadas pelo adiamento dos exames anunciado pelo Sr. Ministro, na RTP (Rádio e Televisão de Portugal). E em terceiro lugar queria saber se sempre cumprem a promessa de disponibilizar os exames nacionais em formato digital a todos os alunos, sem requerimento.

O Sr. **Presidente** (Marcos Perestrello): — Sr. Deputado Ricardo Carvalho, tem a palavra para responder.

O Sr. **Ricardo Carvalho** (PSD): — Sr. Presidente, Sr. Deputado Fabian Figueiredo, há pouco assistimos aqui um espetáculo de *stand-up comedy* do meu Caro Deputado. Perdeu a oportunidade.

O Sr. **Fabian Figueiredo** (BE): — Ah!

O Sr. **Ricardo Carvalho** (PSD): — Não tem de me perguntar a mim relativamente às questões dos professores.

O Sr. **Hugo Soares** (PSD): — Pergunte ao Governo!

O Sr. **Ricardo Carvalho** (PSD): — Se tivesse gerido bem o tempo da sua intervenção, poderia ter aproveitado para perguntar ao Governo.

Aplausos do PSD.

A nós cabe-nos escrutinar a ação do Governo. Não é o Grupo Parlamentar do PSD que vai decidir em vez do Governo. Ainda separamos as coisas!

O Sr. **Hugo Soares** (PSD): — Isso era no tempo da geringonça, que eles decidiam aqui!

O Sr. **Fabian Figueiredo** (BE): — Sim, sim, quer perguntar ao Sebastião Bugalho?

O Sr. **Ministro da Presidência**: — Paga-se em dinheiro?!

O Sr. **Fabian Figueiredo** (BE): — Mas qual é o critério?! E se eu estiver a corrigir de madrugada, é trabalho suplementar?!

O Sr. **Ricardo Carvalho** (PSD): — Sr. Deputado Luís Graça, eu percebo, o Sr. Deputado já trazia a intervenção escrita e depois não teve capacidade para a atualizar, nem face ao que o Sr. Primeiro-Ministro disse, nem face ao que eu tive a oportunidade de dizer. O facto é que o Sr. Deputado não teve capacidade de contra-argumentar nenhuma das afirmações que eu fiz.

Aplausos do PSD.

O Sr. Deputado fala de insensibilidade social quando nós aumentámos três vezes o complemento solidário para idosos, quando demos aumentos extraordinários nas reformas, quando aumentámos as reformas mais baixas, quando isentámos a 100 % os medicamentos? Ó Sr. Deputado, é preciso ter insensatez.

Aplausos do PSD.

O Sr. Deputado vem aqui falar dos jovens. Portugal hoje tem um IRS Jovem que é único na Europa.

O Sr. **Pedro Pinto** (CH): — Graças ao Chega!

O Sr. **Ricardo Carvalho** (PSD): — Você vai para fora, nas suas deslocações oficiais, e vão perguntar-lhe como é que Portugal tem o IRS Jovem diferenciador.

O Sr. **Hugo Soares** (PSD): — O senhor sabe disso!

O Sr. **Ricardo Carvalho** (PSD): — E o Sr. Deputado sabe disso!

Sr. Deputado, foram 100 000 jovens que tiveram a oportunidade de adquirir habitação própria permanente. É pouco?!

O Sr. **Luís Graça** (PS): — Foi 5 %!

O Sr. **Ricardo Carvalho** (PSD): — Ó Sr. Deputado, 5 % é mais do que aquilo que os senhores conseguiram. Repito, é mais do que aquilo que os senhores conseguiram!

Aplausos do PSD e do CDS-PP.

Olhe, Sr. Deputado, relativamente à habitação, sabe que pode contar, em agosto, com 26 000 casas no mercado e pode contar, em 2030, com 133 000 novas habitações. E com dinheiro! Porque os senhores, quando chegaram ao Governo, prometeram 26 000 casas e, pasme-se, havia dinheiro para 16 000 casas. Percebe? É a diferença entre anunciar e resolver problemas, executando e dando soluções aos portugueses.

Aplausos do PSD e do CDS-PP.

O Sr. **Hugo Soares** (PSD): — Percebe ou quer um desenho?

O Sr. **Presidente** (Marcos Perestrello): — Para uma intervenção, tem a palavra o Sr. Deputado Paulo Muacho, do Livre.

O Sr. **Paulo Muacho** (L): — Sr. Presidente, Sr.as e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo, Sr. Primeiro-Ministro: Um Governo e o estado da Nação avaliam-se pelos resultados que a governação tem.

Quando olhamos para a área da saúde, aquilo que vemos é um Governo com uma enorme falta de sensibilidade. Um Governo que apresentou um Plano de Emergência e Transformação na Saúde que não resolveu problema nenhum, que não transformou coisa nenhuma.

Protestos do PSD e de Deputados do CH.

Um Governo que continua a fazer uma gestão do INEM nas costas dos trabalhadores e à revelia dos trabalhadores.

Aplausos do L.

Protestos do CDS-PP.

Um Governo que falha completamente no acesso aos cuidados de saúde primários.

Um dos grandes exemplos do falhanço deste Governo é o que se passa nas urgências regionais de ginecologia e obstetrícia. O Governo decidiu encerrar uma resposta essencial para as grávidas da margem sul — a urgência do hospital do Barreiro — e concentrou toda a resposta no Hospital Garcia de Orta, sem qualquer estudo e sem qualquer fundamentação técnica. A Sr.ª Ministra enviou à Comissão de Saúde um documento de três páginas com os tempos de deslocação entre cada um dos hospitais. É uma verdadeira vergonha a forma como o Governo toma estas decisões.

Aplausos do L.

E depois, qual é que é o resultado? Já temos falhas nas urgências do Garcia de Orta por falta de capacidade de vagas e temos exatamente o mesmo a acontecer em Loures. É um Governo que está a falhar em toda a linha.

Nós temos hoje mais pessoas sem médico de família, temos mais pessoas em lista de espera — seja para consultas seja para cirurgias — e temos um Governo que continua a insistir em fazer a sua política de saúde nas costas dos utentes, nas costas dos portugueses e nas costas dos profissionais.

Aplausos do L.

O Sr. **João Pinho de Almeida** (CDS-PP): — Não, não, mais pessoas com cirurgia!

O Sr. **Paulo Muacho** (L): — Sr.as e Srs. Deputados, como é que se avalia um Governo que falha uma vez, falha duas vezes, falha três vezes, falha todos os objetivos? É um Governo que é incompetente e que não consegue resolver os problemas da saúde.

Aplausos do L.

O Sr. **Presidente** (Marcos Perestrello): — Tem a palavra, para uma intervenção, o Sr. Deputado João Almeida.

O Sr. **João Pinho de Almeida** (CDS-PP): — Sr. Presidente, Sr.as e Srs. Ministros, Sr.as e Srs. Deputados: São indicadores que avaliam se estamos melhor ou pior enquanto estado da Nação. São sete indicadores; quatro do lado das pessoas e três do lado do Estado.

Do lado das pessoas temos o indicador dos salários, que mede se as pessoas têm mais ou menos dinheiro e indica o salário mínimo, o salário médio e o mais alto, se as pessoas têm mais dinheiro.

O Sr. **Paulo Núncio** (CDS-PP): — Bem lembrado!

O Sr. **João Pinho de Almeida** (CDS-PP): — Depois temos o indicador impostos, que mede se as pessoas e as empresas pagam mais ou pagam menos. Temos impostos sobre as famílias mais baixos e impostos sobre as empresas mais baixos. As famílias e as empresas estão melhor porque pagam menos impostos.

O Sr. **Paulo Núncio** (CDS-PP): — Muito bem!

O Sr. **João Pinho de Almeida** (CDS-PP): — Temos o indicador emprego. Há mais emprego e menos desemprego ou o contrário? Há mais emprego e há menos desemprego. As pessoas estão melhor porque têm mais oportunidades de trabalho.

O Sr. **Paulo Núncio** (CDS-PP): — Muito bem!

O Sr. **João Pinho de Almeida** (CDS-PP): — Em relação ao risco de pobreza, as pessoas que, infelizmente, têm ainda menos em Portugal estão mais perto ou mais longe de estarem no nível de pobreza? Estão mais longe e, por isso, estão melhor.

O Sr. **Paulo Núncio** (CDS-PP): — Muito bem!

O Sr. **João Pinho de Almeida** (CDS-PP): — Do lado do Estado temos as contas públicas. As contas do Estado estão equilibradas, dão *superavit* ou dão défice? Dão *superavit*, estão equilibradas e, por isso, o País está melhor.

Qual é a consequência? A dívida está mais alta ou está mais baixa? Está mais baixa, pelo que as próximas gerações estão mais longe de ter de pagar pelo excesso de despesa da geração atual.

O Sr. **Paulo Núncio** (CDS-PP): — Muito bem!

O Sr. **João Pinho de Almeida** (CDS-PP): — No que diz respeito ao prestígio internacional, Portugal tinha dois grandes compromissos no último ano: um, na área da defesa, que consistia em cumprir, no âmbito da NATO os 2 % de despesa. Cumpriu ou não cumpriu? Cumpriu e assim prestigiou o País.

O Sr. **Paulo Núncio** (CDS-PP): — Muito bem!

O Sr. **João Pinho de Almeida** (CDS-PP): — Portugal candidatou-se ao Conselho de Segurança das Nações Unidas. Tinha um grande desafio, ao lado de outros países que disputavam com Portugal a eleição. Portugal foi eleito ou não foi? Foi, e voltou a prestigiar o País.

As pessoas estão melhor em Portugal e Portugal está melhor quer nos seus indicadores internos quer no seu prestígio externo.

Mas há problemas, é claro que há problemas. Seria ridículo que alguém viesse aqui negar que há problemas. Nós estamos solidários com as famílias que neste momento têm um problema com os seus filhos e com a avaliação dos seus filhos e também estamos solidários com os professores.

Mas temos uma tranquilidade muito grande, que é a confiança que temos no Ministro de Estado e das Finanças,…

Vozes do PSD: — Da educação!

O Sr. **João Pinho de Almeida** (CDS-PP): — … aliás, no Ministro da Educação, Ciência e Inovação — também temos no Ministro das Finanças, mas neste caso no Ministro da Educação —, por saber que à frente do Ministério está alguém que é sério e é competente, que não foge à responsabilidade, que lidera o caminho para a solução.

Aplausos do CDS-PP e do PSD.

Sr.as e Srs. Deputados, o que diriam os Deputados da oposição se o Ministro da Educação tivesse dado algum sinal de fraqueza neste momento? Se tivesse dado algum sinal de abandono neste momento? Ou tivesse dado algum sinal de hesitação neste momento?

Aplausos do CDS-PP e do PSD.

Neste Governo, o Ministro da Educação e os outros Ministros não hesitam.

Aplausos do CDS-PP e do PSD, de pé.

Os Ministros não se escondem e os Ministros não fogem, porque os Ministros deste Governo estão cá para resolver problemas, estão cá para solucionar os problemas e…

Por ter excedido o tempo de intervenção, o microfone do orador foi automaticamente desligado.

Aplausos do CDS-PP e do PSD, de pé.

Protestos do PS, do L e do BE.

O Sr. **Presidente** (Marcos Perestrello): — Muito obrigado, Sr. Deputado, já esgotou o seu tempo.

Tem agora a palavra, para uma intervenção, o Sr. Deputado Jorge Teixeira, da Iniciativa Liberal.

Burburinho na Sala.

O Sr. **Presidente** (Marcos Perestrello): — Srs. Deputados, a intervenção do Sr. Deputado João Almeida já terminou, vamos criar condições para o Sr. Deputado Jorge Teixeira fazer a sua.

Faça favor, Sr. Deputado.

O Sr. **Jorge Miguel Teixeira** (IL): — Sr. Presidente, Srs. Membros do Governo, Sr.as e Srs. Deputados: Ia dirigir-me ao Sr. Primeiro-Ministro, mas também posso dirigir-me ao Sr. Ministro das Finanças e à Sr.ª Ministra do Trabalho, Solidariedade e Segurança Social.

Por falar em resolver problemas, problemas que acabaram de ser mencionados pelo Sr. Deputado João Almeida, há um outro problema que ainda não foi discutido neste debate, que é justamente o problema da sustentabilidade da nossa Segurança Social.

Sei que não é um segredo para este Governo que temos um problema na sustentabilidade da nossa Segurança Social. Aliás, se esse não fosse um problema reconhecido pelo Governo, não teriam encomendado um estudo e não estariam agora a analisar o relatório apresentado por um grupo de trabalho constituído por este mesmo Governo.

Mas, independentemente da existência desse estudo, o Governo já decidiu que o problema da sustentabilidade da Segurança Social seria um problema a tratar numa próxima legislatura, assumindo o Governo que ainda estaria em funções numa próxima legislatura. Muito bem. Mas o problema é que a Segurança Social não é uma questão para a próxima legislatura. É uma questão para esta Legislatura. É uma questão para os jovens de hoje, que não sabem se quando se forem reformar terão uma reforma à altura das suas necessidades.

Por isso mesmo, Srs. Membros do Governo, o mínimo que se poderia fazer — até podemos dar de barato que não haverá uma reforma da Segurança Social —, o mínimo que podíamos fazer era dar aos jovens as condições para que pudessem fazer os seus investimentos, sem terem de pagar impostos sobre os seus próprios investimentos, conforme é feito em vários países da União Europeia, para que consigam assegurar um futuro para si e para os seus filhos.

E quem o diz não é só a Iniciativa Liberal. Quem o diz é o Programa do Governo. Quem o diz é o Programa da AD. Quem o diz é o Presidente da CMVM (Comissão do Mercado de Valores Mobiliários), quando referiu que essa reforma teria de acontecer este ano. Quem o diz é a Comissária responsável por esta pasta que, pasme-se, não só é portuguesa, não só é do PSD, como também foi Ministra do PSD.

Por isso, Srs. Membros do Governo, o desafio da Iniciativa Liberal é muito simples. Esta medida tem de acontecer ainda este ano. A Iniciativa Liberal apresentou essa proposta e os partidos que sustentam este Governo chumbaram essa mesma proposta.

Por isso, daqui a pouco, o Governo terá a oportunidade de encerrar este debate, e aquilo que a Iniciativa Liberal quer ver é um Governo a comprometer-se com uma data, com uma medida e com, este ano, vermos finalmente contas, poupança e investimento para os jovens em Portugal.

Aplausos da IL.

O Sr. **Presidente** (Marcos Perestrello): — Ou alguém se inscreve ou eu dou a palavra ao Governo para encerrar o debate.

Pausa.

O Governo quer indicar quem é que encerra o debate?

Pausa.

Afinal ainda tivemos uma inscrição. Para uma intervenção, tem a palavra a Sr.ª Deputada Inês de Sousa Real. Faça favor.

A Sr.ª **Inês de Sousa Real** (PAN): — Sr. Presidente, Sr. Primeiro-Ministro: Mesmo sabendo que não existe tempo de resposta, há algumas questões que não podem ficar para trás. Sendo o debate do estado da Nação numa altura tão próxima da altura do verão, e havendo ainda, sobretudo em Portugal, uma taxa de abandono que leva a que tenhamos perto de 1 milhão de animais errantes, uma das preocupações do PAN é que se ajude efetivamente as famílias para que tenham condições para ter animais de companhia. A prioridade não pode ser continuar a apoiar atividades como a tauromaquia, que continua a beneficiar de isenções,…

Protestos do CH.

… e a tirar do bolso dos portugueses aquilo que é…

Por ter excedido o tempo de intervenção, o microfone da oradora foi automaticamente desligado.

Protestos do CH e contraprotestos do PAN.

O Sr. **Presidente** (Marcos Perestrello): — Muito obrigado, Sr.ª Deputada, terminou o seu tempo, já não se está a fazer ouvir.

Bom, passamos então ao encerramento do debate, uma vez que não há mais pedidos de palavra.

Se o Governo quiser indicar quem encerra o debate…

Pausa.

Afinal há mais uns telefones a tocar.

Tem a palavra, para uma intervenção, a Sr.ª Deputada Rita Matias, do Chega.

A Sr.ª **Rita Matias** (CH): — Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo, Sr. Primeiro-Ministro: Se há coisa para a qual este debate do estado da Nação já serviu foi para revelar a falta de noção que o Sr. Primeiro-Ministro e o seu Governo têm, no que toca ao estado real do País para os jovens portugueses.

Eu deixava um conselho, se me permite: em vez de tentar conquistar o eleitorado jovem com uma presença no NOS Alive, talvez fosse mais honesto da sua parte chegar aqui e dizer: «Peço desculpa, falhámos com os jovens portugueses».

Aplausos do CH.

E falharam com os jovens portugueses quando o desemprego jovem atingiu máximos históricos. Falharam com os jovens portugueses quando cerca de 30 % dos jovens continuam emigrados e cerca de 70 % admitem emigrar. Falharam com os jovens portugueses quando os apoios à habitação que criaram chegam apenas a classes médias-altas e esquecem os jovens que têm dificuldades…

O Sr. **Pedro Pinto** (CH): — Muito bem!

A Sr.ª **Rita Matias** (CH): — … de singrar em Portugal.

O Sr. **Pedro Pinto** (CH): — Bem lembrado!

A Sr.ª **Rita Matias** (CH): — Falharam com os jovens portugueses, porque continuam a permitir que os salários dos jovens sejam miseráveis porque competem com uma mão de obra que não se importa de trabalhar por salários miseráveis devido à imigração descontrolada.

É por isto que deixo um apelo: deixe de desenhar políticas públicas para jovens do Príncipe Real e concentre-se nos jovens do País real.

Aplausos do CH.

O Sr. **Presidente** (Marcos Perestrello): — A Sr.ª Deputada tem um pedido de esclarecimento. Para o formular, tem a palavra a Sr.ª Deputada Ana Gabriela Cabilhas, que dispõe de 2 minutos para o efeito.

A Sr.ª **Ana Gabriela Cabilhas** (PSD): — Sr. Presidente, Sr.ªs e Srs. Deputados, Sr.ª Deputada Rita Matias, em democracia é legítimo escrutinar o Governo. O que não é aceitável é criticar tudo, criticar todos, criticar a toda a hora, sem verdadeiramente dizerem ao País, afinal, o que é que os Srs. Deputados propunham de forma diferente.

Aplausos do PSD.

Quando o Governo da AD iniciou as suas funções, assistíamos à debandada dos jovens deste País para fora. O que é que sabíamos? Que os Governos do Partido Socialista não prestaram atenção aos jovens portugueses. Por isso, o Governo da AD, o nosso Primeiro-Ministro, assumiu como prioridade dar atenção aos jovens de Portugal, dar atenção aos filhos de Portugal.

E o que é que hoje temos? Temos o IRS Jovem mais vantajoso da União Europeia. Temos medidas para a compra da primeira habitação: a isenção de IMT, a isenção de imposto do selo, a garantia pública, precisamente para garantir o financiamento da compra da primeira casa.

E os jovens sabem o que é que este Governo está a fazer por eles. Nós estamos a dizer aos jovens portugueses que vale a pena ficar em Portugal, que vale a pena trabalhar em Portugal, que vale a pena acreditar no nosso País.

Aplausos do PSD.

Mas a Sr.ª Deputada, como passa a vida a dizer que está tudo mal, então talvez seja melhor esclarecer os jovens portugueses. A Sr.ª Deputada está contra este IRS Jovem ou prefere o IRS Jovem do Partido Socialista? Diga aos jovens portugueses o que é que defende! A Sr.ª Deputada está contra as medidas de apoio à primeira habitação? Então diga isso aos mais de 100 000 jovens que hoje compraram casa e que decidiram ficar em Portugal.

Aplausos do PSD.

A Sr.ª Deputada tem de ter coragem para assumir as suas escolhas, porque uma política credível para o País não se faz de ruído, não se faz de boicote, não se faz permanentemente de crítica e pela crítica ao Governo. E por isso, Sr.ª Deputada, aquilo que nos distingue é muito claro:…

O Sr. **Pedro Pinto** (CH): — Isso é verdade!

A Sr.ª **Ana Gabriela Cabilhas** (PSD): — … desse lado continua a política do protesto, a política vazia; deste lado é a política das propostas, das soluções e dos resultados, porque os jovens sabem que hoje estão muito melhor do que aquilo que estavam há dois anos.

Aplausos do PSD.

O Sr. **Presidente** (Marcos Perestrello): — Para responder, tem a palavra a Sr.ª Deputada Rita Matias.

A Sr.ª **Rita Matias** (CH): — Sr. Presidente, Sr.ª Deputada Ana Gabriela Cabilhas, admira-me que venha a este Plenário dizer que não sabe quais são as propostas do Chega para os jovens portugueses,…

Protestos da Deputada do PSD Ana Gabriela Cabilhas.

… tendo em conta que as poucas propostas que conseguiram aplicar são uma cópia rasca do Programa eleitoral do Chega.

Aplausos do CH.

Protestos do PSD.

Aliás, deixo um apelo: do IRS à habitação jovem, são cópias rascas do Programa do Chega, pelo que proponho, já agora, que copiem o Programa como um todo, para ver se fazem Portugal grande de uma vez!

Aplausos do CH.

O Sr. **Presidente** (Marcos Perestrello): — Julgo que vamos continuar aqui no jogo das inscrições. Não sei se algum dos Srs. Deputados deseja inscrever-se?

Pausa.

Aparentemente não. Passamos, portanto, ao encerramento.

Pausa.

Entretanto, a Mesa recebeu uma inscrição por parte do Sr. Deputado Jorge Pinto, do Livre. Faça favor, Sr. Deputado, tem a palavra, para uma intervenção.

O Sr. **Jorge Pinto** (L): — Sr. Presidente, Sr.as e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo, Sr. Primeiro-Ministro: Ouvimos na intervenção inicial o Sr. Primeiro-Ministro dizer que era preciso coragem reformista. O grande problema é que não basta coragem, é preciso competência, e essa o Governo não tem tido.

Aplausos do L.

E mais: não tem tido quando, por norma, e é muitas vezes aqui dito, quando a direita governa pode até não ter a sensibilidade que teria a esquerda, mas tem essa competência.

E a sensibilidade, realmente, não a tem. É um Governo insensível, de cada vez que a Sr.ª Ministra da Saúde diz que os problemas do SNS não são assim tão graves quanto isso.

É um Governo insensível cada vez que o Sr. Ministro da Habitação diz que rendas acessíveis são aquelas que vão até 2300 €.

Aplausos do L.

É um Governo insensível cada vez que o Sr. Ministro da Presidência, sentado aí ao seu lado, fala de invasão do nosso País, em relação àqueles que vieram para aqui fazer as suas vidas e fazer do nosso País um lugar melhor para todos.

Aplausos do L.

Este é um Governo insensível, sim, mas que, infelizmente, também é incompetente.

Sr. Primeiro-Ministro, ouvindo-o nos 30 minutos que teve, em que se calhar gastou perto de metade desse tempo a criticar os oito anos anteriores, direi que também é um Governo e um Primeiro-Ministro que me fazem lembrar Santo Agostinho. Santo Agostinho, que depois de uma vida de excessos, dizia ao seu Deus: «Fazei-me casto, mas não ainda, não ainda!» O Sr. Primeiro-Ministro subiu à tribuna para basicamente dizer: «Fazei de mim um bom governante, mas não ainda, não ainda!» Lá chegaremos, talvez um dia, se as coisas correrem bem.

Aplausos do L.

Não é assim que se faz política, Sr. Primeiro-Ministro, não é assim que se discute o estado da Nação, não é assim que se dá melhor vida aos portugueses. Nós sabemos que aquilo que os portugueses merecem é uma vida plena, uma vida plena desde o momento em que nascem até ao momento em que morrem.

Aplausos do L.

E isso passa por coisas muito simples. Desde logo que cada criança que nasça no nosso País tenha direito a uma herança social de 5000 €,…

Aplausos do L.

… porque ninguém, só porque nasce numa família pobre, merece ser discriminado logo à nascença por ter tido a má sorte de nascer numa família pobre,…

O Sr. **Pedro Pinto** (CH): — Mas tem de ser portuguesa!

O Sr. **Jorge Pinto** (L): — … nascer com muito prejuízo, comparado com alguém que nasce numa família rica.

Mas precisamos de muito mais. Precisamos de que estes jovens que se formam, estes jovens que entram no mercado de trabalho, tenham direito a uma economia de alto valor acrescentado, tenham direito a um novo modelo de desenvolvimento que lhes possa pagar mais e melhor,…

Aplausos do L.

… que lhes possa dar mais tempo, tempo que eles podem usar para si próprios, para as suas famílias, porque só assim a vida será plena.

Mas depois precisamos de mais, Sr. Primeiro-Ministro. Precisamos de que aqueles que chegam a uma idade mais velha, depois de darem décadas às suas famílias, ao seu País, sejam tratados com respeito, com dignidade, com autonomia. Por isso defendemos, e vamos apresentar brevemente uma proposta para isso, a criação de uma rede pública de lares, porque estas pessoas não podem ser abandonadas, estas pessoas não podem ser descartadas, estas pessoas não podem ser menorizadas depois de tudo o que deram.

Aplausos do L.

São pessoas que merecem a sua autonomia e também isso é vida plena.

Sr. Primeiro-Ministro, nós sabemos que há quem nos queira obrigar a escolher entre sensibilidade e competência, que há quem nos queira obrigar a escolher entre coragem e sensibilidade. No Livre, sabemos bem que estas coisas podem acontecer em paralelo. Se precisar de ajuda, se quiser um partido que seja competente, corajoso e sensível, tem aqui esse partido, é o Livre!

Aplausos do L.

Protestos do CH e da IL e contraprotestos do L.

O Sr. **Presidente** (Marcos Perestrello): — Bom, Srs. Deputados, se querem falar é melhor inscreverem-se. Ninguém se inscreve. O Governo também não diz quem quer encerrar o debate, de maneira que ficamos aqui ordeiramente sentados, a ver quem é que tem os nervos mais resistentes.

Pausa.

Tem agora a palavra, para uma intervenção, a Sr.ª Deputada Cristina Rodrigues, do Chega.

A Sr.ª **Cristina Rodrigues** (CH): — Sr. Presidente, Srs. Membros do Governo, Sr.as e Srs. Deputados: Houve uma mentira que hoje foi aqui várias vezes proferida, que é a de que a imigração está regulada. Mas basta sair à rua para sabermos que isto é mentira. Podemos ir ao Martim Moniz,…

O Sr. **Pedro Pinto** (CH): — Ora!…

A Sr.ª **Cristina Rodrigues** (CH): — … podemos ir ao Campo 24 de Agosto, qualquer português sabe que é mentira. Nunca tivemos tantos imigrantes em Portugal. Quase 14 % da nossa população é imigrante.

Aplausos do CH.

Chega ao ponto de haver concelhos em que mais de 50 % da população é imigrante e tudo durante o Governo do Partido Social Democrata.

E, portanto, não basta fazer aqui pequenas alterações à lei dos estrangeiros, à lei da nacionalidade, criar a UNEF (Unidade Nacional de Estrangeiros e Fronteiras) e não dar meios — não vale a pena!

Não vale a pena dizer que passaram de 400 notificações para abandono do País para 23 000, quando depois não fazem ideia de quantas pessoas é que saíram efetivamente.

O Sr. **Pedro Pinto** (CH): — Muito bem!

A Sr.ª **Cristina Rodrigues** (CH): — Isto é atirar areia para os olhos dos portugueses.

Aplausos do CH.

O Sr. **Pedro Vaz** (PS): — Quem te viu e quem te vê!

A Sr.ª **Cristina Rodrigues** (CH): — E tudo isto enquanto, nas costas dos portugueses, estão a assegurar apoios sociais para imigrantes que vêm para Portugal com o Partido Socialista…

O Sr. **Pedro Pinto** (CH): — Ora!…

A Sr.ª **Cristina Rodrigues** (CH): — … e passam a PSU (prestação social única) para imigrantes que nunca descontaram um euro.

Aplausos do CH.

Protestos do Deputado do L Jorge Pinto.

Portanto, não vale a pena vir dizer que a imigração está regulada, porque não está. Aquilo que queremos é reduzir o número de imigrantes: quem não está cá a trabalhar deve sair; quem está cá a cometer crimes deve sair; quem não contribui para Portugal deve sair. Os portugueses em primeiro!

Aplausos do CH.

Protestos do Deputado do L Jorge Pinto.

O Sr. **Presidente** (Marcos Perestrello): — Não tenho indicação de mais intervenções, por isso peço ao Governo a gentileza de informar quem é que encerra o debate e passamos ao encerramento.

O Sr. Deputado Pedro Pinto pede a palavra para que efeito?

O Sr. **Pedro Pinto** (CH): — Para uma interpelação à Mesa sobre a condução dos trabalhos, Sr. Presidente.

O Sr. **Presidente** (Marcos Perestrello): — Faça favor, Sr. Deputado.

O Sr. **Pedro Pinto** (CH): — Sr. Presidente, todos os grupos parlamentares, ou quase todos, têm tempo ainda. O Chega acabou de fazer uma intervenção e tem mais intervenções para fazer. Apelava aos outros líderes parlamentares que têm ainda mais tempo que o Chega que inscrevessem alguém, para as intervenções não serem todas do mesmo partido ou tão seguidas. É assim que manda a boa prática parlamentar.

Aplausos do CH.

O Sr. **Presidente** (Marcos Perestrello): — O Sr. Deputado Hugo Soares pede a palavra, para uma interpelação à Mesa, deduzo.

O Sr. **Hugo Soares** (PSD): — Sr. Presidente, é nos mesmos termos, nos mesmos moldes. É apenas para dar nota à Câmara, e creio que não era necessário, de que o Grupo Parlamentar do PSD já teve, ao longo do debate, uma intervenção de fundo que foi realizada, de resto, da tribuna. Creio que, para os partidos que ainda não tiveram intervenção, é o momento de a ter, e o Grupo Parlamentar gerirá o tempo conforme entender.

O Sr. **Pedro Pinto** (CH): — É isso! É isso!

O Sr. **Presidente** (Marcos Perestrello): — Mais algum pedido de esclarecimento?

Pausa.

Bom, Srs. Deputados, vamos encerrar o debate. Peço ao Governo que indique, se faz favor, quem é que deseja indicar para encerrar…

O Sr. Deputado André Ventura pede a palavra para uma intervenção? Faça favor, Sr. Deputado, tem a palavra.

O Sr. **André Ventura** (CH): — Sr. Presidente, Srs. Deputados, chegamos ao final do debate do estado da Nação com uma pergunta que deve ecoar hoje na maior parte dos lares portugueses: como é que temos o nosso País passados dois anos deste Governo?

A primeira e clara resposta é esta: o País está pior.

Mas não é só o País que está pior. O País está pior e os portugueses estão pior. Mas está tudo pior porque, francamente, temos um dos piores Governos da nossa história democrática em Portugal.

Aplausos do CH.

Está pior porque o Governo que entrou para reformar deixou-se reformar a si próprio. E as reformas que não quis dar a quem delas precisava acabaram por criar um sentimento geral na população que é claro: se não querem dar reformas aos portugueses, talvez esteja na hora de, eles próprios, se reformarem.

Protestos da Deputada do PSD Carla Barros.

À hora em que estamos aqui, a maioria da população portuguesa deve perguntar-se: melhorámos na saúde? Não. O caos na educação e nos exames foi também responsabilidade do Governo? Foi. A falta de resposta aos incêndios e a falta de coordenação nas polícias é responsabilidade do Ministro da Administração Interna? É.

O caos a que temos assistido na saúde, na educação, nas infraestruturas, nos preços da habitação, alguma destas coisas não é responsabilidade do Governo? Podemos sempre dizer assim: nem tudo é, mas muito é. E isso é suficiente para dizer ao Governo que está no caminho errado.

Aplausos do CH.

Sr. Presidente, Srs. Deputados, o Primeiro-Ministro veio a este debate do estado da Nação dizer que não está confiante nem confortável, porque o Parlamento quer governar a partir deste mesmo Hemiciclo. Queixou-se de uma aliança antinatural do Parlamento para bloquear a governação. Sabemos, porque sabemos todos, o que dizem as sondagens e o que diz a interpretação delas sobre o Governo.

O Sr. **Marco Claudino** (PSD): — Não é isso que conta!

O Sr. **André Ventura** (CH): — Não podemos começar um estado da Nação a falar de coragem e de reformismo e acabar a queixarmo-nos do Parlamento e da falta de confiança.

Vozes do CH: — Muito bem!

O Sr. **André Ventura** (CH): — Há um instrumento na nossa Constituição da República para quando os Governos não sentem confiança no Parlamento e o Parlamento não sente confiança nesse Governo. Há um instrumento que exige duas coisas: coragem e determinação.

Protestos do Deputado do PSD Ricardo Carvalho.

Porque, quando um Primeiro-Ministro aqui vem e diz que este Parlamento já não é o Parlamento de que os portugueses precisam, que as alianças entre os dois estão a criar despesismo e a alterar o Orçamento do Estado, que já não governa, mas que o Parlamento quer governar, então tenha a coragem de apresentar uma moção de confiança ao Parlamento em Portugal.

Aplausos do CH.

Quem não deve não teme. Quem entende que o povo português é sempre sábio, é esse o caminho que deve percorrer.

Fazemos uma análise ao que se encontra e em que estamos. Do Primeiro-Ministro aos Ministros da República, a cada decisão que se toma, há mais incompetência que sobressai; e a cada reforma que se faz, é pior do que a anterior, que tinha sido anunciada.

Em todos os momentos, dos incêndios aos salários, da falta de reformas às reformas baixas, do custo de vida ao desmantelamento da saúde, tudo, ou quase tudo, é responsabilidade deste Governo. E quando é assim, Sr. Presidente, um Parlamento deve ser claro e aqueles que estão aqui sentados em nome do povo devem ser claros também.

O caminho que o Governo escolheu é um caminho errado. Tenha este Parlamento coragem para lho dizer e tenha este Governo coragem para o fazer, que o caminho é errado.

Nós sabemos bem para onde queremos ir.

Aplausos do CH, de pé.

O Sr. **Presidente** (Marcos Perestrello): — O Sr. Deputado André Ventura tem cinco pedidos de esclarecimento. Responde a todos juntos?

O Sr. **André Ventura** (CH): — Sim, Sr. Presidente.

O Sr. **Presidente** (Marcos Perestrello): — Tem então a palavra, para um primeiro pedido de esclarecimento, a Sr.ª Deputada Bárbara do Amaral Correia, do PSD.

A Sr.ª **Bárbara do Amaral Correia** (PSD): — Sr. Presidente, Sr. Primeiro-Ministro, Srs. Ministros, Sr.as e Srs. Deputados, Sr. Deputado do Chega André Ventura, o País deve saber quais são as vossas alternativas.

O Sr. **Pedro Pinto** (CH): — Muito bem!

A Sr.ª **Bárbara do Amaral Correia** (PSD): — Os senhores, em todos os projetos que apresentam na Assembleia da República, assemelham-se ao PCP, de punho erguido: mais despesa pública, menos receita.

Protestos do Deputado do CH Pedro dos Santos Frazão.

No fundo, a receita é igual à do Sr. Eng.º José Sócrates,…

A Sr.ª **Bárbara do Amaral Correia** (PSD): — … que levou o País à bancarrota. É exatamente a mesma receita.

Nos últimos anos, Portugal tem contas justas, com excedentes orçamentais que protegem os mais vulneráveis.

O Sr. **Luís Moreira Testa** (PS): — Não são contas justas; são contas certas!

A Sr.ª **Bárbara do Amaral Correia** (PSD): — Neste debate do estado da Nação, Sr. Deputado, diga-nos uma coisa: prefere um país com contas justas, como tem o Governo da AD, ou vai continuar a defender um modelo de bancarrota à estilo José Sócrates?

Aplausos do PSD e do CDS-PP.

O Sr. **Presidente** (Marcos Perestrello): — Para outro pedido de esclarecimento, tem a palavra o Sr. Deputado Francisco Sousa Vieira, também do PSD.

Vozes do CH: — Ah…!

O Sr. **Francisco Sousa Vieira** (PSD): — Sr. Presidente, Sr. Primeiro-Ministro, Srs. Membros do Governo, Sr.as e Srs. Deputados, Sr. Deputado André Ventura, não sei se sabe, mas a venda da banha da cobra tem séculos. Não foi o Chega que a inventou.

Protestos do CH.

E nem sequer é o primeiro partido a propor nesta Casa a descida da idade da reforma.

Continuação de protestos do CH.

O PCP já o faz há muitos anos. A diferença…

Continuação de protestos do CH.

O Sr. **Presidente** (Marcos Perestrello): — Só um bocadinho, Sr. Deputado.

Continuação de protestos do CH.

Srs. Deputados…

Continuação de protestos do CH.

Srs. Deputados, o Sr. Deputado André Ventura vai ter a ocasião de responder.

O Sr. **Hugo Soares** (PSD): — Depois é o Sr. Ministro da Administração Interna…!

Continuação de protestos do CH.

O Sr. **Presidente** (Marcos Perestrello): — Deixem-se, faz favor, o Sr. Deputado Francisco Sousa Vieira terminar.

O Sr. **Hugo Soares** (PSD): — Depois vão de *Calimero* ao Sr. Presidente da República! Valha-me Deus!

Continuação de protestos do CH.

O Sr. **Presidente** (Marcos Perestrello): — Srs. Deputados, vamos lá baixar um bocadinho o tom. O debate já vai longo.

O Sr. **Hugo Soares** (PSD): — Nós vamos todos ao Sr. Presidente da República!

Continuação de protestos do CH.

O Sr. **Presidente** (Marcos Perestrello): — Estamos quase a chegar ao fim.
Sr. Deputado Francisco Sousa Vieira, faça favor de retomar.

O Sr. **Francisco Sousa Vieira** (PSD): — Fosse eu o Deputado André Ventura e diria que estava a ser assediado por políticos neste Parlamento.

Aplausos e risos do PSD.

Protestos do CH.

Quero só dizer-lhe o seguinte, Sr. Deputado. Estava a dizer que a venda da banha da cobra já existe há séculos, que não foi o Chega que a inventou. Nem sequer é a primeira vez que um partido propõe a descida da idade de reforma; o PCP já o faz há muitos anos. A diferença é que hoje o PCP continua a vendê-la na berma da estrada e o Chega empreendeu e aprendeu a fazer vendas *online*.

Risos de Deputados do PSD.

Protestos do CH.

Mas hoje não lhe vou perguntar quanto é que cortaria nas pensões que hoje são pagas. Também não lhe vou perguntar quanto aumentaria os descontos dos atuais contribuintes, porque ambos sabemos que não faz ideia da resposta. Não lhe vou causar esse embaraço.

Protestos de Deputados do CH.

Vamos falar do que importa, de facto, no fim do mês aos pensionistas.
Este Governo, que está aqui à sua frente, aumentou o complemento solidário para idosos de 550 € para 670 €. Este mesmo Governo acabou com a indignidade de esse apoio depender do rendimento dos filhos e, à custa disso, duplicou o número de beneficiários deste apoio.

Aplausos do PSD e do CDS-PP.

Este Governo à sua frente foi o Governo que passou a comparticipar a 100 % o valor dos medicamentos no nosso País, quando antes se obrigava os pensionistas a pagarem sempre que iam à farmácia e, muitas vezes, a disputar e a refletir se gastavam o dinheiro na medicação ou na sua alimentação. Este Governo acabou com isso.

Protestos de Deputados do CH.

Sr. Deputado, tinha mais para lhe dizer, mas vou terminar com uma reflexão: fosse a vossa proposta baixar a idade da reforma, em particular do Deputado André Ventura, e talvez abríssemos uma exceção, para que tivesse mais tempo para as suas vendas *online*.

Aplausos de Deputados do PSD.

Mas não vai contar connosco para arrastar o País para uma nova bancarrota, porque já todos percebemos que essa é a sua alternativa: afundar o País, falir o País, e quem vier a seguir que feche a porta.

Aplausos do PSD e do CDS-PP.

Protestos de Deputados do CH.

O Sr. **Presidente** (Marcos Perestrello): — Para outro pedido de esclarecimento, tem a palavra a Sr.ª Deputada Eva Brás Pinho, do PSD.

Protestos de Deputados do CH.

A Sr.ª **Eva Brás Pinho** (PSD): — Sr. Presidente, Sr. Primeiro-Ministro, Srs. Membros do Governo, Sr.as e Srs. Deputados, Sr. Deputado André Ventura, durante os oito anos do Governo Socialista o preço da habitação aumentou mais de 100 %.

Protestos de Deputados do CH e do PS.

Quer isto dizer que, entre 2015 e 2023, tivemos o valor das casas a duplicar, a mais de duplicar. Ora, face a este estrondoso falhanço do Partido Socialista, o Governo da AD agiu e mobilizou todas as ferramentas disponíveis para aumentar a oferta da habitação e ajudar as famílias portuguesas.

O Sr. **Paulo Núncio** (CDS-PP): — Bem lembrado!

A Sr.ª **Eva Brás Pinho** (PSD): — Mas vamos a medidas concretas: IVA da construção a 6 %; redução da tributação das rendas em IRS e em IRC; medidas de apoio à compra da primeira casa, que já ajudaram mais de 100 000 jovens; o maior investimento público de sempre em habitação; uma reforma nos licenciamentos que permite construir mais rápido; uma reforma nas heranças que permite ter mais casas disponíveis no mercado; uma reforma no arrendamento que permite ter contratos cumpridos mas que, ao mesmo tempo, garante a proteção social dos mais vulneráveis e que é garantida pelo Estado; uma reforma no alojamento local que garantiu uma diminuição de 10 000 licenças.

Por isso, a questão é muito simples, Sr. Deputado André Ventura: qual destas medidas é que o Partido Chega revogava? Só lhe pedia que me dissesse uma! Qual destas é que revogava?

Pergunto, por outro lado, se, em alternativa, nesta matéria como noutras em que já nos habituou, dançava a mesma coreografia que o Partido Socialista, que, enquanto prometia casas de papel e culpava tudo e todos — culpava o alojamento local, o mercado, culpava os proprietários —, falhava em toda a linha às famílias portuguesas.

Sr. Deputado André Ventura, é muito fácil dizer que está sempre tudo mal. O que é mesmo difícil é apresentar uma alternativa e dizer o que é que faria de diferente. Pergunto-lhe o que é que faria de diferente.

Aplausos do PSD e do CDS-PP.

O Sr. **Presidente** (Marcos Perestrello): — Tem agora a palavra, para outro pedido de esclarecimentos, o Sr. Deputado Marco Claudino, também do PSD.

Protestos de Deputados do CH.

O Sr. **Marco Claudino** (PSD): — Isso é pavloviano, já!

Sr. Presidente, cumprimento-o e cumprimento também, naturalmente, as Sr.as e os Srs. Deputados, o Sr. Primeiro-Ministro, os Membros do Governo.

Sr. Deputado André Ventura, creio que até o Sr. Deputado vai reconhecer que a AD, quando entrou na governação, herdou do Partido Socialista um país com uma carga fiscal muito significativa para as empresas e para as famílias, em especial para as famílias da classe média. A classe média, na verdade, foi sempre o parente pobre da política do Partido Socialista.

Há uma frase muito clara, que o Sr. Primeiro-Ministro disse e que é verdade: com o Partido Socialista tivemos serviços públicos mínimos e impostos máximos. Tivemos, de facto, serviços públicos agonizantes e uma carga fiscal asfixiante.

Portanto, Sr. Deputado André Ventura, queria constatar alguns factos que o Sr. Deputado André Ventura disse, como é o caso de o País estar pior, e quero fazer-lhe algumas perguntas para ver se são ou não verdade os factos que aqui vou apresentar.

Queria perguntar ao Sr. Deputado André Ventura se é verdade ou se é mentira que a AD aumentou o salário mínimo de 820 € para 920 €, valor acima do que o que tinha sido assumido pelo Partido Socialista com os seus parceiros sociais?

Vozes do PS: Outra vez?!

Protestos do PS.

O Sr. **Marco Claudino** (PSD): — É verdade ou é mentira, Sr. Deputado André Ventura, que a AD baixou quatro vezes a taxa de IRS?

Protestos do CH.

A Sr.ª **Mariana Vieira da Silva** (PS): — Essa é falsa!

O Sr. **Marco Claudino** (PSD): — É verdade ou é mentira, Sr. Deputado André Ventura, que de entre os 27 Estados-Membros da União Europeia, Portugal é o segundo com o maior aumento de rendimento *per capita*?

Vozes do PSD: — É verdade!

Sr. Deputado, eu acho que o seu problema não é o País estar pior, o seu problema é que o País está mesmo melhor! E esse é que é o seu incómodo, que eu acho que é visível para toda a gente.

Aplausos de Deputados do PSD.

Queria, por isso, perguntar-lhe, Sr. Deputado André Ventura, todos os factos que aqui apresentei nunca tiveram, creio eu, memória no Estado democrático português. Qual deles é que o Sr. Deputado reverteria ou, na verdade, o Sr. Deputado prefere mesmo, como tem sido habitual ultimamente, o Partido Socialista como seu parceiro preferencial?

Aplausos de Deputados do PSD.

O Sr. **Presidente** (Marcos Perestrello): — Para um último pedido de esclarecimento, tem a palavra o Sr. Deputado Hugo Soares, do PSD.

Protestos do CH e do PS.

O Sr. **Hugo Soares** (PSD): — Sr. Primeiro-Ministro, Srs. Membros do Parlamento, Sr.as e Srs. Deputados, Sr. Deputado André Ventura, quem é que percebeu o que acabou de acontecer?

O Sr. **Alfredo Maia** (PCP): — Nós não!

O Sr. **Hugo Soares** (PSD): — Quatro Deputados do PSD da nova geração, que representam o País...

Protestos do CH e do PS.

Vozes do PS: — Oh, pá! Estás é velho!

O Sr. **Pedro Pinto** (CH): — O Marco Claudino tem 50 anos!…

O Sr. **Presidente** (Marcos Perestrello): — Vamos parar um bocadinho a contagem do tempo.

Protestos do CH e do PS.

Srs. Deputados, vamos deixar o Sr. Deputado Hugo Soares terminar, depois o Sr. Deputado André Ventura vai responder e depois podemos passar adiante para chegarmos ao fim do debate.

Protestos do CH e do PS.

Srs. Deputados, por favor.
Faça favor, Sr. Deputado Hugo Soares.

O Sr. **Hugo Soares** (PSD): — Muito obrigado, Sr. Presidente.
Quatro Deputados do PSD, que representam uma nova geração e que representam a maioria do povo português que votou nesta bancada, quiseram-lhe dizer o seguinte: há dois anos encontrámos o País com estes problemas; nos últimos dois anos, nós encontrámos estas soluções e os resultados são aqueles que eles aqui trouxeram.
O que eu lhe queria dizer, Sr. Deputado André Ventura, é que não é no caos que encontramos as soluções. Quando o Sr. Deputado apregoa constantemente que está aqui para ser Primeiro-Ministro, que aquilo que V. Ex.ª quer é ser Primeiro-Ministro, só quero, nesta minha intervenção, terminando as intervenções dos Srs. Deputados que me antecederam,…

Vozes do CH: — Péssimas! Péssimas!

O Sr. **Hugo Soares** (PSD): — … deixar-lhe o seguinte conselho: o Sr. Deputado André Ventura, que diz que quer ser Primeiro-Ministro, antes de querer vir para a piscina dos grandes, aprenda com quem já aprendeu a nadar.

Continuação dos protestos do CH.

Aprenda com quem já aprendeu a nadar, porque o País não é o caos, o País não é berraria, o País são as soluções e é isso que nós queremos!

Aplausos do PSD, de pé, e do CDS-PP.

Protestos e risos do CH, com Deputados a apontar para o Primeiro-Ministro e outros a simular o gesto de nadar.

O Sr. **Presidente** (Marcos Perestrello): — Srs. Deputados, vamos passar à resposta, por favor. Vamos criar condições para o Sr. Deputado André Ventura responder.

Sr. Deputado André Ventura, tem a palavra para responder, se faz favor.

O Sr. **André Ventura** (CH): — Srs. Deputados, quero começar por vos agradecer as perguntas.

Nós não queremos estar na piscina nem dos grandes, nem dos pequenos.

O Sr. **Hugo Soares** (PSD): — Oh!

Risos e aplausos de Deputados do CH.

O Sr. **André Ventura** (CH): — Queremos estar com os portugueses e ao lado deles, que é assim que nós fazemos política.

O Sr. **Pedro Pinto** (CH): — Ora!

Aplausos do CH

O Sr. **André Ventura** (CH): — Nem dos grandes, nem dos pequenos! Não queremos!

Srs. Deputados, eu percebi,…

O Sr. **Hugo Soares** (PSD): — Ainda bem que percebeu!

O Sr. **André Ventura** (CH): — … e nem todos são da nova geração, uns mais do que outros…

Risos de Deputados do CH.

… mas vou dizer-vos uma coisa, que acho mesmo justa, porque estamos no fim do debate do estado da Nação e é importante que as pessoas compreendam isto: faz ou não sentido descer a idade da reforma em Portugal? Porque eu sei que é a isso que estavam a referir-se.

O Sr. **Mário Amorim Lopes** (IL): — Não!

O Sr. **Paulo Núncio** (CDS-PP): — Não!

O Sr. **André Ventura** (CH): — Faz, faz sentido. E faz sentido porque as pessoas sentem hoje, como já disse, que trabalham cada vez mais anos, mesmo comparativamente com a União Europeia,…

O Sr. **André Ventura** (CH): — … trabalham cada vez mais horas e quando olham para a sua vida, ao fim do dia o que sentem é isto: estamos a trabalhar para nós? Não! Estamos a trabalhar para ter mais saúde quando formos mais velhos? Não! Estamos a trabalhar para ter uma segurança social decente? Não! Estamos a trabalhar para sustentar um Estado que não se quer reformar!

O Sr. **Pedro Pinto** (CH): — Bem!

Aplausos do CH.

O Sr. **André Ventura** (CH): — E é esse o problema em Portugal. Nós não podemos dizer que os jovens estão cada vez melhores.

Sr.ª Deputada Eva Brás Pinho, os jovens têm hoje, em Portugal, a maior taxa de desemprego da nossa história!

O Sr. **Pedro Pinto** (CH): — É verdade! É verdade!

O Sr. **André Ventura** (CH): — Nós estamos hoje com uma taxa de desemprego jovem de 17,9 %! De 17,9 %, 17,9 %, que os senhores trouxeram para o País!

Protestos do PSD, com o Deputado Joaquim Barbosa de pé.

Aplausos de Deputados do CH.

Gestos de Deputados do CH a indicar ao Deputado Joaquim Barbosa, do PSD, que se sente.

O Sr. **André Ventura** (CH): — Mas mais! Mas mais! Mas mais!
Um está de pé?!

O Sr. **Presidente** (Marcos Perestrello): — Srs. Deputados, Srs. Deputados…

O Sr. **Pedro Pinto** (CH): — Toma a medicação!

O Sr. **Presidente** (Marcos Perestrello): — Srs. Deputados, vamos todos agir com calma. Quem interrompeu as palavras do Sr. Deputado André Ventura foram os aplausos da sua bancada.

O Sr. **André Ventura** (CH): — Não, não, não!

O Sr. **Presidente** (Marcos Perestrello): — Só esses aplausos é que suscitaram alguma reação. Foi, foi.
Pronto, Srs. Deputados, vamos criar condições para retomar. Faça favor, Sr. Deputado André Ventura.

O Sr. **André Ventura** (CH): — Quando temos 17,9 % de desemprego jovem, não podemos dizer que os jovens estão bem.

O Sr. **Pedro Pinto** (CH): — Claro!

O Sr. **André Ventura** (CH): — Nem podemos dizer aos que trabalham que têm de trabalhar até aos 90 ou 100 anos por causa disso. Os senhores deviam era fazer o contrário! Como é que vamos gastar menos no Estado para garantir que as pessoas podem reformar-se mais cedo?

O Sr. **Pedro Pinto** (CH): — Ora bem! Ora bem!

O Sr. **André Ventura** (CH): — Era isso que deviam fazer, não é isso que querem fazer.
Mas também acho que é evidente dizermos isto. «Ah e tal, baixámos impostos, ou não criámos nenhum, ou não aumentámos nenhum,…»

O Sr. **Hugo Soares** (PSD): — Foram as três coisas, as três coisas!

O Sr. **André Ventura** (CH): — «… foi só nas taxas, nos impostos não!»

O Sr. **Hugo Soares** (PSD): — Afinal, não aprendeu nada!

O Sr. **André Ventura** (CH): — Sr. Deputado Hugo Soares, a carga fiscal no ano passado, ao final, estava em 35,4 % do PIB. Vou-lhe dizer uma coisa: a mais alta da nossa história é fruto deste Governo do PSD.

O Sr. **Pedro Pinto** (CH): — Muito bem! Muito bem!

Aplausos do CH.

O Sr. **André Ventura** (CH): — Finalmente, não fomos nós que nos queixámos da confiança nem do caos; foi o Primeiro-Ministro que aqui veio e disse: «O Parlamento não confia em mim, não me deixa governar.»

O Sr. **Pedro Pinto** (CH): — Muito bem!

O Sr. **André Ventura** (CH): — Não vale andar sempre a dizer uma coisa e a fugir para trás da mesa. Não vale andar sempre a perguntar se confiam, senão vitimiza-se e senão cria uma crise.

O Sr. **Pedro Pinto** (CH): — Exatamente!

O Sr. **André Ventura** (CH): — Por isso, se o PS não tem coragem, eu tenho.

O Sr. **Marco Claudino** (PSD): — Está certo!…

O Sr. **André Ventura** (CH): — Se tem dúvidas, se não concorda, se acha que este Parlamento não faz bem, apresente uma moção de confiança aqui, no Parlamento português.

O Sr. **Pedro Pinto** (CH): — Muito bem!

Aplausos do CH.

O Sr. **André Ventura** (CH): — E façam-no aqui, aqui à frente de todos, porque assim, Sr. Primeiro-Ministro, assim ficará sem dúvida se confiamos em si ou não. Eu sei que gosta de arriscar. Arrisque!

O Sr. **Pedro Pinto** (CH): — Muito bem!

Aplausos do CH, de pé.

O Sr. **Presidente** (Marcos Perestrello): — Na Mesa não há inscrições.
O Sr. Deputado Eurico Brilhante Dias pede a palavra para uma intervenção.
Tem a palavra Sr. Deputado.

O Sr. **Eurico Brilhante Dias** (PS) — Sr. Presidente, Srs. Membros do Governo,…

Burburinho na Sala.

O Sr. **Presidente** (Marcos Perestrello): — Sr. Deputado, deixe só acabar a movimentação para poder iniciar a sua intervenção com condições para isso. É questão de aguardar 10 segundos.
Srs. Deputados, eu pedia que se sentassem, se faz favor, se possível. Ou que saiam. Muito obrigado, Srs. Deputados.
Sr. Deputado Eurico Brilhante Dias, faça favor.

O Sr. **Eurico Brilhante Dias** (PS) — Sr. Presidente, Srs. Membros do Governo, Sr.[as] e Srs. Deputados, a vida dos portugueses não é um jogo de sorte ou azar.

Dep. **Hugo Soares** (PSD): — Oh, mas parece, a julgar pelas vossas caras!

O Sr. **Eurico Brilhante Dias** (PS) — Não pode ser a incerteza sem rede, sem propósito, como se a vida se jogasse a cada lance sem um objetivo maior.

Os portugueses hoje, lá em casa, percebem bem. Na educação, décadas de confiança num sistema atiradas para o lixo. A barafunda instalada depois da terraplanagem do Ministério da Educação. Os alunos que nos veem lá em casa, as famílias, os professores, a comunidade escolar atirada para o jogo do empurra. Um ministro que, antes de assumir as suas responsabilidades, jogou o jogo do passa-culpas — até os agrafadores tinham culpa.

Hoje mesmo, durante a tarde, durante o período deste debate, três notícias: o EduQa desmente o Sr. Ministro: afinal, já não há *link* para consultar as provas.

O Sr. **José Luís Carneiro** (PS): — Muito bem!

Aplausos de Deputados do PS.

O Sr. **Eurico Brilhante Dias** (PS) — Durante a tarde, informação: pela primeira vez desde 1999, pode não haver saída de notas com homologação dos resultados. Mais uma notícia: às seis e meia da tarde, famílias que nos veem lá em casa receberam mensagens da escola a dizer que não sabia quando seriam disponibilizadas as notas. A barafunda, a falta de confiança, a falta de competência assinalada num momento central da vida de muitas e muitas famílias portuguesas.

Aplausos de Deputados do PS.

Sr. Ministro, espero vivamente que desminta estas notícias, que afinal o EduQa não tem razão e que, afinal, as famílias e os alunos vão mesmo ter um *link*.

O Sr. **Pedro Alves** (PSD): — Mas vão ter, mas vão ter!

O Sr. **Eurico Brilhante Dias** (PS) — Espero que desminta a notícia de que não vai haver homologação de notas dos alunos para entrar no ensino superior e para terminar o 12.º ano.

Aplausos de Deputados do PS.

Mas deixe-me dizer uma coisa, Sr. Ministro, pelo respeito intelectual que tenho por si. O Sr. Ministro é um homem conhecido por defender muitas das teses neoliberais. É justo, é a sua opção. O senhor defende a meritocracia. Deixe-me dizer-lhe uma coisa: se respeita à meritocracia, o senhor sabe que esse lugar que ocupa já não deveria ser ocupado por si, mas por outra pessoa.

Aplausos do PS.

Sr.as e Srs. Deputados, estamos a falar de um Governo descoordenado, ausente na resolução dos problemas do País, do custo de vida à saúde.

Na saúde é impressionante o passa-culpas: menos cirurgias, menos consultas, mais listas de espera, mais utentes sem médico de família, depois de um plano de transformação que é um autêntico bingo no incumprimento de promessas.

Sr.as e Srs. Deputados, este Governo assenta a sua estratégia numa fezada, com amuletos de pouca eficácia, onde a cada problema, uma desculpa, a cada problema, uma resposta, uma fuga às suas responsabilidades.

O Governo da AD anda a jogar às escondidas com os portugueses: nas tempestades, no apagão, nos incêndios, na barafunda dos exames nacionais, na morte trágica na sequência da greve do INEM ou na execução do PRR. Um Governo que se demite de liderar e de responder aos problemas. Um abandono que os portugueses sentem na pele.

Aplausos de Deputados do PS.

Mas digo mais: um Governo que governa há 2 anos, 3 meses e 14 dias. E, como diria o Prof. Aníbal Cavaco Silva, um Governo que, passados 6 meses, se desculpa com o Governo anterior, passa a si próprio um atestado de incompetência.

Aplausos do PS.

É isto que temos aqui à frente. Este Governo é um Governo que é ausente, incompetente, irresponsável e insensível. É ausente porque foge dos problemas; incompetente porque não só não resolveu, como agravou a maioria dos problemas. A vida dos portugueses está mais difícil em muitas áreas. A culpa é sempre dos outros, dos professores aos agrafadores. A insensibilidade é uma marca. No meio desta confusão, os professores deste País não vão esquecer-se que o Governo tentou que a responsabilidade desta confusão fosse sua.

Aplausos do PS.

Sr. Presidente, Sr. Primeiro-Ministro, a vida dos portugueses não é um jogo de casino. Nem podemos depender de quem acha que vai ter sorte ao jogo. Os portugueses exigem maturidade e seriedade. E há cada vez mais portugueses a perceber que só com o PS voltarão a ter um Governo que governe para todos, que não abandona os portugueses à sua sorte.

Aplausos do PS.

Protestos do PSD.

Este Governo é hoje um Governo incapaz de resolver os problemas centrais,…

O Sr. **António Mendonça Mendes** (PS): — Muito bem!

O Sr. **Eurico Brilhante Dias** (PS): — … da ausência do Primeiro-Ministro, da falta de coordenação, da insensibilidade para saber que está a tratar da vida dos portugueses. Há mais vida para além deste Governo. Mas este Sr. Primeiro-Ministro disse que queria trabalhar, que deixassem o Luís trabalhar. Olhe que a sorte dá muito trabalho e o senhor não tem trabalhado, continua a apostar na sorte.

Aplausos do PS, de pé.

Protestos do PSD e do CH.

O Sr. **Presidente** (Marcos Perestrello): — Sr. Deputado Brilhante Dias, tem dois pedidos de esclarecimento. Suponho, pelo tempo que tem, que responderá em conjunto.

Então, para o primeiro pedido de esclarecimento, tem a palavra o Sr. Deputado Emílio Guerreiro, do PSD.

Faça favor, Sr. Deputado.

O Sr. **Emídio Guerreiro** (PSD): — Sr. Presidente, cumprimento-o, cumprimento a Mesa, Sr. Primeiro-Ministro, Srs. Membros do Governo, Sr.as e Srs. Deputados.

Sr. Deputado Eurico Brilhante Dias, o PS está claramente em modo de pré-campanha eleitoral e tudo faz para tentar condicionar o Governo e impedir as reformas que os portugueses sufragaram.

O Sr. **Almiro Moreira** (PSD): — Muito bem!

O Sr. **Emídio Guerreiro** (PSD): — O PS entrou na onda da demagogia e do populismo. O Deputado José Luís Carneiro diz à terça-feira aquilo que o Deputado André Ventura disse na segunda-feira. Basicamente, veste a pele de cordeiro em lobo, nunca assumindo as suas responsabilidades e os erros do passado. E vai

mais longe: diz publicamente que não fala nem faz acordos com o Chega. Acusam o Governo e a AD de não dialogar convosco e preferir outros partidos para negociação. Diz uma coisa para os portugueses ouvirem, mas faz outra coisa na realidade.

Senão, vejamos: o Governo, nesta legislatura, apresentou 71 propostas de lei, 71 caminhos para reformar Portugal. Destas, 39 foram viabilizadas com os votos do PS e do Chega; 8 foram com os votos do Chega e 7 com os do PS.

O Governo, como sempre afirmou, no exercício de humildade democrática, negoceia com todos, sem parceiro preferencial, procurando pontos com quem estiver disponível para reformar Portugal. Mas o PS, que supostamente não fala nem negoceia com o Chega, já aprovou 5 projetos de lei do Chega e conseguiu que o Chega aprovasse 9 dos vossos projetos — 14 medidas contrárias ao Programa do Governo que este Parlamento viabilizou.

O Sr. **Eurico Brilhante Dias** (PS): — Oh pá!

O Sr. **Emídio Guerreiro** (PSD): — São 14 medidas com impactos financeiros de mais de mil milhões no próximo Orçamento.

O Sr. **José Luís Carneiro** (PS): — Quinze milhões!

O Sr. **Emídio Guerreiro** (PSD): — Torna-se evidente, Sr. Deputado, que se não falam, cochicham, e cochicham muito nos corredores.

O Sr. **Eurico Brilhante Dias** (PS): — Ui, e nas bancadas, então!…

O Sr. **Emídio Guerreiro** (PSD): — Obviamente, esta coligação negativa, estes cochichos, têm um objetivo claro: o de governar irresponsavelmente a partir do Parlamento, ao arrepio do vosso passado histórico. E assim fomenta uma crise política que os portugueses não querem.

A questão que lhe deixo é esta, Sr. Deputado: até onde está o PS disponível, indo neste rumo de irresponsabilidade? Quando veremos o PS assumir a sua responsabilidade e os erros do seu passado recente na governação?

O Sr. **António Mendonça Mendes** (PS): — Grande lata!

Aplausos do PS.

O Sr. **Presidente** (Marcos Perestrello): — Para um segundo pedido de esclarecimentos, tem a palavra o Sr. Deputado Cristóvão Norte, também do PSD.

O Sr. **Pedro Pinto** (CH): — Mais um choradinho!

O Sr. **Cristóvão Norte** (PSD): — Sr. Presidente, Sr.as e Srs. Deputados, Sr. Deputado Eurico Brilhante Dias, o Sr. Deputado e o seu partido trazem cartas, trazem tarôs e apelam até aos deuses no debate que se trava. Mas eu queria lembrar algo que é muito importante.

O senhor manifesta-se muito inconformado, o que contrasta flagrantemente com aquilo que foram oito anos de Governo do Partido Socialista, em que a gestão decorrente, a gestão de declínio, o conformismo e a apatia eram a carta mais marcante da vossa ação política.

Os senhores, com todo o respeito, a este Governo legaram duques. Um duque de espadas na habitação, um duque de ouros na imigração, um duque de copas na resposta aos mais desfavorecidos. Esse trabalho que os senhores não fizeram, e apontando hoje ao Sr. Ministro da Educação, permitam-me dizer-vos uma coisa: eu não me esqueço. E acho que as famílias seguramente também não se esquecem do que foram oito anos com falta de professores e nem uma única medida para garantir a coisa mais importante de todas,…

Aplausos do PSD.

O Sr. **José Luís Carneiro** (PS): — Não esquecem, não esquecem!…

O Sr. **Eurico Brilhante Dias** (PS): — E a Marta Temido também não esquece!

O Sr. **Cristóvão Norte** (PSD): — … que era que os alunos tivessem professor, tivessem aulas a Matemática, tivessem aulas a Português, garantissem essa igualdade de oportunidades e encontrassem essa resposta para o seu futuro.

Por isso, quero dizer que sempre que há uma mudança, sempre que se deseja fazer algo, a carta que lançam para a mesa é a explicação que querem dar ao País. É a política do «não vale a pena». Vamos baixar os impostos? Não vale a pena.

O Sr. **Fabian Figueiredo** (BE): — Também consegues, vale a pena!

O Sr. **Cristóvão Norte** (PSD): — Vamos mexer na saúde? Não vale a pena. Vamos investir na habitação? Não vale a pena. A única coisa que vale a pena — e isso mostra que o Partido Socialista não tem autocrítica —, é as políticas do Partido Socialista, em que os portugueses desejaram mudança. Os senhores não podem ser quem não são.

Aplausos do PSD.

O Sr. **Presidente** (Marcos Perestrello): — Para responder, tem a palavra o Sr. Deputado Eurico Brilhante Dias, que dispõe de todo o tempo que lá consta.

O Sr. **Eurico Brilhante Dias** (PS): — Sr. Presidente, Srs. Membros do Governo, Srs. Deputados, este número parlamentar é bem elucidativo do estado da governação.

Vozes do PSD: — Ah!…

O Sr. **Eurico Brilhante Dias** (PS): — O Grupo Parlamentar do PSD decide fazer perguntas à oposição em vez de ceder tempo para que o Governo respondesse às perguntas dos Deputados.

O Sr. **Ricardo Carvalho** (PSD): — Joguem às cartas!

O Sr. **Eurico Brilhante Dias** (PS): — E isso é bem o sintoma do estado a que os senhores chegaram.

Aplausos do PS.

Deixem-me dizer-vos: os senhores hoje não deixaram o Sr. Primeiro-Ministro — seguramente articulado, espero que tenham articulado essa posição entre o Governo e a bancada do PSD; ultimamente, essa articulação nem sempre é fácil, eu bem sei que não está cá o novo porta-voz, mas nunca se sabe — responder às perguntas do Governo para fazerem perguntas aos partidos da oposição. E deixe-me dizer que, ali de cima, eu disse uma coisa que é particularmente importante para si, que é algarvio, Sr. Deputado: «Passados seis meses, os governantes não devem atribuir as culpas ao Governo anterior. Ao fazê-lo, é um indicador seguro da incompetência do governante que o faz.» Aníbal Cavaco Silva.

Aplausos do PS.

Protestos do PSD.

E o senhor insiste, insiste, insiste.

O Sr. **Cristóvão Norte** (PSD): — Liga ao Sócrates!

O Sr. **Eurico Brilhante Dias** (PS): — Dois anos, três meses e 14 dias.

O Sr. **Cristóvão Norte** (PSD): — Liga ao Sócrates!

O Sr. **Eurico Brilhante Dias** (PS): — E nesses dois anos, três meses e 14 dias, mais listas de espera, menos cirurgia, menos consulta, mais utentes sem médico de família.

O Sr. **Cristóvão Norte** (PSD): — Estás sem inspiração!

O Sr. **Eurico Brilhante Dias** (PS): — Na educação, o Sr. Ministro destruiu um sistema fiável que funcionava há três décadas. Hoje, as famílias não sabem quando vão receber as notas.

Aplausos do PS.

Sr. Ministro de Finanças, o Sr. Primeiro-Ministro disse, em resposta ali ao Sr. Deputado Paulo Núncio, que estava preocupado porque os acordos entre o PS e eventualmente a extrema-direita valiam 1, 2, 1,3 mil milhões de euros de despesa permanente.

O Sr. **Paulo Núncio** (CDS-PP): — É mentira?

O Sr. **Eurico Brilhante Dias** (PS): — Este Governo, entre a Conta Geral do Estado de 2023 e a expectativa de despesa do Orçamento de 2026, só na administração central aumentou a despesa em 23 mil milhões de euros, Sr. Deputado — …

Aplausos do PS.

… 23 mil milhões de euros! Portanto, a irresponsabilidade na governação é bastante.

Os resultados estão aos olhos dos portugueses. O PSD já não deixa o Governo responder e pede à oposição que assuma as responsabilidades que só pode pedir ao Primeiro-Ministro.

Meus caros, nós não vamos em futebóis, vamo-nos concentrar na vida dos portugueses.

Aplausos do PS.

O Sr. **Presidente** (Marcos Perestrello): — Para uma intervenção, tem a palavra a Sr.ª Deputada Mariana Leitão, da Iniciativa Liberal.

A Sr.ª **Mariana Leitão** (IL): — Sr. Presidente, Sr. Primeiro-Ministro: Há umas horas, fez um exercício de propaganda e acho que tenho de usar esta oportunidade para repor a verdade, até porque na Iniciativa Liberal há três coisas de que nós não abdicamos: factos, dados e sempre a verdade.

O Sr. **Mário Amorim Lopes** (IL): — Muito bem!

A Sr.ª **Mariana Leitão** (IL): — Por isso, Sr. Primeiro-Ministro, a captação de investimento direto estrangeiro em 2025 foi a mais baixa desde 2020, ano da pandemia. Caiu 35 % de 2024 para 2025, exatamente o contrário daquilo que o Sr. Primeiro-Ministro disse.

Nomeações, dou-lhe três exemplos, até porque não tenho muito tempo: CCDR (Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional), uma vaga de nomeações para as vice-presidências que os senhores criaram; ULS, 69 % dos presidentes são próximos do PSD. Das direções distritais da Segurança Social saíram 15 socialistas, entraram 15 sociais-democratas.

O Sr. **Jorge Miguel Teixeira** (IL) : — Saiu rosa e entrou laranja!

A Sr.ª **Mariana Leitão** (IL): — Salários: os dados do Banco de Portugal dizem que o salário mínimo já vale 91 % do salário mediano. É esta a economia que o senhor vem aqui defender, a economia dos salários mínimos.

No IRS, referiram 50 vezes, ao longo deste debate, quatro descidas de IRS. Ora, essas quatro descidas de IRS nem sequer chegam a 25 € para quem ganha 1500 € por mês, Sr. Primeiro-Ministro, 25 €, quando tudo no nosso País aumentou! Fala num dos maiores aumentos de rendimento da OCDE, mas esquece o ponto de partida. Somos o sexto país mais pobre da União Europeia, sexto país mais pobre! Metade dos portugueses, metade, considera que o País está pior do que estava há um ano.

Sr. Primeiro-Ministro, isto não é catastrofismo ou pessimismo da Iniciativa Liberal. Isto é a realidade. É a realidade que o País sente todos os dias no seu dia a dia. Porque, Sr. Primeiro-Ministro, legitimidade nós sabemos que a tem, mas aquilo que o senhor prometeu aos portugueses para ter a legitimidade que eles lhe deram não é aquilo que o Sr. Primeiro-Ministro está a cumprir. Não é, porque a propaganda não muda a vida dos portugueses, não mete comida na mesa, não põe o País a crescer. Por isso, Sr. Primeiro-Ministro, por favor, não seja igual aos seus antecessores, não seja igual ao PS. Menos anúncio, menos propaganda, muito mais trabalho.

Aplausos da IL.

O Sr. **Presidente** (Marcos Perestrello): — Desta vez não há ninguém inscrito para pedidos de esclarecimento, mas há um pedido de palavra para intervenção, do Sr. Deputado Alexandre Poço.

Tem a palavra para o efeito, Sr. Deputado.

O Sr. **Alexandre Poço** (PSD): — Sr. Presidente, Sr.ªs e Srs. Deputados, Sr. Primeiro-Ministro, Srs. Membros do Governo: Permitam-me uma primeira palavra para o Ministro da Educação.

Sr. Ministro, neste momento, em que o País está a assistir a um empolamento político sem limites em torno de um tema sério, aquilo que gostava de destacar, nesta última intervenção do Grupo Parlamentar do PSD, é o seguinte: nós não estaríamos com o Ministro da Educação se ele não trabalhasse; nós não estaríamos com o Ministro da Educação se ele não quisesse mudar; nós não estaríamos com o Ministro da Educação se ele não tivesse coragem; nós não estaríamos com o Ministro da Educação que procurasse virar o País contra os professores.

Aplausos do PSD.

Nós, Sr. Ministro, nós estamos consigo porque o Ministro da Educação de Portugal está ao lado dos professores, está ao lado da mudança que nós temos de fazer neste País. E, Sr. Ministro, saiba que enquanto quiser mudar, saiba que enquanto quiser transformar, saiba que enquanto quiser dar futuro aos jovens portugueses, esperança a este País e garantir que a educação é um verdadeiro motor da ascensão da igualdade de oportunidades, da meritocracia, nós estaremos consigo.

Por outro lado, Sr.ªs e Srs. Deputados, permitam-me dizer o seguinte: neste debate também ficou claro que algumas questões não foram respondidas.

O Sr. **Eurico Brilhante Dias** (PS): — Várias! Dezoito perguntas!

O Sr. **Alexandre Poço** (PSD): — No início do debate, o Primeiro-Ministro fez um desafio muito claro ao líder do Partido Socialista. Fez um desafio claríssimo ao líder do Partido Socialista! Sabia o líder do Partido Socialista, anterior Ministro da Administração Interna de António Costa, sabia o líder do Partido Socialista, o Deputado José Luís Carneiro, que debaixo da sua gestão, enquanto governava, este País assistiu à maior mudança demográfica de que há memória na história da democracia portuguesa? A dúvida tem de ser esclarecida.

O Sr. **Paulo Núncio** (CDS-PP): — Bem lembrado!

O Sr. **Alexandre Poço** (PSD): — Porquê? Porque nós depois passamos o tempo a falar da pressão no SNS, da pressão na escola pública, da pressão no mercado da habitação, e o Deputado José Luís Carneiro é incapaz de dizer ao País: «Sim, eu que desmantelei o SEF, sim, eu que nada fiz para regular a imigração, sabia que debaixo do meu nariz estava a entrar 1 milhão de imigrantes em Portugal.» E este desafio não foi respondido.

Aplausos do PSD e do CDS-PP.

Protestos do PS.

Mas o País ainda vai ter tempo de ter a resposta por parte do Deputado José Luís Carneiro.

Permitam-me ainda dizer o seguinte sobre o Partido Socialista: nós já conhecemos o líder parlamentar do Partido Socialista há muito tempo.

Protestos do PS.

E nós sabemos bem que se há coisa que o Deputado Eurico Brilhante Dias não é famoso é pela sua humildade,…

Protestos do PS.

… pela lisura com que está no debate democrático. Se há coisa que nós sabemos é que o Deputado Eurico Brilhante Dias não é um político humilde, é muitas vezes rasteiro, é muitas vezes falso,…

Protestos do PS.

… é muitas vezes incapaz de reconhecer um tipo de argumentação política de um debate sério. Sr. Deputado, o País já conhecia a sua falta de vergonha, mas, com aquilo que acabou de fazer há pouco sobre este Governo e sobre o Ministro da Educação, hoje ficou a saber que tem um descaramento inacreditável.

Aplausos do PSD e do CDS-PP.

Permita-me também dizer o seguinte: neste debate ficou óbvio que, enquanto estamos a tratar do estado da Nação, há quem viva num estado de alucinação. E veja-se, Sr. Presidente, Sr.as e Srs. Deputados, o desafio muito claro que o Grupo Parlamentar do PSD fez hoje aqui ao Deputado André Ventura. Fez um desafio claríssimo:…

O Sr. **Pedro Pinto** (CH): — Claríssimo!

O Sr. **Alexandre Poço** (PSD): — … que dissesse do que é que discordava, mas que a seguir apresentasse uma alternativa.

Vozes do PSD: — Zero! Bola!

O Sr. **Alexandre Poço** (PSD): — E nós ficámos a saber que o Deputado André Ventura foi incapaz de apresentar uma alternativa. Critica por criticar, fala por falar, procura encher este debate apenas e só com crítica.

O Sr. **André Ventura** (CH): — Vocês é que não ouviram!

O Sr. **Alexandre Poço** (PSD): — O Sr. Deputado pensa que algum dia será primeiro-ministro deste País sem apresentar uma única proposta alternativa? Nunca! Só se este País estivesse endoidecido, e os portugueses não vão endoidecer com a sua falta de alternativa.

Aplausos do PSD e do CDS-PP.

Por fim, para terminar, permitam-me que diga o seguinte: o País hoje vive um bom momento. Há problemas, mas estamos aqui para os resolver. Há dificuldades, mas temos um Governo que não vira as costas. Há vontade de mudança, há, e nós estamos aqui para avançar num caminho de transformação. E hoje, ao longo deste debate, os Deputados do PSD, o próprio Primeiro-Ministro, deram dezenas de exemplos de medidas de transformação, de medidas de mudança, de um caminho que nós sabemos que vai gerar um País mais forte e os portugueses com melhor qualidade de vida.

O Sr. **Pedro Pinto** (CH): — Nota-se!

O Sr. **Alexandre Poço** (PSD): — No final do dia, esse é o nosso objetivo. Com esse nosso objetivo não vos devemos nada a vocês enquanto partidos da oposição, além da lisura, da clareza, da transparência e da vontade de diálogo. Mas nós devemos uma coisa aos portugueses que votaram em nós e que deram duas vitórias eleitorais ao Primeiro-Ministro, Luís Montenegro. Devemos ao País essa transformação. Devemos ao País esses resultados.

Portanto, Sr.as e Srs. Deputados, gostava de terminar dizendo o seguinte: não se preocupem, não se preocupem,…

O Sr. **Fabian Figueiredo** (BE): — Vamos ver os resultados na pauta amanhã!

O Sr. **Alexandre Poço** (PSD): — … porque isto foi o que fizemos em dois anos, e posso garantir-vos que ainda só estamos no início.

Aplausos do PSD, de pé, e do CDS-PP.

O Sr. **Presidente** (Marcos Perestrello): — Sr. Deputado Alexandre Poço, não o interrompi porque já não era possível apagar algumas das afirmações que o Sr. Deputado fez, mas o Sr. Deputado fez algumas afirmações para lá do que é a cordial relação entre colegas e eu apelava a que se evitasse, tanto quanto possível, no futuro, tais afirmações.

O Sr. **Hugo Soares** (PSD): — Parecia as suas conferências de imprensa para pior!

O Sr. **Presidente** (Marcos Perestrello): — O Sr. Deputado André Ventura está a pedir a palavra para que feito?

O Sr. **André Ventura** (CH): — É para uma interpelação à Mesa, Sr. Presidente, para fazer uma distribuição de documentos.

O Sr. **Presidente** (Marcos Perestrello): — Faça favor, Sr. Deputado.

O Sr. **André Ventura** (CH): — Sr. Presidente, nós gostaríamos de entregar ao Sr. Deputado Alexandre Poço e à bancada do PSD, tal como a todos os Deputados, a notícia que dá conta de que, no ano passado, foram entregues 2151 propostas e que o Chega foi o partido que mais propostas apresentou no Parlamento.

Aplausos do CH.

O Sr. **Presidente** (Marcos Perestrello): — O Sr. Deputado Eurico Dias está a pedir a palavra para que efeito?

O Sr. **Eurico Brilhante Dias** (PS): — Sr. Presidente, sobre a alegada falsidade das minhas afirmações, o que é descortês, e para confirmar a sua veracidade, farei distribuir a notícia que diz: «Esclarecimento do EduQA aos diretores escolares contraria a afirmação do Ministro da Educação, Fernando Alexandre.»

Aplausos do PS e da Deputada do L Filipa Pinto.

O Sr. **Presidente** (Marcos Perestrello): — Para uma intervenção, tem a palavra o Sr. Deputado Jorge Pinto.

O Sr. **Jorge Pinto** (L): — Sr. Presidente, Sr.as e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo, começo com uma correção, Sr. Deputado André Ventura: é falso quando diz que estamos em máximos de desemprego jovem. Muito mais desemprego havia nos tempos do Governo do Passos Coelho, quando o senhor estava ao lado dele a apoiá-lo convictamente.

Aplausos do L.

Protestos do CH.

Que o senhor minta não é surpresa, e também não é surpresa a sua falta de coragem. Já que apela ao Governo para apresentar uma moção de confiança, desafio-o a apresentar uma moção de censura, porque também o senhor tem essa capacidade. Tenha essa coragem!

Aplausos do L.

A Sr.ª **Rita Matias** (CH) — Coragem tiveste tu em ser o pior candidato presidencial!

O Sr. **Jorge Pinto** (L): — Não tem? Nós sabemos porquê. Já há um arranjinho com o PSD para a revisão constitucional. Da parte do Chega, isso não nos surpreende. Do PSD, essa irresponsabilidade, sim, surpreende-nos e é perigosa.

Aplausos do L.

O Sr. **Pedro Pinto** (CH): — Tem vergonha!

O Sr. **Presidente** (Marcos Perestrello): — Srs. Deputados, parece que não há mesmo, desta vez, mais inscrições. Quem tem tempo não faz sinal.

Passamos ao encerramento do debate e, para o efeito, tem a palavra o Sr. Ministro da Economia e da Coesão Territorial.

Burburinho na Sala.

Srs. Deputados, vamos criar condições para o Sr. Ministro encerrar o debate.

O Sr. **Ministro da Economia e da Coesão Territorial** (Manuel Castro Almeida): — Sr. Presidente, Sr.as e Srs. Deputados: No encerramento deste debate gostaria de concentrar a atenção em alguns pontos que são essenciais para compreender o estado da Nação — a difícil situação internacional que nos envolve,…

O Sr. **Eurico Brilhante Dias** (PS): — Só faltava dizer que era uma pandemia!

O Sr. **Ministro da Economia e da Coesão Territorial**: — … o espírito reformista que nos anima, o valor da estabilidade, da cooperação e da ambição para Portugal.

Quanto à situação internacional, estamos a viver o momento internacional mais difícil e complexo de toda a nossa história democrática: ruturas geopolíticas, como nunca tivemos, choques energéticos, guerras comerciais, conflitos armados que desafiam a nossa segurança e a nossa economia, riscos crescentes de incerteza e instabilidade nas relações entre Estados e organizações internacionais e, sobretudo, uma atmosfera de desordem à escala global com consequências sérias na nossa economia.

Apesar desta realidade profundamente adversa, Portugal tem aguentado e tem resistido bem. Temos hoje um crescimento económico que, sem ser ainda o desejável, está bem acima da média europeia. No primeiro trimestre deste ano, os últimos dados conhecidos, Portugal cresceu dois pontos percentuais acima da média da zona euro. Vivemos hoje um ambiente de quase pleno emprego, tendo Portugal registado em maio, o último dado conhecido, o maior volume de emprego deste século.

Continuamos a ter finanças públicas equilibradas, o que nos dá enorme credibilidade lá fora. É talvez por isso, Srs. Deputados, que em 2025 contratualizámos o maior volume de investimento direto estrangeiro de sempre, desde a Autoeuropa, como aqui afirmou, e muito bem, o Sr. Primeiro-Ministro.

Vozes do PSD: — Muito bem!

O Sr. **Ministro da Economia e da Coesão Territorial**: — A nossa dívida pública mantém uma trajetória descendente, o que num país com os nossos antecedentes é algo histórico. Os salários continuam a subir e, embora todos ambicionemos muito mais, a verdade é que tivemos em 2024 e 2025 dos maiores aumentos do salário médio real entre os países da OCDE. Em Portugal, o aumento de salários nestes dois anos atingiu, superou os 14 % em valores líquidos.

Nada disto faz de nós um oásis, Srs. Deputados, mas desmente a ideia do caos ou do desastre com que alguns, na oposição, pretendem pintar de forma fantasiosa e até maldosa a realidade portuguesa.

O Sr. **Paulo Cavaleiro** (PSD): — Muito bem!

O Sr. **Ministro da Economia e da Coesão Territorial**: — Este é um daqueles momentos em que mais se justifica ter orgulho em Portugal. Apesar da adversidade externa, somos um País que investe, que trabalha, que inova, que gera riqueza e que vai paulatinamente resolvendo os seus problemas sociais; um País que avança, que resiste e que prepara o seu futuro; um País que, mesmo na dificuldade, não desiste de trabalhar e de sonhar.

O Sr. **Pedro Pinto** (CH): — Agora a sério!

O Sr. **Ministro da Economia e da Coesão Territorial**: — Em segundo lugar, o ímpeto reformista que nos anima. Logo no início desta caminhada, o Primeiro-Ministro foi claro. Não estamos agarrados ao poder. Estamos vinculados, isso sim, a um projeto de mudança e de transformação do Estado e da economia. O poder pelo poder não serve nenhum ideal. Não estamos cá para administrar a estagnação. Chegámos para iniciar um novo ciclo de crescimento. O poder não é para ser ocupado, é para ser exercido em favor de um projeto reformista e transformador. E é isso que temos feito.

Nas políticas de imigração, introduzimos controlo, regulação e humanismo, sem precisar de denegrir os imigrantes ou de os acusar de serem perigosos, vândalos ou criminosos.

O Sr. **Pedro Pinto** (CH): — Alguns são!

O Sr. **Ministro da Economia e da Coesão Territorial**: — Nas políticas de habitação e arrendamento, estamos a mudar e a investir para combater uma crise séria que leva tempo a resolver, crise que outros criaram ou deixaram agravar durante oito anos de imobilismo e de desinvestimento.

Nas políticas infraestruturais, o TGV (*train à grande vitesse)* prometido durante anos foi finalmente desbloqueado,…

O Sr. **Rui Tavares** (L): — Eh lá!

O Sr. **Ministro da Economia e da Coesão Territorial**: — … a localização do novo aeroporto foi finalmente decidida, acabando com uma novela interminável.

Nas políticas de inovação, a nova Agência para a Investigação e Inovação gerou polémica, como no passado — o CCB (Centro Cultural de Belém) ou a Ponte Vasco da Gama também geraram polémica —, mas é um passo essencial para transformar conhecimento em valor, inovação em crescimento e talento em desenvolvimento sustentável.

Nas políticas sociais, seja na saúde, na educação ou na PSU, as reformas avançam, terminando com anos de degradação dos nossos serviços públicos.

Na reforma do Estado, no pesadelo dos licenciamentos, na contratação pública ou no combate à burocracia, as promessas não cumpridas do passado, mesmo em Governos de maioria absoluta, dão agora lugar a decisões reformadoras, mesmo sendo este um Governo minoritário.

Enquanto uns falam de reformas, nós estamos realmente a fazê-las,…

Aplausos do PSD.

… com diálogo, mas com determinação. O imobilismo ou a paralisia foram a marca do passado, mas não são o nosso padrão do presente, nem o caminho do futuro.

Imaginem, Sr.as e Srs. Deputados, onde poderia estar Portugal hoje se ao longo das últimas décadas tivéssemos escolhido mais vezes o caminho das reformas. Teríamos uma economia mais robusta, empresas mais competitivas, salários mais elevados, uma Administração Pública mais moderna, mais capacidade para fixar o talento dos nossos jovens, mais confiança no futuro.

E, finalmente, Srs. Deputados, a ideia de estabilidade, cooperação e ambição. A poucos meses do próximo debate orçamental, importa reafirmar que somos pela estabilidade e queremos cumprir a legislatura, Sr. Deputado André Ventura.

O Sr. **Paulo Núncio** (CDS-PP): — Bem!

O Sr. **Ministro da Economia e da Coesão Territorial**: — O Governo não será fator de crise ou de instabilidade. Esperemos que as oposições tenham o mesmo sentido de responsabilidade.

Somos pela cooperação com o Sr. Presidente da República e com a Assembleia da República — é esse o nosso dever democrático. Atenção: a estabilidade protege o País e a cooperação ajuda, mas só a ambição é verdadeiramente transformadora, em especial na economia.

Daí a clareza dos nossos desígnios estratégicos: apostar na forte melhoria da nossa produtividade — este é o problema número um da nossa economia; apoiar os investimentos que garantam maior intensidade tecnológica; investir ainda mais na internacionalização, levando as nossas exportações para um patamar acima dos 50 % do PIB; levar a inteligência artificial até às pequenas e médias empresas — o investimento em inteligência artificial não pode ficar confinado aos grandes grupos económicos ou aos laboratórios do Estado; e, finalmente, acelerar a guerra à burocracia e reformar a justiça económica — essa é essencial para atrair mais investimento.

Crescer mais durante um ano é uma boa notícia, mas só crescer mais durante vários anos seguidos e de forma sustentável é mudar Portugal.

Aplausos do PSD e do CDS-PP.

Um País com nove séculos de história não pode aceitar a estagnação como destino. A nossa ambição é a ambição dos portugueses: ajudar a construir um País mais próspero e mais rico como condição para uma sociedade mais coesa, mais solidária e mais justa.

Aplausos do PSD e do CDS-PP.

O Sr. **Presidente** (Marcos Perestrello): — Chegámos, assim, ao fim do nosso debate. Agradeço ao Governo a sua presença.

Queria informar a Câmara que voltamos a reunir amanhã às 10 horas. Há a eleição do Presidente do Conselho Nacional de Educação e de um outro membro do mesmo Conselho. E chamo a atenção dos Srs. Deputados que as votações serão possivelmente antes das 11 horas. A ordem de trabalhos está disponível nos *sites* institucionais.

Muito obrigado e até amanhã, Srs. Deputados.

Eram 20 horas e 18 minutos.

Presenças e faltas dos Deputados à reunião plenária.

A DIVISÃO DE REDAÇÃO.